



À espera do
amanhã
a certeza do reencontro

Diana Machado
~ pelo Espírito Antônio Bento

CASA EDITORA
O CLARIM

À Espera do Amanhã

A certeza do reencontro

Diana Machado, pelo Espírito Antônio Bento

À Espera do Amanhã

A certeza do reencontro

Matão, SP
1ª edição
2016
CASA EDITORA
O CLARIM

Copyright © 2016 *by*

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: abril/2016, 6 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN 978-85-7357-148-6

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Lúcia Helena Lahoz Morelli

Catálogo na Publicação (CIP)

M149e Machado, Diana

À Espera do Amanhã / Antônio Bento, [psicografado por] Diana Machado. – 1. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2016.

272p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-148-6

1. Espiritismo. 2. Romance mediúnico. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Dedicatória e agradecimentos

Ao longo da trajetória terrena, observo a dor da perda, assim como as consequências que causa ao nosso mundo interno, e percebo que, independentemente da fé que guie nossos passos, dificilmente estaremos devidamente preparados para essa momentânea separação. Mesmo crendo firmemente que sejam meros minutos diante da eternidade da alma, ou entendendo-a como um “até breve” da companhia física de nossos amores, ainda assim as lágrimas e a dor serão inevitáveis.

Durante esta psicografia, infelizmente presenciei a ruptura dessas relações de forma abrupta e inesperada, não apenas no seio de minha amada família, mas ainda na vida de amigos queridos, que tiveram tolhida a doce presença de seus filhos de sua companhia. Com certeza, a morte, ainda que pelas diferentes formas que se exponha - seja por meio de um acidente, ou através da luta contra uma doença incurável, ou ainda pela violência sofrida -, traz a todos a mesma angústia. A maneira como ela ocorre em nada minimiza a intensidade da dor que se percebe nos olhos dos pais que ficam privados da presença física de seus filhos; diante deles, entre um abraço afetuoso oferecido, sente-se o apelo silencioso por uma explicação palpável para essa dolorosa provação.

O que dizer nessas horas? Quais seriam as palavras certas para confortar alguém diante da perda da sua própria alma? Nesses momentos, eu me calo e penso nas palavras do Evangelho que trazem à minha memória a sublime mensagem do Mestre: “Pedi e obtereis, batei e a porta abrir-vos-á”, e, através da oração, bato à porta de nosso Pai e rogo pelo Seu conforto e amparo. Oro para que, tanto aquele que parte do plano físico, como aquele que permanece nas lutas diárias tenham suas forças redobradas, a fim de que possam enfrentar, com serenidade e equilíbrio, os dias que se seguirão aos seus processos evolutivos. Solicito ao nosso Pai de bondade e amor que os abrace firmemente e acalente-os, e que eles possam perdoar a minha falta de habilidade para encontrar as palavras capazes de amenizar seus sofrimentos, pois as únicas que vêm à minha mente são: – Confie em Deus! Seus filhos vivem e estão amparados!

Por essa razão, dedico esta história ao nosso querido Henrique, aos seus pais Sílvia e João Reus, aos seus irmãos Alexandra e João Antônio, e ao seu amor, nossa querida Raísa, bem como aos membros da nossa amada família, que todos os dias se fortalecem através do amor, do respeito e da união, mantendo-se como um verdadeiro arrimo um do outro, nos momentos difíceis desta jornada. E a todos os nossos amigos, que constituem o nosso conforto através do abraço terno, repleto de carinho e amparo.

Dedico aos meus amigos e irmãos, com quem tenho o privilégio de conviver nesta jornada evolutiva e pelos quais oro todos os dias, para que eles encontrem no Pai Celestial a força precisa para suportar a momentânea separação de seus filhos e de seus amores, através do desencarne.

Dedico a todos os pais, familiares e amigos, que choram pela ausência de seus entes queridos e que buscam respostas para esse doloroso instante, pois, embora não os conheça, compreendo e respeito suas lágrimas.

Dedico a todos os espíritos que retornam à Espiritualidade levando consigo a frustração dos sonhos a realizar e a saudade compartilhada pelos seus afetos, rogando pelo seu despertar para as novas possibilidades que se descortinarão à sua frente, em um novo mundo.

Dedico aos meus irmãos da Casa Espírita Emmanuel, que compartilham comigo os ensinamentos dessa abençoada doutrina que ensina a todos nós a importância do caminho do autoconhecimento embasado na fé.

Dedico aos abnegados amigos espirituais, que guiam a humanidade através dos séculos e pelos diferentes mundos habitados, sendo fiéis missionários do Mundo Maior e atuando como nossos orientadores e mestres nas marchas traçadas ao encontro do nosso Pai Celestial.

Agradeço, enfim, a Deus pela vida eterna, pela fé que anima minha alma, pelas bênçãos de amor que recebo ao longo desta caminhada. Ao meu querido amigo espiritual Antônio Bento, pelo privilégio de haver sido escolhida como instrumento para traduzir suas palavras e registrar esta linda história de amor. E agradeço, ainda, ao meu amigo Nadyr, que gentilmente se prontificou a executar a revisão ortográfica deste livro e leu cada capítulo com atenção e carinho, tecendo sempre palavras encorajadoras.

Que esta obra possa trazer a análise desse momento de separação por outra perspectiva, permitindo que, ao invés de lamentarmos a perda, todos nós, unidos pela oração, possamos agradecer a Deus pela bênção que nos concede de sentirmos saudade do amor que tivemos o privilégio de partilhar em nossas vidas, pois essa conquista seguirá conosco e unirá os nossos espíritos pela eternidade, independentemente do mundo em que estejamos, seja físico ou espiritual.

Espero que este livro possa apresentar aos meus irmãos suaves palavras de conforto e um olhar amplo sobre a realidade que nos cerca, em que a morte não é compreendida como fim, mas como o retorno ao nosso verdadeiro lar - a Pátria Espiritual - e o recomeço de um novo ciclo, no qual os sonhos e as conquistas poderão ser realizados, porém agora em novas paragens, junto de Deus. E, caso não creiam na reencarnação da alma e nessa abençoada doutrina,

não há problema; apenas peço que busquem em Deus o conforto para suas aflições e nas palavras do Evangelho o manancial para o repouso de suas almas, crendo na verdade absoluta: Deus é amor, bondade e justiça!

Infelizmente, não há como extirpar a saudade que experimentamos. Essa lacuna persistirá até o nosso regresso à Espiritualidade. Peçamos, contudo, a Deus que permita que esse sentimento de ausência nos seja tranquilo, amparado na fé ardente, na “espera do amanhã” e na “certeza do reencontro” que em breve ocorrerá, em uma das muitas moradas existentes na casa do nosso Pai.

Com carinho,

Diana Machado

Comentários iniciais

A morte prematura de um filho ocasiona a quebra de um paradigma, pois não deveríamos nós, os genitores, sermos os primeiros a retornar à Espiritualidade?! Esse momento doloroso, além de sofrimento aos pais, familiares e amigos, causa a estranha sensação de que nada está no seu devido lugar, pois o desencarne em tenra idade ou na fase de adolescência e juventude sempre é motivo de comoção, inconformismo e tristeza para todos, permanecendo a terrível percepção de total impotência diante dos acontecimentos da vida.

Para os pais, as perguntas inevitáveis são: Por que, meu Deus, isso aconteceu? Por que comigo? Por que meu filho, que ainda tinha uma vida inteira para viver? Que fiz eu para merecer tamanha dor? A busca pelas respostas que tanto angustiam permite-nos, algumas vezes, modificar nossos conceitos de vida e morte, levando-nos a refletir a respeito da justiça de Deus e das leis de causa e efeito, ação e reação, que regem os mundos.

Sem dúvida, o sofrimento pela perda de um filho é dilacerante e inimaginável a quem não experimentou tamanho impacto na presente reencarnação. Contudo, muitas vezes é nessas horas de dor que meditamos acerca do sentido maior da vida, levando-nos a

profundos questionamentos sobre a Justiça Divina. Ora, crer na Justiça Divina contrasta com o pensamento de que houve injustiça pela morte prematura de um filho. E novamente nos perguntamos: Por que, dentre tantos, justo comigo? Todavia, a reflexão em que deveríamos basear nossos pensamentos é que a Justiça é igual para todos, sem exceção, portanto: - Por que não comigo?! E assim constatar que, se a Justiça Divina alcança a todos, indistintamente, certamente não pode estar errada em relação a nós.

Diante desses argumentos, gostaria de deixar ao leitor a sublime reflexão escrita pelo meu querido irmão, João Reus, diante da perda prematura de seu filho Henrique, que retornou à pátria espiritual no ano de 2014, com apenas 33 anos, em trágico acidente automobilístico. Suas palavras tocaram profundamente minha alma, soando como uma verdadeira oração a Deus e reafirmando a visão de que é nosso dever, diante da dor, retirar dela o que de melhor pode nos oferecer: o crescimento espiritual, a reafirmação da fé e o entendimento em relação aos desígnios de Nosso Pai Maior.

Por esse motivo, solicitei a sua autorização, bem como a da Espiritualidade Maior, para que estas palavras pudessem constituir a abertura desta obra, pois, assim como a narrativa que se apresenta a seguir, esta mensagem não apenas nos recorda em relação à suave presença de Deus em todos os momentos de nossas vidas, mas ressalta acerca da responsabilidade que nos cabe de ressurgir com

força, confiança e fé, todos os dias, independentemente daquilo que estivermos experimentando durante a jornada terrena.

É bem verdade que esta obra relata uma linda história de meu querido amigo espiritual Antônio Bento, porém confesso que, em cada palavra, permanece parte do meu amor e do meu coração, uma vez que, em cada linha psicografada, tive a oportunidade de refletir sobre a imensa bênção que constitui a doutrina codificada por Kardec, capaz de serenar nosso espírito lembrando-nos que, independentemente da fé que possamos professar, ninguém pode permanecer imune à dor da saudade de um grande amor. Contudo, crendo na eternidade e no constante aprendizado que se perpetua pelos séculos, ora no plano físico, ora na Espiritualidade, essa saudade permanecerá serena e tranquila, pois estará resignada na fé e alicerçada na certeza de que os laços do amor rompem os mundos e sobrevivem além da vida.

Se acaso neste momento, caro leitor, a dor faça parte do seu caminho nas mais diferentes formas que se possa apresentar, nada tema. Relembre as palavras do Mestre Jesus: “No mundo tereis aflições, mas não temais, pois Eu venci o mundo”. Ou seja, as aflições são importantes instrumentos de reajustes e, apesar de algumas vezes as julgarmos profundamente dilacerantes e imensuráveis, elas constituem sagrados roteiros de aprendizado à nossa evolução e ao nosso autoconhecimento.

Infelizmente, na maioria das vezes, é através da dor que repensamos ações e conceitos, que revolvemos a alma e despertamos para valores imprescindíveis à nossa escalada rumo a questões relativas ao nosso “mundo” interno e ao resgate e/ou aprimoramento de valores morais, tais como: o amor, a caridade, a fraternidade e a fé.

Enfim, rogo que possamos, diante do sofrimento, permanecer apaziguados e confortados no Senhor, que é fonte de paz e de amor supremo.

Que possamos manter, em nossas vidas, diretrizes sólidas embasadas na Sua palavra, a fim de nos lembrarmos de que, embora possamos enfrentar momentos de extrema angústia nesta passagem pelo plano terreno, e nem sempre a vida nos apresentar, em sua totalidade, o mesmo sabor, cor, beleza ou alegria que um dia tivemos o privilégio de vivenciar, ainda assim devemos ser gratos pelas bênçãos recebidas e louvar Nosso Pai Celestial, através de nossa fé e do nosso constante aprimoramento por meio da prática do bem. Lembremo-nos de que, ainda que as horas amargas pareçam intermináveis, elas na verdade representam meros segundos diante do nosso maior legado – a eternidade da alma.

Finalizo com as sábias e doces palavras de meu amado irmão. O texto a seguir é de sua autoria:

Amor de pai é o amor-próprio transferido de si à sua criação, armadilha da natureza e desvio do dever, já que amar é servir igualmente a toda criação de Deus.

Se o mandamento do Pai é: “Amar a teu Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”, por que eu choro todos os dias a perda de meu filho e não choro pela passagem dos filhos dos outros, com a mesma intensidade? Isso ocorre porque ainda não aprendi, verdadeiramente, a amar ao próximo.

Amo apenas a mim e aquilo que simboliza a extensão de meu ser; dos outros, eu apenas gosto. Choro pela perda de meu filho ou choro pela perda de sua companhia e do prazer de ser pai? No fundo, minha dor é egoísmo e eu choro, sim, pelo fim de uma felicidade que me pertencia e que em nada era dividida com os outros.

Não me abate o ânimo saber dos pais que não geraram filhos para seu deleite, ou ainda dos pais que têm seus filhos em hospitais, ou perdidos nas cadeias, ou nos vícios do mundo.

Muitas vezes me perguntei, enquanto minha esposa dormia ao meu lado, qual o castigo por amá-la tanto e como poderia amar ainda mais a Deus do que a ela. Qual seria o castigo por não admitir uma vida sem meus filhos?

Creio que, dolorosamente, descobri a resposta. O castigo é o próprio amor quando possessivo e egoísta, que nos embriaga de felicidade deixando-nos cegos para as mazelas dos outros. Diferente

do amor fraterno que faz os outros felizes, esse amor fortalece o apego e aumenta o desejo de eternizar momentos e afetos em um mundo inconstante e passageiro.

Neste momento, somente posso suportar essa perda porque creio em um Ser criador e sábio. É na oração, na entrega e na confiança em sua infinita sabedoria, que me permito descansar.

Quando recebo a solidariedade de tantas pessoas que choram junto comigo, completamente sintonizadas com minha dor, é que compreendo que, inconscientemente, *amamos ao próximo como a nós mesmos*, pois somos frutos da mesma fonte de vida.

Quando compreendo que nem mesmo o amor de minha esposa e o calor do abraço dos filhos, da família e dos amigos bastam para aplacar a angústia, e que ela somente ameniza e aos poucos vai serenando quando rogo a Deus que acalme meu coração, é que entendo o porquê de: *“Amar a Deus sobre todas as coisas!”*.

João Reus Alves de Castro

Capítulo 1. Rumo a novos conhecimentos

A noite caía singela, trazendo uma brisa suave e delicada; a luz do luar incidindo sobre os lindos canteiros de flores do jardim era um convite ao deleite e à meditação.

Antônio retornava ao seu quarto, após um longo dia de muito trabalho nas enfermarias da Colônia São Luiz. Apesar do tempo utilizado e das energias espargidas em prol dos irmãos, ele não se sentia cansado. Ao contrário, sentia-se repleto de júbilo por ter sido útil de alguma forma aos seus companheiros de jornada, que por ora necessitavam de cuidados e atenção. Olhou para o céu e, diante da beleza daquela noite estrelada, pensou: “Como podemos não perceber a magnitude de Deus presente na natureza? Como podemos nos manter cegos diante da soberania de Nosso Pai que se ergue à frente dos nossos olhos?”.

- Boa pergunta, meu filho! - respondeu seu avô Bento, sorrindo.

- Vovô, como é bom vê-lo! Estava com saudades de você!

Bento abraçou-o, dizendo:

- Felizmente já não é mais o mesmo garoto que chegou à Colônia São Luiz; atualmente, posso deixá-lo entregue às suas próprias escolhas, sem receio.

- Sendo assim, talvez devesse cometer alguma travessura, para ter o prazer de sua companhia com maior frequência.

Ambos riram daquele comentário, que trazia veracidade, uma vez que, à medida que o espírito restabelece seu equilíbrio e assume suas responsabilidades diante da vida espiritual à qual se encontra engajado, os amigos espirituais que o orientam, percebendo sua segurança diante das leis divinas, afastam-se a fim de deixá-lo livre para viver suas escolhas.

Realmente, Antônio havia chegado à Colônia São Luiz havia vários anos e já possuía o conhecimento e a consciência mandatória diante das leis naturais que regem o universo. Seu avô, Bento, era seu companheiro de muitas jornadas, e trazia em sua bagagem espiritual um alto grau de conhecimento adquirido ao longo das reencarnações e dos trabalhos desenvolvidos em benefício dos seus semelhantes.

Bento falou com certa seriedade:

- Antônio, gostaria de fazer-lhe um convite.
- Diga, vovô! Do que se trata?
- Apreciaria muitíssimo que viesse comigo, por um breve período, auxiliar-me em algumas atividades específicas na Colônia Santa Marta. Já falei com Joel sobre este assunto e ele acredita que seria salutar ao seu atual estágio espiritual, pois esse trabalho abriria

novas oportunidades de aprendizado e ampliaria sua visão sobre as aflições da alma.

- Nem precisa falar novamente, vovô! Irei com prazer, pois estou sempre sedento por novos aprendizados - proferiu Antônio, com imensa alegria.

Bento sorriu satisfeito:

- Nem mesmo deseja saber do que se trata?

- Claro que sim! Por favor, prossiga.

- A Colônia Santa Marta está localizada na esfera espiritual sobre o centro da cidade do Rio de Janeiro. Você conhece amplamente as atividades de resgate da Colônia São Luiz, cujo foco principal são espíritos reincidentes nas fragilidades dos vícios milenares que trazemos conosco. Contudo, a Santa Marta destina-se a outro grupo específico de espíritos que, embora tenham sido preparados para exercer na Terra a divulgação da palavra de Deus, infelizmente, sob o véu do esquecimento, deixaram-se levar pelos antigos vícios e falharam no desenvolvimento dos roteiros traçados pela Espiritualidade Maior.

- Mas todos nós estamos sujeitos a falhas, vovô! - Antônio falou com brandura.

- É claro, meu filho! Muitos espíritos, ao reencarnarem, se esquecem das verdades espirituais e distanciam-se de Deus. Depois de passarem um longo período na Espiritualidade, estudando e se

preparando para a sublime tarefa de transmitir ao homem as verdades eternas de Nosso Pai, ao se encontrarem finalmente presos ao corpo de carne, deixam-se levar pelas fascinações do mundo e distanciam-se do trabalho a ser realizado. *Como diz o Evangelho de Lucas, "Porque a todo aquele a quem muito foi dado, muito será pedido, e aos que muito confiaram, mais contas lhes tomarão"*.

- Isto era algo que me intrigava, quando adentrei nesta colônia - comentou Antônio -, pois pensava: "Como podemos não ter ideia de Deus e de nossas responsabilidades, se, ao desencarnarmos, deparamos com a realidade espiritual? Não deveríamos guardar resquícios das lembranças de nossa vida imaterial?". Somente após ter frequentado as aulas nos Centros de Reabilitação da alma, pude compreender esses fatos.

- É verdade! - afirmou Bento. - Esse é um questionamento pertinente e muitos espíritos, ao desencarnarem, discutem esse fato. Entretanto, como você já possui conhecimento suficiente, responda-me: Por que motivo isso ocorre com a grande maioria dos espíritos?

Antônio sorriu e disse:

- Isso seria uma prova relâmpago, como diriam os professores da Terra?

- Claro que sim! - afirmou Bento. - Como avô, gostaria de saber como está o seu nível de conhecimento e aprendizado.

E sorriu satisfeito.

Em tom sério, Antônio respondeu:

- Aprendi que existem alguns fatores que contribuem para que isso ocorra. O esquecimento do passado se dá para que o espírito possa percorrer os seus novos caminhos, facilitando, assim, o aprendizado e a reparação das faltas cometidas.

- Sim, você está correto! - afirmou Bento. - Nosso Pai de bondade e misericórdia concede ao homem o privilégio do esquecimento para facilitar seus caminhos, pois pense nas inúmeras aflições pelas quais passaríamos ao recordarmo-nos de nosso passado espiritual e ao reencontrarmos inimigos do ontem ao nosso lado, não é mesmo?

Antônio prosseguiu:

- Aprendi, ainda, que existem certas limitações físicas e que o cérebro humano não conseguiria receber a carga de emoções, sensações e imagens do passado somadas à sua existência física atual. E que, ainda, existem espíritos que saem da vida espiritual e entram na vida física, sem nem mesmo perceberem essa mudança.

- Exatamente, Antônio! Portanto, a consciência da Espiritualidade faz parte das nossas conquistas e das nossas aquisições espirituais e estas farão parte de nossa bagagem. Ao retornarmos à Pátria Espiritual, despertaremos para as verdades eternas, e nosso grau de felicidade ou infelicidade dependerá da nossa realidade íntima. Ou seja, nosso nível de consciência dependerá dos pensamentos, ações e ligações mentais que

estabelecemos, bem como da nossa luta diária para vencermos nossas imperfeições e nossos vícios seculares.

- Que saudades de conversar com você, vovô, pois sempre traz elucidações às minhas inquietações de forma clara e simples. Gostaria de possuir seu coeficiente de conhecimento.

- Meu filho, não se iluda! Meu passado de erros traz inúmeras mazelas que necessito corrigir e para isso venho me preparando ao longo dos anos. Para tanto, se faz necessário aprender, estudar e trabalhar, pois esses instrumentos preciosos compõem o único caminho possível à libertação de nossa alma. Contudo, esse não é o foco de nossa conversa neste momento. Então, você virá comigo?

- É claro! Mal posso esperar para acompanhá-lo.

- Daqui a cinco dias virei buscá-lo; esse tempo é suficiente para que você repasse suas atividades?

- Sim, com certeza. Amanhã mesmo irei falar com Joel - respondeu Antônio, satisfeito.

- Então, estamos combinados, meu filho!

E, entre abraços e sorrisos, eles se despediram.

Capítulo 2. A Colônia Santa Marta

Repleto de alegria, Antônio abraçou sua avó Olívia, que o aguardava ansiosa na entrada da Colônia Santa Marta. Após seu despertar na Espiritualidade, sua avó permanecera nessa colônia, pois ela e Bento eram espíritos unidos pela afinidade e pelos laços de amor que os séculos se encarregam de estabelecer entre as criaturas. Suas atividades na Terra, em benefício do próximo, haviam dado a ambos o privilégio de manterem-se na mesma colônia e, juntos, continuarem seu aprendizado na escalada evolutiva.

Olívia, como uma avó afetuosa que sempre fora, abraçou e beijou Antônio e disse-lhe com carinho:

- Filho querido, como é maravilhoso compartilhar da sua companhia neste abençoado educandário. Venha conosco! Seu quarto está à sua espera e espero que aprecie!

- Que maravilha, vovó! Finalmente vou reviver os bons tempos em que ficava na sua casa!

Antônio observava, atentamente, tudo à sua volta. Santa Marta era linda e similar à Colônia São Luiz em termos de arquitetura, embora tivesse suas próprias particularidades. Havia um grande lago central que oferecia um toque especial ao cenário e, à sua volta, inúmeras flores coloridas e lindíssimas cediam uma sensação de paz

e alegria à atmosfera. À margem do lado direito, havia duas árvores frondosas que doavam uma sombra convidativa a contemplação e boa leitura. Inúmeros bancos estavam dispostos sob essas duas árvores, nos quais muitos moradores permaneciam sentados, alguns em grupos conversando, outros lendo ou apenas contemplando a linda paisagem. Uma ponte de madeira, delicadamente esculpida em formato de arco, ligava as duas margens do grande lago e, ainda, podia-se observar a beleza das flores de jasmim, que cresciam e enfeitavam os suportes laterais em toda sua extensão, originando um delicioso aroma ao ambiente.

Apesar da beleza que todos contemplavam, Antônio percebia o olhar triste e compungido de muitos irmãos. Bento, sempre atento ao neto, falou com serenidade:

- Todo erro cometido traz uma lição difícil de ser aprendida; sendo realidade que todos estamos em estágio de evolução e, portanto, sujeitos ao erro, a terapia do autoperdão se faz imprescindível, atendendo à proposta da ação responsável que troca o peso da culpa pela carga educativa da responsabilidade e da reeducação espiritual.

- Sim, vovô, mas sabemos que levamos um tempo para assimilar essa preciosa lição.

- Claro, filho! Cá estamos para auxiliar nossos irmãos a reencontrarem-se com seus destinos e retomarem o caminho da

autoiluminação. Sei que você tem mil perguntas, mas quero que reencontre uma amiga em especial que está à sua espera.

- Quem, vovô?!

- Ela está sentada logo ali às margens do lago; veja você mesmo.

Antônio virou-se e deparou com o lindo sorriso de Lucila. Ele foi ao seu encontro e a abraçou com carinho, dizendo:

- Que prazer revê-la, minha amiga!

- Fiquei muito feliz em saber que você viria passar um tempo conosco na Colônia Santa Marta, ampliando seu aprendizado em novas tarefas.

- Estar junto de vocês é um privilégio, mas confesso que fiquei apreensivo em deixar Tarcísio. Você sabe que ele se tornou um querido irmão caçula, muito parecido comigo quando cheguei à Colônia São Luiz, sempre repleto de perguntas, dúvidas e curiosidade.

E Lucila completou:

- Você era assim, ou continua?! Lembro-me bem de que a inquietude faz parte de seu espírito, mas isso não é um defeito; ao contrário, na dose certa, é algo muito salutar.

Ambos riram e Lucila continuou:

- Saiba que é exatamente dessa forma que ele se sente em relação a você, mas, não se preocupe, tenho permanecido muito atenta a

meu irmão e ele tem se mostrado proativo com relação ao seu aprendizado e aos trabalhos na Colônia São Luiz.

- Venha até aqui, quero que conheça alguém! - E apontou para uma linda jovem sentada no banco em frente ao lago.

- Esta é Luiza, recém-chegada da Terra. Assim como você, quando chegou à São Luiz, estava cheia de dúvidas e questionamentos.

Luiza era uma bela jovem de estatura mediana e possuía um sorriso meigo e encantador, olhos negros penetrantes, longos cabelos lisos e castanhos, que desciam até a altura da cintura.

Ela sorriu timidamente e falou:

- É um prazer conhecê-lo, Antônio. Lucila falou-me sobre você e sobre o fato de ter ajudado seu irmão a despertar para os valores espirituais que compreendem nossa caminhada evolutiva. Estava ansiosa por conhecê-lo; quem sabe você não consegue auxiliar-me da mesma forma?!

- Será um prazer! - respondeu Antônio. - Contudo, não coloque em mim qualidades que não possuo. Sou apenas um aprendiz, assim como você. No entanto, percebo em você serenidade e paz, ou seja, vibrações de equilíbrio que levei anos para conquistar. Por esse motivo, creio que deva ser você a auxiliar-me, não?!

Todos riram da colocação e Lucila completou:

- Na realidade, Luiza está preocupada com o pai, Dr. Rubens. Ela retornou à Espiritualidade há um ano. Sua missão seria breve e deveria auxiliá-lo a reencontrar os valores sagrados da fé, através da doutrina espírita. Rubens preparou-se durante um longo período para o retorno. Seu trabalho seria tornar-se médico e trabalhar junto com a Espiritualidade, sanando as dores do corpo e confortando os espíritos no intuito de tranquilizá-los para o retorno, quando necessário. Para tanto, Rubens iria se reencontrar com a doutrina espírita, a fim de reaver os conhecimentos adquiridos nesta colônia.

Luiza tomou a palavra:

- Os roteiros reencarnatórios foram cuidadosamente traçados. Lúcia reencarnaria, primeiramente, a fim de induzi-lo na prática da doutrina kardecista. Ela possui séculos de aprendizado e carrega em si a preciosa bagagem da fé e das verdades eternas relativas às vidas sucessivas.

Lucila continuou:

- Infelizmente, retornando ao corpo físico, inúmeras vezes nossa alma se prende ao materialismo; apesar de Lúcia, desde a infância, tentar repassar a Rubens os valores nobres da doutrina, como a imortalidade da alma, ele sempre se mostrou temeroso sobre o assunto. Parte dessa reação tem por base os resquícios de lembranças penosas mantidas no seu inconsciente referentes ao seu último estágio evolutivo na Terra, quando passou por doloroso processo e

longo período no umbral. Por esse motivo, Rubens traz consigo o pavor da “morte”.

- Bem, este assunto requer longa conversação, e você está apenas chegando a este educandário e necessita primeiramente se ambientar aos trabalhos da colônia. Siga com seus avós, que o aguardam ansiosos, e falaremos em outra oportunidade - completou Lucila.

- Será um imenso prazer auxiliá-la no que for possível. Basta me dizer como posso ser útil - finalizou Antônio.

E, despedindo-se de Lucila e Luiza, foi ao encontro dos avós que o aguardavam sentados sob a generosa sombra de um ipê.

Capítulo 3. A dor da saudade

Sentado na varanda, observava o luar e as estrelas que cintilavam no céu escuro. A noite singela o remetia a um passado não muito distante, e uma lágrima fria teimava em escorrer por sua face, que se fizera sombria diante da profunda saudade na qual havia mais de um ano seu íntimo permanecia mergulhado.

Em suas doces lembranças, revia Luiza, com apenas cinco anos, correndo em sua direção para abraçá-lo. Naquela época, quinze anos atrás, ela o encontrara naquele mesmo local. Estava naquela ocasião com a alma dividida entre a dor e a aflição, resultado dos últimos acontecimentos vivenciados no hospital, que tinham resultado na morte de Vivian.

Rubens era médico cardiologista e apaixonado pela medicina. Contudo, a morte para ele era uma inimiga a ser vencida e um obstáculo difícil de ser assimilado na batalha diária. Sentia uma profunda sensação de vazio e impotência diante da dor que não podia sanar e das lágrimas que não conseguia secar.

Ele havia sido o médico de Vivian desde a infância e por anos tinha conseguido adiar o momento de sua partida; porém, após uma cirurgia cardíaca, ele perdera a batalha e, com apenas 19 anos, Vivian se fora.

Em momentos assim, sentia vontade de abandonar a profissão e pensava consigo: “Deus, onde Você está?! Por que permitiu que essa linda criança perecesse sem a oportunidade de conhecer as belezas da vida?! Por que permite que a morte inexorável e fria ceife uma vida repleta de sonhos e possibilidades de conquistas?”.

Rubens permanecia perdido em questionamentos, quando Luiza o interrompera e, correndo até ele, o abraçara com carinho, dizendo:

- Por que você está triste, papai?!

- Não estou triste, meu amor! Estava apenas observando as estrelas... - E, querendo desviar a conversa, completara, apontando para o céu:

- Sua avó me dizia que as estrelas eram os olhos de Deus!

- Que bobagem, papai! - ela respondera de imediato.

Ele achara graça e, querendo contrapô-la e analisar seu raciocínio, perguntara em tom sério:

- Por que você pensa ser uma bobagem, Luiza?

- Ora, porque, se fosse assim, nos dias de chuva Deus não iria nos ver, e Ele sempre cuida de nós.

Rubens sorria e dissera:

- Seu raciocínio é muito lógico. Mas como você sabe que Deus está sempre nos observando?

- Ora, papai, vai me dizer que você não sabia disso? Deus cuida de nós e fica olhando para tudo que fazemos; como você, quando me

leva até o parque e fica cuidando de longe. Dona Lúcia me ensinou a orar e a conversar com Deus. Falo com Ele todos os dias.

- E o que Ele diz a você? - perguntara Rubens, mantendo o tom sério da conversa.

- Não seja bobo, papai! Deus não fala como nós. Dona Lúcia me explicou que Ele ouve e atende, sempre que é possível, mas, quando não é possível, não devemos ficar tristes, porque Ele não esqueceu daquilo que pedimos, apenas está pensando na melhor maneira de ajudar.

Admirado pelas colocações da filha, Rubens falara:

- Devo lembrar-me de agradecer à Lúcia pelos lindos ensinamentos que ela tem repassado a você - afirmou Rubens.

Lúcia, que escutava a conversa ao longe, respondera:

- Não há o que agradecer, meu filho; cuido dessa família com o mesmo amor que seus pais cuidaram da minha, e jamais vou pagar por tudo que fizeram por nós.

Ele levantara-se e a abraçara com carinho. Lúcia era a empregada mais antiga da casa, pois seus pais haviam ido trabalhar como caseiros em uma das propriedades da família de Rubens quando Lúcia ainda era uma menina. Dona Laura, mãe de Rubens, afeiçoara-se à garota e tratara de garantir a ela uma sólida formação escolar. Lúcia formara-se no magistério e passara a dar aulas na fazenda para os demais empregados, recebendo um bom salário pela atividade.

Contudo, quando Rubens era um menino de três anos de idade, sua mãe ficara gravemente enferma; nessa ocasião, Dona Laura pedira a Lúcia que viesse morar com eles por uma curta temporada, assim poderia cuidar de Rubens, que exigia atenção e cuidados que ela, infelizmente, não podia proporcionar naquele grave momento.

Lúcia aceitara o convite; embora sua mãe tivesse se restabelecido plenamente, Rubens não a deixara partir. Lembrava-se do dia em que Lúcia se despedia e ele, chorando, agarrara-se a ela gritando: – Não me deixe! Não me deixe!

Dona Laura chorara muito abraçada a ela e pedira que Lúcia permanecesse com eles. Ela concordara e passara a ser a governanta da casa. Jamais fora, porém, tratada como uma empregada, mas como parte da família, e sempre recebera, além de um ótimo salário, o respeito e a consideração de todos.

Lúcia era espírita convicta e participava de um grupo de estudos da doutrina em uma casa espírita próxima à residência de seus pais. Apesar de Dona Laura ser católica praticante, jamais se impusera à fé de Lúcia; pelo contrário, muitas vezes ficara por horas a conversar com ela e a questionar sobre diversos assuntos à luz da doutrina espírita.

Ela era dona de um temperamento doce e tinha um jeito especial para lidar com as pessoas. Todos a amavam, especialmente Rubens, que via nela uma mãe amorosa, sempre pronta a auxiliá-lo. Quando

ele se metia em alguma travessura, vinha logo correndo pedir a sua ajuda para burlar o castigo. Quando a travessura era pequena, ela ria e achava um jeito de ajudá-lo, mas, quando se tratava de algo ruim, que pudesse trazer alguma sequela, não deixava passar em branco.

Como quando ele colocara uma lata no rabo da gata Naná, que ficara como doida a correr pelo jardim, a pobrezinha. Ela o deixara de castigo a tarde toda e fizera com que ele alimentasse a gatinha por duas semanas. Ficara realmente zangada com essa atitude e dissera-lhe:

- Lembre-se de que toda ação praticada contra alguém, mesmo que seja um animal, é uma ação ruim e requer que você a repare com uma boa ação. Nunca esqueça: Toda ação corresponde a uma reação, Rubens!

Enfim, Lúcia fora sua mãe, amiga e educadora. Todas as noites, revia com ele as lições da escola, sanava suas dúvidas de português e ninguém melhor do que ela para preparar um delicioso bolo de chocolate. Ela também o ensinara a orar e a conversar com Deus; contudo, com o passar dos anos, o espírito rebelde de Rubens acabara afastando-o desse diálogo, pois ele não conseguia entender nem aceitar o sofrimento e a dor.

Rubens casara-se com Marta, uma linda jovem da sociedade carioca, filha do desembargador Juvenal Correia. Quando Luiza nascera, sua esposa em muito pouco tempo passara a demonstrar os

traços do egoísmo que sua alma possuía, os quais Rubens não havia percebido até aquele momento. Ela não tinha a menor habilidade para lidar com crianças, pois não apresentava a mínima paciência e desvelo para cuidar da filha, alegando ser esse um trabalho árduo e aborrecido, que a deixava esgotada. Reclamava, ainda, do corpo deformado pela gravidez e da falta que sentia das atividades sociais às quais estava acostumada a comparecer.

Foi então que, novamente, a velha amiga viera em seu socorro. Passara a morar com eles e a ter para com Luiza todo o cuidado e todo o carinho, assim como havia feito em relação a Rubens em sua infância. Lúcia não constituíra uma família própria, canalizando toda a atenção e ternura que possuía dentro de si para a família de Rubens, e isso durante anos e anos....

Rubens a amava como a uma mãe e tentava retribuir-lhe a dedicação e o amor que dela recebera durante toda a sua vida. Quando o pai de Lúcia adoecera gravemente, Rubens era um jovem médico recém-formado e tivera para com ele a atenção que se devota a um ente amado, pagando pelos custos da internação no melhor hospital da cidade. Infelizmente, ele falecera seis meses após a internação, mas Rubens cuidara dele com ternura até o último momento, mantendo visitas regulares e enfermeiras particulares para os cuidados diários.

Lúcia falecera quando Luiza tinha nove anos e fora um momento doloroso para ambos. Luiza chorava muito, mas, em determinado momento, dissera ao pai:

- Papai, ela me disse que, quando partisse, não deveríamos ficar tristes, porque a morte não existe, ela apenas iria viver em outro mundo. E que, quando sentíssemos saudades, deveríamos olhar para o céu e orar a Deus e ela ouviria nossa oração. Eu acredito nisso. Vamos orar, papai?! - E ambos tinham orado pela querida amiga.

Rubens relembrava cada segundo, como se estivesse revivendo aquele triste momento. Dois anos depois desse doloroso episódio, Luiza adoecera gravemente e o diagnóstico fora conclusivo - leucemia. Mais uma vez, Rubens vira-se frente a frente com a morte e, apesar de todos os recursos dispensados e de todas as preces enviadas nos longos anos de sofrimento, Luiza o deixara com apenas 20 anos.

Agora, novamente, Rubens encontrava-se na varanda e, diante da noite estrelada, fazia a mesma pergunta: "Deus, onde você está?".

Ao seu lado, sem que Rubens pudesse perceber-lhe a presença, o espírito de Lúcia o abraçava com carinho e sussurrava docemente: "Tenha fé, meu filho, Deus está contigo. Confie!".

Capítulo 4. Amizade - Luz do caminho

Na Espiritualidade, em companhia de Bento e Lucila, Lúcia retornara à Colônia Santa Marta muito apreensiva, preocupada com a situação de Rubens. Todas as tentativas de inspirá-lo a mudar de atitude não haviam encontrado ressonância em sua alma, completamente entorpecida pela dor e pela tristeza.

Já fazia meses que Rubens não comparecia ao hospital e mal falava com a esposa; esta, diante da dor da perda da filha, havia se transformado em uma sombra do que fora um dia. O remorso tomara conta de Marta, lembrando-se da mãe ausente que sempre fora. Ela perdera todas as fases da filha, desde as primeiras palavras até os primeiros passos. Nem ao menos a acompanhara no primeiro dia de aula e nunca lhe contara uma história para dormir. Transferira a responsabilidade da maternidade a Dona Lúcia e permanecera presa ao egoísmo de uma vida social fútil, na qual, hoje em dia, não encontrava o menor sentido.

- Lúcia, mantenha a fé... - falou Lucila com doçura. - Sabemos que, cedo ou tarde, Rubens e Marta acordarão para as verdades eternas.

- Não tenho dúvida, Lucila... - respondeu Lúcia. - Contudo, sinto muito que Rubens não esteja despertando para sua missão; ao

contrário, a cada dia parece que ele mais se afasta das obrigações para as quais durante longo período se preparou neste educandário.

Bento, sorrindo, abraçou-a e disse-lhe:

- Lúcia, não deixe que o desânimo contamine seu espírito, pois sabemos que tudo ocorre no tempo certo e sob o olhar atento de Nosso Pai. Ele irá nos inspirar para que possamos encontrar a forma correta de auxiliar nosso irmão. Caso Rubens venha a falhar em suas provas, estaremos ao seu lado para ampará-lo; peço-lhe que mantenha fé, irmã!

Lúcia sorriu e agradeceu aos amigos pela ternura e pelos conselhos. Lucila e Bento retornaram às suas atividades na colônia e Lúcia dirigiu-se ao centro de estudos, onde deveria ministrar uma palestra.

Enquanto isso, Luiza permanecia sentada junto da janela de seu quarto lendo a obra chamada *Lírios Colhidos* e meditava acerca da seguinte mensagem: "Quanta dor no leito de um hospital. Quem se julga infeliz deveria visitar os doentes para dar mais valor à saúde e ir aos presídios para dar a devida importância à liberdade. Viver na 'fossa' é ser egoísta. O homem que crê não foge da vida; enfrenta-a e sempre procura bem vivê-la".

Lembrava-se do tempo que passara no hospital em tratamento, assistindo lentamente à vida escapar-lhe por entre os dedos. Mas, ao contrário de muitos, jamais se revoltara contra sua situação, pois

desde muito cedo descobrira na fé o lenitivo e a força para suportar as vicissitudes da vida. No entanto, ela havia conhecido inúmeros irmãos presos à dor e à revolta contra a vida e até mesmo contra Deus.

Presas a seus pensamentos, Luiza transportou-se para o dia em que tomara contato com um garoto que viria a ser seu grande amigo por um longo período. Ela o conhecera no hospital, durante uma sessão de quimioterapia, e apiedara-se dele prontamente, pois percebera que o menino se defendia do medo e do pavor, atacando os outros por meio de atitudes hostis, gritando e esbravejando com todos à sua volta. Luiza compreendera que, na realidade, aquela era sua forma de exteriorizar a revolta que sentia diante da enfermidade e das impossibilidades que a doença lhe impunha. Ele tinha leucemia, assim como ela.

Luiza sorriu lembrando-se da primeira vez em que haviam conversado; na realidade, durante um tempo, havia sido praticamente um monólogo. Ela falava sem parar e perguntava inúmeras coisas, mas ele apenas respondia “sim” ou “não”. Então, em dado momento, Luiza percebera estar sendo inconveniente, uma vez que estava tentando falar com alguém que não tinha o menor interesse em conversar. Calara-se e, para sua surpresa, ele redarguiu:

- Então, não vai continuar perguntando sobre a minha vida?

Ela tivera vontade de soltar uma gargalhada, mas mantivera-se séria e respondera:

- Desculpe-me, não queria incomodá-lo... É que sempre fui extremamente falante...

E ele respondera:

- Eu é que tenho que me desculpar com você; não tinha a intenção de ser mal-educado, mas é que ultimamente não sinto vontade de conversar, nem de viver.

- Como você se chama? - perguntara Luiza.

- Juliano. E você?

- Luiza... - respondera com um largo sorriso.

- Luiza, me responda uma coisa: como você consegue ser feliz, falante e animada diante de tais circunstâncias?

- E por que não seria, Juliano?

- Porque estamos morrendo! Este não seria um bom motivo? - dissera o menino com ironia.

Luiza sorria e respondera:

- Todos nós estamos morrendo todos os dias, pois a vida na Terra é uma mera passagem, e, cedo ou tarde, retornaremos à Pátria Espiritual. Somos espíritos eternos e por algum tempo permaneceremos presos a um corpo mortal, Juliano. Contudo, a morte não existe; nós apenas deixamos para trás um corpo material, que já não nos serve para os fins de aprendizado para os quais

nascemos neste planeta, e retornamos ao nosso verdadeiro lar – a Espiritualidade.

Um tanto admirado, o garoto respondera:

- Você acredita realmente nessas tolices de Espiritualidade?

Ela permanecera serena:

- Aprendi sobre Espiritualidade ainda menina e, graças a essa abençoada doutrina, vejo a vida de uma forma diferente. Você deveria procurar conhecer o assunto; tenho certeza de que o conhecimento da vida após a morte traria à sua vida, serenidade e fé, fatores imprescindíveis para vivermos em harmonia e enfrentarmos a vida com coragem.

- Você afirma com tanta segurança, que fiquei curioso sobre o assunto... – confessara Juliano.

- Que maravilha! – Luiza exultara ao ouvir isso. E, retirando *O Evangelho Segundo o Espiritismo* da bolsa, entregara a ele e dissera-lhe com carinho.

- Adoraria que aceitasse este livro de presente, pois o Evangelho é a certeza de encontrar a palavra certa em qualquer momento de nossas vidas. Abra-o ao acaso e sempre encontrará a mensagem de que necessita naquele momento. Experimente, vamos lá! Você deve mentalizar a figura do nosso Mestre Jesus e abrir o livro.

Atendendo à sua solicitação, Juliano o abriu ao acaso. A página trazia a seguinte mensagem:

Bem e mal sofrer

Quando o Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus lhes pertence”, não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas, ah! poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele já muitas vezes vos disse que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcional às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa, do que penosa a aflição. Cumpre, porém, merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações.

O militar que não é mandado para as linhas de fogo fica descontente, porque o repouso no campo nenhuma ascensão de posto lhe faculta. Sede, pois, como o militar e não desejeis um repouso em que o vosso corpo se enervaria e se entorpeceria à vossa alma. Alegrai-vos, quando Deus vos enviar para a luta. Não consiste esta no fogo da batalha, mas nos amargores da vida, onde, às vezes, de mais coragem se há mister do que num combate sangrento, porquanto não é raro que aquele que se mantém firme em presença do inimigo fraqueje nas tenazes de uma pena moral. Nenhuma recompensa obtém o homem por essa espécie de coragem; mas Deus lhe reserva palmas de vitória e uma situação gloriosa. Quando vos advenha

uma causa de sofrimento ou de contrariedade, sobreponde-vos a ela, e, quando houverdes conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera, ou do desespero, dizei, de vós para convosco, cheio de justa satisfação: “Fui o mais forte”.

Bem-aventurados os aflitos, pode então traduzir-se assim: “Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do labor virá o repouso (Lacordaire – Havre, 1863)”.

Um tanto acabrunhado, Juliano concordara:

- É verdade, não sei encarar o sofrimento, nem manter a calma diante desta doença maldita.

Luiza respondera-lhe com carinho:

- Compreendo você, Juliano! Mas a raiva e o desespero não irão auxiliá-lo a restituir a saúde. Ao contrário, a negatividade irá prejudicar sua recuperação.

- Não creio que haja “recuperação”, Luiza – respondera o menino com desânimo e tristeza.

- É claro que você pode se recuperar completamente, viver a sua vida neste plano e conquistar seus sonhos. Jamais deixe de acreditar na sua cura – garantira Luiza, repleta de alegria.

- Mas... E se tudo não passar de ilusão, Luiza? Se morrermos?

- Então iremos realizar novas conquistas e novas descobertas no mundo espiritual. Não há nada a temer - respondera a jovem com serenidade.

- Gostaria de ter sua fé!

- Então a conquiste. Abra espaço em seu coração e em sua mente para uma nova realidade.

Eles haviam conversado durante longo período e, a partir daquele dia, tinham se tornado grandes amigos. Juliano era questionador, impulsivo e um tanto rebelde, mas aos poucos se rendera à lógica aliada à fé e passara a frequentar o Centro Espírita Amor e Caridade, juntamente com Luiza.

Juliano de fato obtivera a bênção da cura completa, permanecendo ao lado de Luiza como um grande amigo até o regresso da jovem à Pátria Espiritual. Com imenso carinho, Luiza lembrava-se do terno amigo e pensava: "Terá ele permanecido firme nos propósitos de ser um trabalhador da seara? Quantas saudades, meu amigo!". Sentia uma imensa sensação de paz ao pensar em Juliano. Luiza elevou seu pensamento a Deus e orou para que o Pai o protegesse e o mantivesse na trilha do bem.

Naquele mesmo instante, Juliano participava dos trabalhos da Casa Espírita Amor e Caridade e fazia a prece pelos desencarnados. Ele trazia os olhos marejados pelas lágrimas que desciam suavemente pelo seu rosto e com a voz embargada pronunciava

palavras repletas de carinho e amor. Emocionava-se, uma vez que se destacava em sua tela mental a fisionomia da querida amiga, à qual dedicava aquela sentida oração, rogando ao Pai que lhe enviasse as sublimes emanções de encorajamento e paz.

Abençoados sejam os laços de amor e amizade que ligam os espíritos, onde quer que se encontrem, nas inúmeras moradas existentes na Casa de Nosso Pai.

Capítulo 5. Traçando caminhos

Lucila adentrou serenamente no quarto de Luiza e, percebendo suas lembranças, disse-lhe com ternura:

- Realmente, Luiza, os laços da amizade sincera são luzes a nos guiar; onde quer que estejamos, estaremos ligados ao amor que conquistamos através das reencarnações. Tenha paciência. Assim que possível, iremos reencontrar Juliano e visitar o seu lar.

- Não se preocupe comigo, Lucila. Tenho consciência de que preciso esperar e de que tenho muito a aprender neste abençoado educandário. Certa vez, meu pai contou-me que, quando tinha apenas três anos, fiquei doente e apresentei uma febre altíssima, deixando a todos extremamente preocupados. Durante meus desvarios, debatia-me e gritava: “Quero voltar para casa! Por favor, deixem-me voltar!”. Esse fato narrado por meu pai me deixou muito intrigada, pois, durante minha curta existência, sempre mantive a estranha sensação de estar longe de casa e pensava comigo: “Como posso sentir saudades de algo que não conheço?”. Ao deparar com a doutrina espírita, e através das explicações de minha querida Lúcia sobre nossa vida espiritual, meu espírito serenou com relação a essa questão. Contudo, somente após meu desencarne e ao adentrar em Santa Marta, pude compreender o que sentia durante minha jornada

terrena. Hoje, embora sinta muitas saudades de meus pais e amigos, estou feliz, porque finalmente retornei ao meu verdadeiro lar.

- Quem dera todos tivessem a sua compreensão, Luiza - falou Lucila.

- Essa garota existe? - perguntou Antônio em tom de brincadeira. Ele aguardava na porta e não pudera deixar de ouvir o comentário de Luiza.

- Entre, Antônio! - disse Lucila, com um sorriso.

- Luiza, acostume-se a esse novo amigo que está sempre fazendo piadas!

Todos riram e ele completou:

- Desculpe a minha indiscrição, Luiza! Mas, na verdade, seu conhecimento e seu preparo diante do desencarne são maravilhosos. Oro para que nossos irmãos possam adquirir tamanha serenidade e fé.

- Agradeço, Antônio, mas não sou merecedora dessa admiração. Sofri muito ao desencarnar e causei alguns transtornos aos meus amigos espirituais, o que acredito ser natural em face do meu nível espiritual. Quem sabe um dia possa fazer a passagem com a naturalidade que esta exige e sem traumas, não?

- Bem, não entrarei no mérito da questão, já que, em termos de "causar transtornos", será difícil alguém me vencer... - e sorriu, divertindo-se com a expressão de espanto de Luiza.

- Na realidade, todos nós causamos contratempos, não é mesmo? Não há nada de anormal nessa transição. *O Livro dos Espíritos* trata dessa questão de forma clara e inequívoca ao alertar que o espírito necessita de algum tempo para reconhecer a sua nova situação na Espiritualidade. Ela é natural e assemelha-se a um homem que, despertando de um sono profundo, procura orientar-se aos poucos e, assim, a lucidez das ideias, a memória do passado e dos acontecimentos irão retornar aos poucos, conforme consiga libertar-se da influência da matéria - esclareceu Lucila.

- É verdade. Realmente, admirei-me com seu nível de consciência, Luiza, e devo esclarecer que o que falei em tom de brincadeira de fato ocorreu, pois, infelizmente, eu não estava preparado para o desenlace e não utilizei meu tempo em prol desse precioso conhecimento. Dessa forma, minha perturbação foi longa e causei muitos transtornos. Contudo, agradeço ao Pai, que me permitiu ter ao meu lado grandes amigos, que se dedicaram a auxiliar-me por um longo período até me resgatarem das sombras da minha ignorância - confessou Antônio.

- Pelo que sei, é exatamente isso que você faz atualmente, não? Lucila contou-me que você atua nos resgates das zonas umbralinas...

- questionou Luiza.

Antônio respondeu:

- Hoje compreendo meu dever para com meus irmãos e atuo nas zonas de suplício com a alma repleta de agradecimento ao Senhor, que me proporciona o aprendizado do amor, bem como a lembrança permanente do lugar em que permaneci longo período devido às minhas fraquezas, das quais ainda hoje busco me libertar.

- Tenho muitas perguntas em relação a esse assunto, Antônio. Contudo, Lucila expôs-me como auxiliou seu amigo na Terra, durante o estado de vigília, conseguindo que ele refizesse seus caminhos. Por esse motivo, fiquei imensamente feliz ao saber que você iria permanecer algum tempo conosco. Tomara que possamos ajudar meus pais no seu despertar espiritual, pois temo por ambos - falou Luiza, com lágrimas nos olhos.

Antônio a abraçou com carinho e disse-lhe:

- Irmã querida! Peço a você que não acredite que possuo esse dom. Eu nada fiz ao meu irmão que ele já não estivesse predisposto a realizar. Meu amigo Vinícius se permitiu ser tocado por Deus e o Pai mudou sua vida e seus roteiros. Quanto a mim, obtive a honra de ser um dos instrumentos utilizados para essa mudança. Para a execução dessa tarefa, recebi não apenas o aval, mas o acompanhamento e o auxílio direto de meus irmãos e de meu avô Bento - concluiu Antônio.

- Sei disso, Antônio! Mesmo assim, peço que me ajude, por favor - e, sem conseguir manter a serenidade, ela começou a chorar.

- Evidentemente que a ajudarei, Luiza! Por favor, não chore! Iremos trabalhar juntos, mas devo lembrar algo que Dora ensinou-me no meu primeiro dia de trabalho nas zonas de suplício.

Luzia escutava com atenção.

- Dora era uma trabalhadora antiga da Colônia São Luiz. Durante anos, entrava nas zonas trevosas levando a esperança de resgatar seu filho Lourenço. Quando me contaram essa história, emocionei-me profundamente e não pude conter as lágrimas. Então, ela veio ao meu encontro, abraçou-me e disse-me com imensa ternura: “Por diversas vezes, adentrei ao umbral, na esperança de trazer meu filho em meus braços. Contudo, durante todos esses anos, tive o privilégio de auxiliar inúmeros jovens que, assim como ele, se prenderam ao lamaçal do crime, da vingança e do ódio. Portanto, Antônio, mesmo que não tenhamos êxito esta noite, não fique triste e mantenha a fé, pois tudo ocorre no tempo certo e dentro dos planos divinos de Nosso Pai”. Essa é a verdadeira força da fé, Luiza! Crer, mesmo quando não é possível conquistar o que almejamos no momento. Continuar a confiar, mesmo diante da aparente derrota, pois nem tudo ocorre sempre no tempo esperado, mas no tempo de Deus. Confie!

Luiza sorriu e abraçou o novo amigo, dizendo-lhe:

- Obrigada, Antônio! Manterei a fé!

Lucila, que apenas acompanhava a conversa com atenção, colocou o braço sobre ambos e disse-lhes com carinho:

- Vamos, meus irmãos! Está na hora de irmos até o salão principal e ouvirmos a comunicação de Dionísio sobre alguns trabalhos na colônia. Solicitei autorização para levá-la conosco, Luiza.

E seguiram em amistosa conversação.

Capítulo 6. A busca da evolução

O salão principal da Colônia Santa Marta era um ambiente amplo e arejado, repleto de janelas imensas com lindos vitrais contendo imagens diversas da colônia. As cadeiras, dispostas lado a lado, já se encontravam repletas de trabalhadores, que aguardavam ansiosos pelo comunicado de Dionísio, que há oitenta anos era o coordenador da colônia e responsável pelas diretrizes da comunidade espiritual. Lucila, Luiza e Antônio sentaram-se perto de Bento e Olívia e mantinham amistosa conversação até que Dionísio subiu ao palco e, serenamente, começou a falar sobre as razões daquela reunião.

Dionísio era um homem alto e aparentava ter em torno de setenta anos. Possuía cabelos grisalhos, olhar sereno e um sorriso que transparecia imensa paz. Impossível não simpatizar com aquele senhor, de imediato. Antônio escutava com atenção a sua explanação:

- Caros irmãos, que a paz esteja convosco! Venho hoje até vocês, agradecer pelas oportunidades de aprendizado que recebi ao longo destes oitenta anos em que tive o privilégio de permanecer nesta colônia. É chegado o momento de afastar-me de minhas atividades e retornar às batalhas terrenas.

Um murmúrio ecoou pela sala. Estariam mesmo ouvindo aquilo? Dionísio retornaria à Terra? Ele jamais falara sobre tal probabilidade e de certa forma a possibilidade de sua ausência trazia uma estranha sensação de abandono aos trabalhadores tão acostumados à sua coordenação.

Todos o amavam e confiavam na sua sensatez e no seu acerto em relação às metas estabelecidas. Ele era um mentor amoroso que, com delicadeza e amabilidade, auxiliava a todos com desvelo, olhando nos olhos, dando conselhos, ou, ainda, chamando atenção, quando necessário. Estava sempre envolvido na criação de novos projetos e coordenando roteiros precisos aos irmãos em vias de processos reencarnatórios.

Dionísio era excelente orador e profundo conhecedor da palavra de Nosso Pai. Todas as semanas, pregava às margens do lago e encantava a todos com suas histórias e colocações acerca das diretrizes que regem nossos caminhos.

Antônio tivera a oportunidade de ouvi-lo e de perceber a imensa paz e o enorme consolo que suas colocações traziam aos espíritos perturbados recém-chegados da Terra.

Após alguns segundos, Dionísio fez um sinal com uma das mãos indicando o retorno às suas colocações e prosseguiu dizendo:

- Irmãos, permitam-me esclarecer minha decisão. Muitos de vocês estão ao meu lado neste educandário e conhecem os motivos

pelos quais decidi retornar às lutas terrenas. Devo esclarecer que reencarno pelas mesmas razões pelas quais nossos irmãos tramitam pelas inúmeras casas de Nosso Pai. A busca do autoconhecimento, a primazia dos sentimentos e nossa constante evolução são premissas da jornada de cada espírito.

Dionísio olhou para todos com carinho e continuou sua explanação:

- A evolução é um chamamento contínuo rumo às esferas superiores; o que o homem julga perfeito longe está da perfeição. Conforme estudamos ao longo dos séculos, existem qualidades que ainda nos são desconhecidas e incompreensíveis. Poderemos ser tão perfeitos quanto comporte a natureza terrena, mas isso não é a perfeição absoluta. Dá-se com o espírito o que se verifica com a criança que, por mais precoce que seja, tem de passar pela juventude, antes de chegar à idade adulta, ou com o enfermo que, para recobrar a saúde, tem de passar pela convalescença. Ao espírito cumpre progredir em ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, necessário se faz que se adiante no outro, a fim de atingir o extremo superior da escala. Somente o insensato permanece sempre no mesmo ponto. A variação das nossas experiências nos permite o avanço gradativo de qualidades divinas nascidas do amor. É forçoso aprender que o poder deve ser aliado à humildade, e os atos, à ternura; que a nossa inteligência, nossos sentimentos e nossa

intuição devem estar ligados à sabedoria do amor verdadeiro. Portanto, apenas através das experiências poderemos buscar tais conquistas e lograr o equilíbrio supremo em Deus.

Lançando novo olhar amoroso aos presentes, Dionísio continuou sua explanação:

- A reencarnação é a jornada traçada para a iluminação do espírito, através da qual irá revolver ideias, trabalhar sua mente, desenvolver aptidões e conceitos, renovar concepções; é por meio dela que irá, pouco a pouco, modificando seu modo de ser no intuito de sua evolução e crescimento. É preciso regressarmos ao corpo físico para que possamos avançar rumo aos ideais que buscamos há séculos. Tal qual o agricultor que revira a terra para a revivificação da lavoura produtiva, assim o homem, pelas diferentes situações que compõem o dia a dia da experiência carnal, alcança o progresso evolutivo.

Todos o ouviam no mais completo silêncio. Depois de uma pequena pausa, Dionísio prosseguiu:

- As experiências adquiridas pela alma são necessárias ao desenvolvimento da sensibilidade e das percepções; nesse sentido, o corpo físico possui papel fundamental como instrumento que possibilita as manifestações da nossa individualidade. A alma encarnada possui no cérebro os centros para o controle do corpo: são estes os centros da fala, da linguagem, da visão, da audição, do

olfato, da memória, da escrita, da deglutição, do paladar e do tato. É, ainda, através desse comando absoluto que captamos os registros de calor e frio, da dor e mantemos o equilíbrio muscular. A partir da comunhão com os valores internos da mente e da ligação com o mundo exterior – assim como das aquisições referentes às experiências adquiridas através das reencarnações –, conquistamos nossa individualidade. Nosso esforço deve manter-se no intuito da constante evolução para a sublimação integral, para o progresso e o aprimoramento que o abençoado planeta [Terra](#) oferece a cada espírito. Portanto, caros irmãos, hoje é um dia abençoado, pois terei a oportunidade bendita de retornar ao corpo físico, rumo à minha evolução. Após tantos anos traçando caminhos e jornadas, chegou o momento de refazer meus próprios passos. Obrigado pelo amor, pela amizade e pelo respeito que levo em minha bagagem, pois são preciosos sentimentos recebidos ao longo dos anos de cada irmão com quem tive o prazer de conviver neste educandário de luz. Muitíssimo obrigado!

Todos aplaudiram. Então Dionísio finalizou:

- Esclareço, ainda, que a Colônia Santa Marta continuará com a imensa proteção do Pai e com a coordenação do nosso querido irmão Euzébio. Nosso grande amigo dispensa apresentações, uma vez que convive conosco há mais de meio século e traz consigo uma imensa carga de trabalho realizado no bem. Euzébio seguirá nossos

propósitos e continuará recebendo o auxílio e a supervisão de nossa querida irmã Ana, que sempre foi precioso amparo de amor nesta colônia.

E assim, após algumas considerações com relação ao trabalho desenvolvido pelo irmão Euzébio, a oração final foi proferida e todos se retiraram do recinto.

Já não mais havia entre eles a sensação de vazio ou de abandono, pois todos haviam compreendido que os planos do universo são infinitos e que a alma possuidora do conhecimento de suas necessidades de aprimoramento jamais abandona a luta.

Capítulo 7. A história de Dionísio

Após a saída do salão principal, Lucila acompanhou Luiza a seus aposentos enquanto Bento, Antônio e Olívia seguiram em direção às margens do lago. A linda noite de luar e a brisa suave convidavam a nobre conversação. Bento e Olívia estavam um tanto quanto curiosos para ouvir as considerações do neto acerca dos trabalhos da colônia e suas perspectivas, a fim de auxiliá-lo a traçar a diretriz para os novos desafios a seguir. Antônio era sagaz e passava o dia ao lado dos avós, acompanhando as atividades desenvolvidas. Estava ansioso por fazer parte da rotina; contudo, o que naquele momento ocupava sua mente era o retorno de Dionísio à Terra. Sendo assim, este foi seu primeiro questionamento ao avô:

- Vovô, você conhece Dionísio há muito tempo. Fiquei pensando sobre suas colocações e intrigado com os motivos pelos quais um espírito com tamanho grau de conhecimento retornaria à Terra, pois suas virtudes são evidentes. Quando estamos ao lado dele, sentimos imensa paz gerada por suas energias vibracionais.

- É verdade, meu filho! Dionísio é uma alma com vasto conhecimento e inúmeras virtudes, e esse é o principal motivo pelo qual deseja retornar à Terra. Você sabe perfeitamente o que sentimos diante do mal que causamos aos outros. Quanto maior nosso nível

de consciência com relação a nossos deveres para com o próximo, tanto maior será nosso desejo de auxiliar quem permanece retardatário pelos caminhos da evolução.

- Então, Dionísio retornará em missão de auxílio? - perguntou Antônio.

- Sim, meu filho! Dionísio retornará para auxiliar um dos seus irmãos que permanece preso à ilusão da matéria. Ele se chama Fernando e retornará em processo expiatório. Seu passado de erros delineou o seu presente. O mal causado apela à restituição das leis harmônicas que regem nossos passos.

- Ele deve ser alguém muito importante para Dionísio, não? Teria sido seu filho em outra vida?

- Na realidade, foi seu algoz - esclareceu Olívia. - Contudo, o inimigo que percorre conosco os roteiros sagrados da reencarnação é, na verdade, um precioso instrumento de burilamento em busca de nosso crescimento espiritual. Fernando concedeu a Dionísio a possibilidade de colocar em prática grandes ensinamentos e conquistar a virtude sagrada do perdão.

Antônio, que atentamente os ouvia, perguntou:

- Seria muita indiscrição conhecer o passado de Dionísio? Sempre fico muito curioso com os laços que nos unem a nossos irmãos, pois são como fios invisíveis cuidadosamente ligados. Inegável a inteligência superior que traça nossos roteiros, fazendo com que, de

alguma forma, estejamos sempre revendo as lições e refazendo nossos passos.

- Tem razão, meu filho - concordou Olívia. E continuou o relato:

- Dionísio, como toda alma em evolução, teve seu passado delituoso, e o início do seu despertar ocorreu no século II d.C. O Império Romano, conforme demonstra a história, perseguiu e massacrou inúmeros cristãos, imputando a nossos irmãos mortes terríveis, fazendo-os sofrer o suplício do desencarne por feras famintas, sob o olhar curioso e as risadas de prazer do público que, levianamente, assistia àquele circo de horrores que ocorria nas arenas. Infelizmente, a grande maioria desses pobres espíritos se comprazia com a dor imputada aos cristãos e demonstrava uma grande dose de prazer ao presenciar tais espetáculos. Muitos seguidores do Mestre apresentavam outro destino, ora recebendo castigos dolorosos através da crucificação, ora sofrendo a dilaceração ao terem seus corpos incendiados, para que fossem utilizados como tochas a iluminar as ruas de Roma. Toda a crueldade era imposta, como forma de repúdio e alerta, buscando em vão amedrontar os seguidores da doutrina sagrada de nosso amado Mestre Jesus.

Olívia fez uma ligeira pausa, pois não conseguia falar a respeito daquela monstruosidade sem que sua voz não embargasse, dificultando-lhe a fala. Em seguida, deu continuidade à história:

- Nessa época, encontramos Dionísio na figura de um soldado romano; portanto, um perseguidor dos cristãos. Seu amor e seu devotamento ao Império eram inquestionáveis. Porém, uma situação em particular mudaria para sempre sua forma de proceder, fazendo com que passasse a questionar até onde seu patriotismo deveria comandar suas atitudes. Ele foi saqueado por vândalos, quando seguia pela via Áppia, sendo esta uma das várias estradas de conexão com Roma. Imaginando-o morto, os saqueadores o deixaram na estrada, onde acabou sendo encontrado pelos irmãos Euzébio e Ana.

Antônio olhou com surpresa e comentou:

- Os mesmos irmãos que vimos na reunião desta noite? Ou seria apenas uma estranha coincidência?

- Não é coincidência, meu filho - explicou Bento. - São almas afins que, através dos séculos, permutam entre a vida e a morte no intuito do aprimoramento. A partir desse encontro ocorreram inúmeras transformações em Dionísio. Ele ficou extremamente impressionado com o fato de dispensarem a ele atenção e cuidado, mesmo reconhecendo sua origem e sabendo dos riscos que corriam ao auxiliá-lo. Ainda assim, os irmãos o levaram para sua modesta casa e permaneceram incansavelmente a seu lado. Dionísio esteve entre a vida e a morte. Euzébio e Ana eram incansáveis no seu tratamento, revezando-se dia e noite, até que ele ficasse

completamente fora de perigo. No início, a febre alta o fazia crer estar delirando, porém aos poucos foi recobrando a consciência e podia ouvi-los orar ao final do dia, rogando a Deus pelo seu completo restabelecimento.

Bento lançou um olhar bondoso e emocionado sobre seus amigos e prosseguiu:

- Aquela belíssima atitude de carinho e desvelo para com aquele que poderia ser considerado um inimigo cruel e sanguinário fez Dionísio rever seus julgamentos. Sua rigorosa educação militar havia sido baseada no orgulho de servir a Roma sem hesitar; contudo, a amabilidade e o respeito com que estava sendo tratado faziam com que as regras e obrigações junto ao Império comesçassem a não fazer sentido para Dionísio. Os ditames do Império, que um soldado romano jamais ousava questionar, sempre haviam sido o juiz de seus atos. Entretanto, Dionísio pensava consigo: “Por que eu deveria matar pessoas inocentes que apenas acreditam em um Deus diferente dos deuses de Roma? Onde está o crime para com o Estado?”.

Diante do silêncio de todos, que nada lhe perguntavam e olhavam fixamente para ele, quase sem piscar, Bento continuou falando, emocionado:

- A lembrança da crueldade dos soldados para com os cristãos passou a incomodá-lo profundamente. Ele havia nascido para

honrar seu país, defender suas fronteiras contra inimigos reais e não para matar crianças, velhos e jovens que não ofereciam nenhuma resistência, nem sequer cometiam qualquer infração contra Roma. Sua consciência havia sido despertada para o nobre valor da compaixão. Durante sua recuperação, conversou horas a fio com Euzébio e Ana sobre os ensinamentos do Mestre Jesus – o filho de Deus. Fascinado por sua trajetória de amor e doação para com o próximo, deixou de compará-lo com os deuses que seu povo venerava, pois todos eram sujeitos às paixões, à raiva, à ira e a toda espécie de sentimento mundano. Contudo, o Deus dos cristãos trazia o amor como espada, a caridade como escudo, e a fé como armadura contra a maldade dos homens. E, assim, Dionísio passou de um soldado romano a um fiel seguidor de Cristo e de Seus sublimes ensinamentos.

Bento ficou em silêncio por alguns segundos, depois respirou fundo e deu prosseguimento a seu relato:

- Em determinado momento, Euzébio contou a Dionísio que ele fora dado como morto, uma vez que soldados romanos haviam encontrado seus pertences cobertos de sangue ao longo da estrada. Desse modo, estando fora de perigo e completamente restabelecido, Dionísio estava livre para retornar à sua vida, se esse fosse seu desejo. Porém, Dionísio estava inteiramente apaixonado por Ana e, ao perceber que esse sentimento era correspondido, não apenas

decidiu permanecer na comunidade cristã, como se converteu ao Cristianismo, jurando, diante da cruz, sua fidelidade a Deus e a Seus princípios morais. Assim, Dionísio e Ana casaram-se em uma singela cerimônia e durante algum tempo conseguiram permanecer unidos e felizes, afastados do olhar impiedoso de Roma.

Olívia, então, retomou a palavra:

- Dois anos após os fatos narrados por Bento, eles foram descobertos. Isso ocorreu em uma noite em que todos se encontravam sigilosamente reunidos nas catacumbas para ouvir a palavra do Evangelho. Dionísio, Ana e Euzébio foram perseguidos e presos. Reconhecido por um soldado romano, foi outorgada a Dionísio a oportunidade de arrependimento diante de sua reconfirmação às crenças e aos deuses romanos. Contudo, ele se negou a tomar essa atitude. Ao contrário, mesmo sabendo que estava assinando sua sentença de morte perante o imperador, com o olhar sereno e a fronte altiva, Dionísio confessou sua fé em Cristo, trazendo para si a fúria e o ódio do ditador. Foram mortos na arena, estraçalhados por feras famintas; perante uma multidão que, aos berros, pronunciava palavras torpes, os três enfrentaram a morte com a coragem da confiança inabalável no poder e no amor de Nosso Pai. Serenamente, caminharam ao centro da arena e ajoelharam-se, enaltecendo sua fé e entoando cânticos de louvor a Deus.

- Linda história, realmente! - exclamou Antônio. - Entretanto, ainda não identifiquei quem foi Fernando. Seria um dos soldados romanos? Ou seria o vândalo que o matou?

Olívia e Bento riram da curiosidade de Antônio, que, como uma criança inocente, buscava as respostas para as ligações das almas de forma simplista e rápida.

Bento tomou a palavra dizendo:

- Contamos a você apenas o início de seu despertar, mas Dionísio, como todo espírito em evolução, necessitou de inúmeras reencarnações para que pudesse assimilar as virtudes que se fazem necessárias. Fernando fez parte dessa trajetória de reconhecimento de si mesmo, num passado distante.

E continuou:

- O século XIX caracterizou-se por numerosas conquistas, grandes fenômenos de evolução científica e industrial, bem como acontecimentos políticos de suma importância - entre estes, a extinção do cativo. Trabalhadores retornaram à marcha terrena com o intuito de cumprir os desígnios do Pai e auxiliar na vitória da liberdade. Foi nesse momento que os destinos de Fernando e Dionísio se cruzaram na escalada evolutiva. Fernando, um senhor de engenho, e Dionísio, um mulato que nasceu sob a proteção da Lei do Ventre Livre. Na prática, essa lei não funcionava e fora criada somente para "prestar contas" à Inglaterra, já que o Brasil sofria

pressão por parte desse país para que proclamasse a abolição da escravatura. Mas essa é uma longa história e temos tarefas a desempenhar ao raiar do sol. Prometo que brevemente contaremos a você essa jornada, combinado?

Antônio sorriu e disse:

- Lembrei-me da minha infância, quando você contava histórias que não tinham finais definidos e assim mantinha minha curiosidade aguçada para um próximo encontro.

Todos riram e Olívia abraçou o neto com carinho dizendo:

- Assim é o caminho da ascensão, meu querido! Sejamos gratos ao Nosso Pai que, em Sua sabedoria, permite que, todos os dias, possamos escrever os capítulos da nossa imortalidade no livro da vida eterna.

E abraçados seguiram, naquela noite estrelada e sob a magnífica luz do luar que docemente cobria seus caminhos.

Capítulo 8. O Instituto da Luz

Na manhã seguinte, Antônio começou a conversar com Bento e Olívia sobre seu profundo interesse em auxiliar Luiza em relação aos pais. Contudo, necessitava entender a situação, a fim de buscar uma forma de inspirá-los à mudança e ao reencontro com o caminho a ser seguido de acordo com os roteiros preestabelecidos pela Espiritualidade Maior. Para tanto, desejava falar com Lucila e esclarecer alguns pontos relativos a esse trabalho. Bento e Olívia concordaram com seu propósito e o acompanharam até o Instituto da Luz, local onde os espíritos autorizados trabalhavam no desenvolvimento dos roteiros referentes ao processo evolutivo de cada habitante da Colônia Santa Marta.

Lucila vinha, há muitos anos, coordenando e supervisionando os processos relativos aos espíritos prestes a retornar à Terra, bem como mantendo o monitoramento de suas evoluções em relação ao aproveitamento de suas provas e/ou expiações a serem cumpridas, no intuito de aprimorar suas virtudes. Através da análise das lutas pregressas de Rubens e Marta, eles poderiam verificar a melhor forma de trabalhar na tentativa de despertar, em ambos, a busca pelo verdadeiro sentido da reencarnação. Ao adentrarem no instituto,

vislumbraram Lucila, que os aguardava sorridente na porta principal.

- Bom-dia a todos! - iniciou Lucila a amigável conversação. - É um prazer vê-los aqui, especialmente você, Antônio, pois sei que os trabalhos desenvolvidos neste departamento irão aguçar sua natural avidez pelo aprendizado.

- Bom-dia, Lucila! É verdade, os trabalhos relativos aos processos reencarnatórios são fantásticos e gostaria de saber mais sobre este assunto. Sei que existem regras e restrições sobre os roteiros traçados, tendo em vista que se referem a particularidades específicas dos nossos irmãos. Contudo, se fosse possível, desejaria conhecer a história relativa aos pais de Luiza. Perdoe-me a intromissão nesse trabalho, pois sei que muito já vem sendo feito nesse sentido, mas, caso permita, gostaria de participar dessa atividade e, junto com vocês, aprender sobre esse tipo de auxílio aos nossos semelhantes.

- Claro, Antônio, teremos prazer em tê-lo ao nosso lado! Você já participou desse tipo de trabalho com nosso irmão Vinícius, e verá uma situação similar: o trabalho da luz sendo realizado no estado de vigília, quando o espírito está, momentaneamente, liberto do corpo de carne. Rogamos a Deus que consigamos conduzi-los ao caminho da renovação interior. Irei resumir, dentro do possível, suas últimas

reencarnações e os planos delineados com base nas leis de ação e reação.

E, assim, Lucila começou a narrar os fatos:

- Rubens e Marta reencarnaram com o objetivo de sanar deficiências do passado, como todos nós quando adentramos no corpo de carne. Ao longo dos séculos, Rubens começou a aprimorar alguns aspectos, principalmente o seu intelecto. Contudo, as virtudes, como a compaixão e a fraternidade, eram pedras brutas a serem lapidadas em seu espírito. Pensando dessa forma, traçamos trajetos sagrados, especificamente, para trabalhar esse campo de atuação - o amor ao próximo e a fraternidade. Rubens solicitou ser um médico na Terra; contudo, ao reencarnar, perdeu-se nas ilusões das paixões terrenas, desviando-se do caminho inicialmente projetado e contraindo dívidas dolorosas, encontrando em Marta uma cúmplice para exercitar seus desatinos e desvarios.

Após ligeira pausa, Lucila continuou:

- Rubens reencarnou e, ainda muito jovem, se sobressaía nos estudos. Extremamente inteligente, formou-se médico com louvor e com a promessa de uma carreira brilhante. Entretanto, faltou-lhe o comprometimento moral pelo qual havia renascido. Sob o véu do esquecimento, afastou-se do sagrado objetivo que a medicina carrega consigo, tanto na Terra como na Espiritualidade, ou seja, o imenso privilégio de sanar as dores e trazer o alívio aos nossos irmãos do

caminho. A satisfação de ser útil jamais fora o seu objetivo, mas sim amealhar fortuna e toda espécie de prazer que o dinheiro pudesse proporcionar. Por essa razão, aqueles que não possuíam recursos financeiros não eram sequer levados em conta; pelo contrário, ele tinha aversão a qualquer contato com pacientes que não pudessem pagar pelos seus serviços. Nessa reencarnação, Rubens se envolveu com Marta, pois trabalhavam em um grande hospital na cidade do Rio de Janeiro, onde ela atuava como enfermeira e ele como médico residente. As situações que se seguiram, e suas escolhas, acabaram por levá-los a unirem-se pela afinidade de vícios, uma vez que ambos traziam consigo o germe do egoísmo e da ambição desmedida.

Lucila se calou por alguns instantes, como se buscasse as melhores palavras para prosseguir narrando fielmente os acontecimentos. Depois deu continuidade à narrativa:

- Certo dia, a filha do diretor do hospital procurou Marta e pediu para falar reservadamente com ela. Rita era uma linda jovem, com apenas 23 anos de idade, e prestes a se casar com um jovem militar de uma tradicional família da sociedade carioca. Ela segredou a Marta que, frivolamente, havia se envolvido com outro homem e estava grávida. Sendo o pai da criança um jovem negro, concluiu que precisava urgentemente se livrar do “problema” cometendo um aborto, caso contrário sua traição seria descoberta. Infelizmente, uma

atitude muito comum para o estágio evolutivo atual do orbe terreno, ou seja, fugir da responsabilidade dos atos praticados com o falso pretexto de liberdade e direitos sobre o próprio corpo, esquecendo-se de que a ninguém é lícito retirar a vida de um semelhante.

Olívia, que até o momento permanecia calada, falou com certa tristeza na voz:

- O aborto é um problema seriíssimo, praticado desde a época mais remota da civilização. Além das complicações físicas e clínicas advindas dos abortos provocados na esfera ginecológica, causando inúmeras vezes o desencarne de ambos, mãe e filho, no campo psíquico, são comuns os processos depressivos subsequentes, que acometem as mulheres que se submeteram à eliminação da gestação indesejada, devido à percepção de vazio interior, mesclada ao sentimento de culpa consciente ou inconsciente. Paralelamente, temos ainda a ação do magnetismo mental do espírito que reencarnaria como seu rebento e que, na grande maioria das vezes, estava sendo encaminhado para um processo de reconciliação afetiva, que possibilitaria a reaproximação de ambos sob o mesmo teto. Com o aborto provocado, à medida que o espírito recobra a consciência, poderá vir a revoltar-se contra o ato em si, e passar a emitir vibrações que atuarão de forma nociva no psiquismo da mãe, podendo levá-la a enfrentar intenso desequilíbrio emocional e espiritual e, não raro, abrindo caminho para profundas obsessões.

Lucila ponderou:

- É verdade, Olívia! Lembrando ainda que, ao desencarnar e chegar ao Plano Espiritual, a mãe apresentará, sinalizado em seu perispírito, em diversos níveis, conforme o seu grau de responsabilidade, o desequilíbrio energético, que é claramente identificado por massas fluídicas escuras. Apesar de ser atendida na Espiritualidade pelos inúmeros recursos e técnicas terapêuticas existentes no mundo astral, essa chaga energética, em muitos casos, se mantém em função da gravidade e dos agravantes decorrentes do processo.

Após uma pequena interrupção, como que reorganizando as ideias, Lucila continuou a narrativa referente à jornada de Rubens e Marta:

- Tendo em vista que Marta trabalhava no hospital havia vários anos e conhecia todos os médicos, Rita pediu que ela a auxiliasse a encontrar alguém que concordasse em cometer o ato de interromper a vida da criança e que fosse capaz de manter total sigilo sobre o assunto. Evidentemente, esse médico seria muito bem pago para “esquecer” o incidente. Apesar de Marta trabalhar no setor de obstetrícia e possuir, portanto, a oportunidade de colaborar nos processos reencarnatórios, não conseguia perceber a beleza existente no milagre da vida e não compreendia a profundidade da obra de Nosso Pai, que consiste no nascimento de um ser, nesse planeta

abençoado, através do sagrado ministério da maternidade. Nossos atos refletem aquilo que somos: ao invés de buscar demover Rita daquela atitude insana e desesperada, Marta percebeu, na solicitação da filha do diretor do hospital, apenas uma excelente forma de ganhar dinheiro fácil. Assim, à noite, conversou com Rubens, e este, sem o menor pudor, aceitou o “trabalho”, por uma vultosa quantia em dinheiro. Esse foi o primeiro dos inúmeros abortos praticados por ambos. Rubens especializou-se em obstetrícia e montou uma luxuosa clínica, trouxe ao mundo inúmeros bebês, mas, vez ou outra, sigilosamente, atendia a garotas desorientadas que desejavam livrar-se rapidamente de filhos indesejados, mantendo a regra primordial: sigilo absoluto e vultosa quantia em dinheiro.

Os olhos de Lucila encheram-se de lágrimas. Procurando afastar as emoções que a narração daqueles graves fatos lhe causava, prosseguiu:

- Rubens e Marta, possuindo tamanha afinidade, acabaram por se envolver afetivamente. Casaram-se em grandiosa cerimônia e tiveram uma vida repleta de ostentações e toda espécie de conforto. Optaram por não ter filhos, a fim de não precisarem assumir as responsabilidades que estes trazem consigo. Acreditavam que crianças iriam perturbar suas rotinas sociais e suas constantes viagens ao exterior. Marta desencarnou aos 60 anos, vítima de latrocínio, e Rubens deixou o plano terreno aos 70 anos, solitário e

completamente demente, em uma luxuosa clínica de repouso na cidade do Rio de Janeiro. Em seus delírios, via-se vítima de verdugos que o atacavam e o chamavam de assassino. Contudo, na realidade, seus delírios nada mais eram do que os espíritos que ele havia impossibilitado de reencarnar e que, ansiosamente, aguardavam o momento da vingança. Conhecedores que somos das leis sábias e imutáveis de ação e reação, podemos imaginar como ambos adentraram na Espiritualidade, bem como os suplícios que lhes foram infringidos. Eles permaneceram por vários anos sofrendo, no umbral, as consequências de seus atos, o que era inevitável diante de suas escolhas. Alguns espíritos que haviam sido vítimas das intervenções cirúrgicas de Rubens, auxiliado por Marta - ora por ferros, ora por sucção, ora por injeções letais -, tinham regressado à Pátria Espiritual revoltados e sedentos de vingança contra aqueles que os haviam impossibilitado o retorno à jornada terrena, exigindo imenso trabalho das equipes de socorro da Espiritualidade atuantes no umbral. Outros, ao contrário, tinham conseguido perdoá-los e seguiam seus roteiros, compreendendo que cada um pagará por seus erros, cedo ou tarde. Contudo, a tomada de consciência é o que realmente nos causará a dor mais dilacerante e cruciante. Ao abrirmos os olhos para os valores da vida e compreendermos que nossos atos ocasionaram dor e sofrimentos aos nossos irmãos, seremos arrebatados por profundo arrependimento, e esse será o

maior de todos os castigos. Por fim, o aborto é uma negação da lei do amor ao próximo e trará suas consequências orgânicas, psicológicas e espirituais, nesta existência e na outra, tanto para a mulher que escolheu eximir-se da responsabilidade da maternidade, como para o companheiro que não a apoiou na gravidez, e também para aqueles que executaram a interrupção da vida, ou seja, todos responderão, de acordo com os devidos graus de responsabilidade, por suas opções diante da existência e das leis naturais que regem o universo.

Bento, que até então apenas escutava atentamente, falou:

- Tive oportunidade de visitá-los na Terra. Ele aprendeu parte da lição, pois é um excelente médico e auxilia a todos à sua volta. Contudo, os preciosos valores da doutrina foram deixados de lado, e Rubens luta contra a morte de forma ferrenha, como se devesse vencê-la a qualquer custo, apesar dos esforços de Lúcia, ao longo do tempo que permaneceu a seu lado.

- É verdade! - asseverou Lucila. - Rubens e Marta, após despertarem para a evolução espiritual, se esforçaram no intuito de aprimorar os valores morais necessários ao retorno à Terra através de uma nova reencarnação. Trabalharam por mais de um século nas enfermarias da colônia, desenvolvendo o conhecimento da medicina espiritual, e atuaram em toda espécie de auxílio aos recém-chegados à Santa Marta. Porém, aguardavam apreensivos pelo retorno e pela

possibilidade de reparação de suas faltas. Com as forças renovadas e os erros reavaliados, Rubens e Marta resolveram que estava na hora de colocar em prática as lições revisadas. O Instituto da Luz traçou-lhes, então, uma nova jornada. Lúcia, que permaneceu ligada a Rubens por várias existências pelos laços sublimes do amor materno, solicitou retornar ao seu lado. Porém, para não cair novamente na armadilha da superproteção, seria sua ama e teria a missão de guiá-lo no campo moral e espiritual. Após análise e consenso, resolvemos que deveríamos dar a Rubens e Marta a possibilidade de enfrentarem os mesmos desafios terrenos. Ele cumpriria a missão de clinicar e auxiliar seus semelhantes, porém embasado nos valores do amor e da compaixão. Marta seria sua companheira no processo evolutivo como esposa e mãe dedicada. Devido ao fato de haverem cometido várias transgressões às leis divinas, através dos abortos provocados, sofreriam a perda de sua única filha, ainda na adolescência. Luiza, que fora uma de suas vítimas, não apenas os perdoou como solicitou auxiliá-los fazendo parte dessa jornada. A perda da filha seria uma prova extremamente pungente e dorida, mas os faria resgatar os males causados a inúmeros irmãos que tiveram, através de suas inconseqüências morais e ambição desmedida, as suas possibilidades de retorno bruscamente interrompidas. Contávamos, ainda, que ambos estariam sustentados pelos sólidos caminhos da fé em Deus. Rubens permaneceu fiel ao

roteiro fraterno estipulado pela Espiritualidade, tornando-se um homem nobre e um profissional dedicado e fraterno. Entretanto, o doloroso tempo passado nas zonas umbralinas deixou marcas profundas em seu inconsciente que o fizeram manter o pavor diante da simples ideia da morte e bloquear os preciosos ensinamentos repassados por Lúcia e reforçados por Luiza, embasados na doutrina kardecista. Marta, ao contrário de Rubens, diante do esquecimento, deixou-se envolver pelas futilidades e frivolidades que acompanharam seu espírito em sua penúltima reencarnação. Extremamente ligada às aparências e ao conforto, abriu mão de suas responsabilidades como mãe e esposa. Atualmente, ambos encontram-se perdidos em sua própria dor e, embora tenhamos tentado arduamente reconduzi-los aos roteiros reencarnatórios, até o momento não obtivemos sucesso.

Olívia perguntou:

- Evidentemente já tentaram conversar com eles durante a vigília, não? Eles não conseguem assimilar a conversação?

Lucila, com tristeza, respondeu:

- Antes do desencarne de Luiza, algumas vezes conseguíamos influenciar Rubens, porém agora ele está confuso, emaranhado em sua tristeza e nem mesmo percebe nossa presença. Com Marta ocorre o contrário: antes ela estava completamente focada na aparência e na vida social e não conseguíamos contato, pois suas

afinidades a levavam a buscar, durante a breve libertação da matéria, através do sono, objetos de sua sedução e a companhia de espíritos afins à sua forma de agir. Porém, neste momento, a dor a tem feito repensar suas atitudes e temos esperança de conseguir intuí-la ao caminho da fé e de novos hábitos.

Bento ponderou:

- Tenhamos fé, pois o Pai nos guiará nessa jornada e iremos encontrar a melhor forma de auxiliá-los.

E Antônio, sorrindo, concluiu:

- É verdade, vovô! Tenho certeza de que, unidos, iremos cumprir essa missão e conseguiremos guiá-los ao reencontro do amor de Nosso Pai.

- Conte comigo, Antônio! - finalizou Lucila.

Despediram-se, assim, de Bento e Olívia, que retornaram às suas atividades na colônia. Antônio solicitou, então, a permissão de Lucila para visitar os departamentos e observar o trabalho realizado pelo Instituto da Luz.

Capítulo 9. Fé - A semente da mudança

Na manhã seguinte, Antônio conversou com os avós. Desejava visitar os pais de Luiza durante a vigília, a fim de buscar intuí-los a uma nova visão. Bento percebeu a ansiedade do neto e disse-lhe com carinho:

- Meu filho, fico feliz com sua atitude positiva e estarei ao seu lado, mas devo alertá-lo para que não mantenha muitas expectativas com relação a essa visita, pois ambos se encontram extremamente magoados e distantes da fé.

- Não se preocupe, vovô! - replicou Antônio. - Esse é meu jeito de ser, sou ansioso por natureza! Vocês me ensinaram a ter fé e acreditar que tudo irá dar certo. Porém, hoje trago na consciência que as transformações advêm no tempo de Nosso Pai. Talvez essa mudança não ocorra hoje ou amanhã, porém ocorrerá cedo ou tarde. Apenas rogo para que Nosso Pai nos inspire a encontrar os meios capazes de serená-los e reconduzi-los à seara do aprendizado. Luiza está imensamente angustiada com essa situação e essa agonia prejudica seu aprendizado na colônia, já que não consegue manter o equilíbrio, devido ao fato de que, a todo instante, presente os sentimentos de dor e pesar dos pais em relação ao seu desencarne.

Olívia, que olhava para o neto com ternura, completou:

- Meu querido, sempre admirei essa sua urgência em auxiliar a todos. Desde a infância você demonstrava o valioso sentimento de solidariedade. Recordo de certo dia, quando você, com apenas oito anos, correu até a nossa casa, levando um cãozinho nos braços que havia sido atropelado na rua. Lembra? Apesar de triste com a situação, você foi logo acomodando o pobrezinho em um caixote e dizia com propriedade: “Fique calmo que tudo vai dar certo e você vai viver!”.

Antônio sorriu com a recordação de seu amado Vivinho, que durante sua infância fora seu companheiro fiel. O nome fora dado pelo avô, que cuidara dele durante o período de restabelecimento, uma vez que seus pais não queriam animais em casa. Todas as noites, quando Antônio ligava para Bento perguntando pelo cãozinho, o avô lhe respondia: “Ele está ‘Vivinho da Silva!’”. Antônio achou que era um bom nome, pois tinha até um sobrenome. E tratou de convencer os pais de que Vivinho seria uma boa companhia para todos.

Seu cãozinho fora um excelente companheiro de muitas aventuras, sempre mescladas pela invejável imaginação de Antônio, que gritava: “Venha, Vivinho! Eles estão atrás de nós, temos que fugir!”. O cãozinho obedecia rapidamente ao comando, tornando-se um perseguidor implacável de sua bicicleta. E, assim, eles corriam horas a fio pelo jardim de sua residência. Por vezes, já cansados das

estripulias do dia, ambos sentavam-se na varanda e aguardavam o saboroso lanche preparado com carinho pela mãe de Antônio. Sabendo da atitude do filho, ela sempre colocava dois fartos sanduíches, uma vez que, embora o prato de ração estivesse sempre abastecido, Antônio continuamente dividia sua comida com seu fiel companheiro. Vivinho recostava a cabeça sobre sua perna e acomodava-se junto ao amigo, aguardando ansioso pelo seu pedaço de sanduíche e pela tigela de água limpa e fresca.

- Ah, como tive uma infância feliz! Uma pena não ter dado o devido valor ao amor que recebi em minha curta existência... - referindo-se ao fato de haver retornado à Espiritualidade ainda jovem, vítima das drogas.¹

Bento, em tom sério, retrucou:

- Já passamos da fase da autopiedade, não é mesmo, meu filho?

Antônio sorriu e acenou positivamente com a cabeça.

- Então vamos ao nosso próximo trabalho. Iremos conversar com Lucila e, caso seja possível, ainda hoje à noite estaremos reunidos na casa de Luiza, concorda?

- Claro, vovô! - asseverou Antônio.

Naquela mesma noite partiu para a residência de Rubens uma pequena comitiva composta por Bento, Lúcia e Antônio. Chegaram por volta das 23 horas; ali, Lucila já os aguardava para o trabalho. Encontraram Rubens sentado em sua poltrona na biblioteca. Apesar

de olhar as páginas do livro, seu pensamento estava distante e podiam perceber, em sua tela mental, uma profunda dor.

Bento falou a Antônio:

- Perceba seu estado catatônico, sua aflição e seu desprazer pela vida. Não apenas por sua aparência física, mas por suas construções mentais.

Antônio podia ler seus pensamentos e perceber a profunda revolta misturada à sua dor. Angustiado, Rubens questionava-se: “Por que não consegui salvar minha única filha? Por que Deus me odeia a ponto de me ferir dessa forma? Por que ainda permaneço vivo e preso a esta dor sem fim? Desejo tanto morrer e me livrar para sempre deste tormento diário...”.

- Como poderemos auxiliá-lo? – questionou Antônio.

- Hoje será impossível, Antônio! – esclareceu Lúcia. – Contudo, tentaremos entrar em contato com Marta, que vem demonstrando sinais de expansão de sua consciência.

Todos se dirigiram ao quarto do casal, onde o corpo de Marta adormecia, mas seu espírito permanecia sentado em uma poltrona junto à janela. A seu lado, duas entidades tentavam em vão envolvê-la em seus fúteis projetos. Lucila fez sinal para que permanecessem imperceptíveis às infelizes irmãs e apenas observassem suas posturas e colocações, a fim de posteriormente analisarem seus propósitos. Diziam para Marta:

- Vamos, Marta, anime-se! Temos que nos divertir, viver e saborear a vida - mencionava uma delas com austeridade.

A outra, um tanto quanto desiludida, falou:

- Deixe-a em paz, Fátima! Isso é inútil! Marta já não é mais a mesma. Desde a morte da filha, ela se encontra desolada, e talvez ela esteja certa! - concluiu em tom melancólico.

- O que você está dizendo, Irene? Vai querer ficar como ela, apática e sem graça? Olhe no que ela se transformou! Quer permanecer atrelada a essa tristeza?

- Somente após perder a filha, Marta se deu conta do quanto a amava. Eu compreendo sua dor, pois também sinto falta da minha família.

- Ora, ora, o que é isso, Irene? Autopiedade? A que família você se refere? Àquela que a deixou morrer naquele hospital fétido, sozinha e abandonada? Que até hoje vive do seu dinheiro e briga pelo espólio?

- Meu marido era um crápula, sei disso, Fátima! Contudo, meus filhos não tiveram culpa, pois eram jovens e apenas queriam se divertir e aproveitar a vida. Depois, sempre me mantive distante de meus compromissos como mãe, agia exatamente como Marta; portanto, era natural que eles não tivessem amor e carinho para comigo. Tenho pensado muito em ambos e gostaria de vê-los novamente!

- Vejo que, mesmo estando catatônica, Marta tem sido uma péssima influência para você! De onde tirou esses pensamentos? Não decidimos que o passado ficaria para trás e que viveríamos o momento? Esqueça essas tolices e tratemos de ir embora daqui. Deixemos que Marta permaneça amargurada e solitária, presa à sua dor. Vamos viver as nossas vidas, sem regras e sem preocupações, como fizemos até hoje. O que me diz, Irene? Você está comigo ou quer ficar como Marta - ridiculamente culpada e doente?

- Você tem razão, Fátima! Vamos embora daqui, ela já não é mais uma boa companhia. Vamos encontrar alguém que realmente saiba viver.

E, rindo, ambas partiram.

Antônio comentou:

- Achei que talvez pudéssemos auxiliar Irene. Ela me pareceu apresentar alguns momentos de racionalidade.

- Sim, Antônio! - concordou Lucila. - Já tentamos auxiliá-la a despertar, porém sua lucidez ainda é vacilante. Tenhamos fé, que em breve conseguiremos encaminhá-la aos hospitais da Espiritualidade, porém antes é necessário que Irene realmente almeje modificar suas atitudes.

Todos observavam Marta, que permanecia inerte e completamente ausente. Antônio pediu permissão para conversar com ela, enquanto os outros se mantinham em contrita oração.

- Dona Marta, gostaria de conversar com a senhora... - afirmou Antônio em tom respeitoso; mas ela permaneceu imóvel.

- Chamo-me Antônio. Podemos falar um pouco sobre os últimos acontecimentos?

Ela conservava o olhar distante, como se nem mesmo percebesse sua presença.

- Gostaria de conversar sobre Luiza.

Ao ouvir essas palavras, ela virou rapidamente a cabeça e o encarou com espanto, dizendo:

- Você conheceu minha filha? Era sua amiga?

- Sim, sou amigo de Luiza - respondeu Antônio rapidamente, a fim de não perder o contato que se estabelecera.

- Ela era tão linda, não é mesmo? Quantas saudades eu sinto da minha menina!

- Sim, Luiza é realmente linda.

- Não, ela *era* linda! - esbravejou, aflita. - Você não sabe, não é mesmo? Luiza ficou muito doente, não suportou a doença e morreu. Era tão frágil e doce a minha criança. Como pude ser tão cega? Como pude não amá-la e não cuidar dela?

E, desesperadamente, Marta começou a chorar.

Antônio calmamente segurou suas mãos e disse-lhe com carinho:

- Tenha calma, não chore! A morte não é o fim e Luiza está mais viva do que nunca. Somente ocorre que hoje ela vive em outro plano.

- Não, você é jovem e não sabe o que diz. Minha filha morreu e está tudo acabado! Não há o que se possa fazer!

- A senhora está enganada! - retrucou Antônio.

Marta o olhou atentamente e disse-lhe em tom desafiador:

- Pois, se Luiza vive, leve-me até ela, imediatamente!

- Infelizmente, neste momento não posso fazer isso. A senhora está muito abalada e Luiza sofreria muitíssimo com a sua presença.

- Percebe o que lhe digo? Todos afirmam que Luiza não morreu, mas não me permitem vê-la. Vá embora, deixe-me em paz!

- Caso permita, posso ajudá-la a reencontrá-la, mas para isso precisa confiar em mim - afirmou Antônio em tom de seriedade.

- Não compreendo o que me diz. Afinal, quem é você?

- Chamo-me Antônio e sou amigo de sua filha Luiza. Prometi a ela que iria auxiliá-la. Por favor, confie em mim.

Ela olhou para ele com carinho e disse:

- Você é tão jovem, Antônio. Com certeza deve ter a mesma idade de minha filha e, assim como ela, deve acreditar nessas bobagens de reencarnação, vida após a morte, não é mesmo? Não seja tolo. Não há nada após a morte, apenas o vazio e a culpa que carrego em minha alma. Agradeço que esteja aqui, mas volte para sua casa. Já não há nada que possa fazer para me ajudar. Volte para sua mãe e conceda a ela o privilégio de usufruir de sua companhia.

Antônio sorriu com tristeza. Aquela frase o tocou intimamente, e a lembrança da figura de sua mãe, bem como a doce presença de sua família, trouxe-lhe pesadas recordações; porém, sabiamente, havia adquirido o equilíbrio do trabalho no bem e respondeu com carinho:

- Assim como Luiza, também estou na Espiritualidade e já não posso compartilhar da alegria de conviver com meus pais e irmãos.

Marta o olhou com espanto e disse-lhe:

- Que bobagem está dizendo, garoto? Nós estamos conversando, estou vendo você!

- Sim, a senhora está me vendo, me ouvindo e conversando comigo, mas já não pertencço à Terra. Vim até aqui esta noite, a pedido de sua filha, para tranquilizá-la e afirmar que Luiza vive. Creia-me, Dona Marta, a morte não existe!

Marta acordou num sobressalto e ainda podia ouvir as palavras de Antônio: “Creia-me, Dona Marta, a morte não existe!”. Relembrava cada detalhe daquele estranho sonho. Seria realmente verdade? Luiza acreditava na vida após a morte e por diversas vezes tentara falar com ela sobre esse assunto, mas Marta se negava a ouvi-la. Após a descoberta da doença e a constatação de que fora uma mãe ausente e frívola, Marta não podia imaginar a possibilidade de perder sua única filha e não ter o tempo necessário para compensar sua ausência. Mas uma dúvida a fazia pensar...

E se realmente Luiza estivesse viva na Espiritualidade? Por diversas vezes ela afirmara à mãe que provaria sua teoria sobre a doutrina espírita e a faria saber que ela continuaria viva. E agora aquele estranho sonho! Será que Luiza estava tentando se comunicar? E, se houvesse algo após a morte, como poderia reencontrá-la?

Todos exultaram com os questionamentos de Marta, pois pela primeira vez a dúvida começava a despertar em sua alma. Lúcia abraçou Antônio com carinho e disse-lhe com lágrimas nos olhos:

- Meu filho, você foi o instrumento enviado por Nosso Pai, pois foi o único capaz de quebrar as barreiras do silêncio e do distanciamento espiritual, que há tanto tempo tentamos transpassar, a fim de encontrar ressonância na alma de nossa querida irmã.

Bento completou:

- As questões de afinidade são importantíssimas nos trabalhos dessa natureza. Analisemos que, por diversas vezes, tentamos conversar com ela, sem conseguirmos manter o contato imprescindível ao estabelecimento da conversação sadia e educativa, pois conservávamos somente alguns minutos de sua atenção. Após esse curto período, Marta retornava à situação catatônica, na qual permanecia até o despertar, impossibilitando-nos a doação das energias salutares ao seu espírito aflito. Hoje a conexão foi estabelecida por Antônio; talvez tenha ocorrido pelo simples fato de

ele possuir a aparência jovem e assim fazê-la recordar do desencarne de Luiza em plena juventude. Mas o que realmente importa é que foi firmado o elo capaz de estabelecer o diálogo edificante entre ambos e, assim, desencadear o início da análise da causa de seus sofrimentos com o êxito que necessitávamos para dar prosseguimento a essa tarefa. Enfim, sejamos gratos e mantenhamos a esperança na bondade do Pai! Oremos para que Ele nos permita dar continuidade ao trabalho que hoje se inicia e, desta forma, possamos regar com a fé e a confiança essa pequena semente de luz que começa a germinar no incrédulo espírito de Marta.

E assim, repletos de júbilo, Bento, Lucila e Antônio retornaram à Colônia Santa Marta. Lúcia, entretanto, solicitou permissão para permanecer na residência e testemunhar se o diálogo entre Antônio e Marta havia surtido o efeito desejado.

1 *O difícil recomeço - Não há caminho sem volta* - Nessa obra, o autor relata o seu retorno à Espiritualidade, após fatal acidente automobilístico.

Capítulo 10. O despertar de Marta

Naquela manhã, Marta acordou pensativa e aquele sonho permanecia em sua mente. Realmente, haveria vida após a morte? Luiza teria cumprido a promessa de estabelecer contato com ela, conforme prometera? As dúvidas se mesclavam ao ceticismo religioso que mantivera desde a adolescência. Marta fora criada pelos pais com excesso de carinhos, mimos e atenções. Ela acostumara-se a ter em abundância tudo o que desejava, mas seus pais haviam se esquecido de preencher sua alma com os ensinamentos nascidos das virtudes da doação e da fé. Crescera com os valores distorcidos, com a beleza e a boa aparência sendo vistas como atributos essenciais ao sucesso; por esse motivo, imaginava que na vida o importante era ter e não ser.

Apesar do tempo que passara se aprimorando para retornar à Terra, seus conhecimentos haviam sido soterrados pelas futilidades que os bens materiais são capazes de proporcionar; ainda que Marta tivesse encontrado em Rubens exemplos contrários à sua conduta superficial, ela jamais buscara modificar seus valores. Somente através do infeliz acontecimento, que fora a revelação da doença incurável de sua filha, ela finalmente percebera que a felicidade sempre estivera à sua frente, sem que jamais houvesse se dado conta

disso. E, faticadamente, quando descobrira a grandeza do ministério da maternidade, já era tarde demais, pois Luiza já estava fadada ao desencarne. Sendo assim, Marta, que crescera e se mantivera distante da presença de Deus e dos ensinamentos do nosso Mestre Jesus, não possuía o suporte da fé que acalentaria a sua alma e traria à sua vida a coragem necessária para enfrentar tamanha tristeza, que consistia na perda de sua única filha.

Percebendo essa lacuna na alma da mãe, inúmeras vezes Luiza tentara conversar com ela sobre a doutrina, mas Marta rechaçava dizendo que não podia crer naquelas “balelas” de vida após a morte, nem tampouco em um Deus de bondade, já que Ele permitia a doença incurável de sua única filha. Apesar de nada dizer à filha, ela pensava: “Onde estão o Seu amor e a Sua justiça? Luiza vai morrer sem ao menos ter a oportunidade de tentar realizar seus sonhos”. Infelizmente, ela não podia compreender esse Pai, no qual sua filha confiava e sobre o qual a jovem argumentava ser “justo e bom”.

Marta levantou-se e caminhou até o quarto da filha, que permanecia exatamente como Luiza o havia deixado, com todos os pertences mantidos com esmero pela mãe, as roupas limpas nos armários, os livros preferidos na estante e a linda boneca “Rosalinda” exposta sobre a cama. Ela abraçou-se à boneca com lágrimas nos olhos e as lembranças começaram a brotar em sua mente.

Recordava-se do último longo diálogo que mantivera com a filha, quando Luiza, sentindo a proximidade do desencarne, a chamara para conversar e expusera suas ideias com relação à sua partida. Marta rememorava cada palavra proferida naquele doloroso momento. Luiza dissera-lhe com carinho:

- Mamãe, você sabe que jamais acreditei na morte, portanto não a temo nem a lamento; ao contrário, agradeço todos os dias pela vida que Deus me permitiu viver até aqui, pois estar ao lado de vocês é um imenso privilégio e uma bênção de amor. No entanto, a Terra é um mero planeta de provas e expiações, do qual partiremos tão logo esteja cumprida a nossa tarefa, regressando ao nosso verdadeiro lar que é a Pátria Espiritual. E eu pressinto que meu retorno está próximo, mamãe.

- Não diga isso, meu amor! - respondera Marta, tentando conter as lágrimas.

- Não chore, mãe! Apenas meu corpo vai partir; eu permanecerei viva em outra dimensão e continuarei a minha escalada evolutiva em outras paragens. Saiba que, quando chegar a hora certa, estaremos juntas novamente.

- Minha filha amada, como eu gostaria de conseguir ter a mesma visão que você tem, mas não consigo... Sinto tanta vergonha e tanto remorso por não lhe haver oferecido o amor e a atenção que você merecia e que deveria ter sido minha tarefa primordial. Sempre a

abandonei aos cuidados de Lúcia, privando-me de vê-la crescer e de acompanhar tantos momentos importantes de sua vida. Perdoe-me!

As lágrimas escorriam pela face de Marta sem que ela conseguisse refreá-las. Luiza passara suas mãos delicadas no rosto da mãe e dissera-lhe com ternura:

- Não diga isso, mamãe! Você sempre foi uma mãe amorosa, não há por que sentir-se culpada de coisa alguma. Eu a amo muitíssimo e não quero vê-la assim.

Luiza pegara sua boneca preferida, Rosalinda. Havia sido o presente que a mãe lhe trouxera de uma de suas viagens ao exterior. Então perguntara:

- Você lembra quando ganhei esta boneca?

- Claro que lembro, meu amor! Você saltou no meu pescoço, cobriu-me de beijos e disse-me que era a mais linda boneca que já havia ganhado... - Marta sorriera com aquela lembrança.

- Amei Rosalinda no instante em que a ganhei! Não apenas por haver sido um lindo presente, mas porque compreendi que, ainda que você estivesse distante e fora do país, jamais se esqueceria de mim.

Marta a beijara e dissera:

- Nunca, meu anjo! Jamais a esqueceria, minha filha!

- É exatamente isso que quero lhe dizer, mamãe! Ainda que eu esteja distante, em outra dimensão, você e papai estarão ao meu

lado. Os laços do amor são o maior elo entre as criaturas. Você precisa confiar nessa imensurável força que nos ligará pela eternidade. acredite em mim, mamãe! A morte não é o fim, mas apenas um “até breve”!

- Mas, querida, como poderei ser feliz sem o seu abraço, o seu beijo e os seus carinhos? - questionara Marta.

- Mamãe, você já refletiu a respeito dos inúmeros irmãos que reencarnam neste planeta e que jamais tiveram o privilégio de possuir um lar? A respeito das crianças que já no nascimento são abandonadas e crescem sedentas do carinho e da proteção de pais amorosos e bons?

- E, mesmo assim, você me diz que Deus é justo? Onde está essa justiça?

Luiza sorria e continuara:

- Se você lesse as obras espíritas, como sempre a aconselho a fazer, saberia o porquê dessas provas. Mãe, cada um recebe segundo suas obras e colhe o que planta. Se abusarmos dos privilégios que nos são concedidos, ou se não dermos o devido valor às bênçãos que recebemos de nosso Pai Maior, seremos fadados a pagar o preço justo. Por exemplo, aquele que em uma reencarnação abandonou seus filhos à própria sorte, privando-os dos cuidados necessários, poderá vir a sofrer o abandono, a fim de deixar gravada em sua alma a dor do desamparo. São nossos irmãos infortunados que crescem

em orfanatos, ansiosos por um afago e pelo aconchego de um lar. Deus é justo, uma vez que concede, a cada um de nós, o direito de plantar e colher, da árvore da vida, os frutos doces ou amargos relativos a nossos atos e a nossas escolhas ao longo da jornada. Ele é bom, visto que plantou no coração dos homens a semente do Seu amor; essa semente, quando germinada, permite que possamos amar nosso semelhante como a nós mesmos. Já imaginou, mãe, quanto amor possui a alma daqueles que conseguem amar o seu próximo além dos laços da consanguinidade? Pense, mãe, no tanto de amor que você poderia doar nesses locais de sofrimentos e dor...

Luiza segurara a mão de Marta e sorriera, continuando a expor seus pensamentos na tentativa de consolá-la:

- Quando eu fizer a minha viagem e você se sentir muito triste, gostaria que se lembrasse deste momento e desta nossa conversa. Por favor, prometa-me que não permanecerá debruçada sobre a amargura ou sobre a revolta, mas que buscará o equilíbrio por meio da renovação interior, através da dedicação ao próximo e do aprendizado da caridade. Visite os orfanatos, mãe! Leve seu amor e sua ternura a outras crianças que permanecem nesses locais, sedentas de carinho. Tenho certeza absoluta de que você conseguirá sentir minha presença entre elas. Deixo a você a missão de encontrar um novo lar para Rosalinda.

E, ainda sorrindo, completara:

- Os brinquedos necessitam de crianças para amá-los!

Marta olhou para a cabeceira da cama e viu *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o qual Luiza lia todas as noites, antes de dormir. Abriu-o ao acaso e leu a seguinte mensagem:

“IV - Os órfãos - Um espírito protetor - Paris, 1860 - Meus irmãos, amai os órfãos! Se soubésseis quanto é triste estar só e abandonado, sobretudo quando criança! Deus permite que existam órfãos, para nos animar a lhes servirmos de pais. Que divina caridade, a de ajudar uma pobre criaturinha abandonada, livrá-la da fome e do frio, orientar sua alma, para que ela não se perca no vício! Quem estende a mão a uma criança abandonada é agradável a Deus, porque demonstra compreender e praticar a sua lei. Lembrai-vos também de que, frequentemente, a criança que agora socorreis vos foi cara numa encarnação anterior, e se o pudésseis recordar, o que fazeis já não seria caridade, mas o cumprimento de um dever. Assim, portanto, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade. Não a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão que a recebe, pois os vossos óbolos são frequentemente muito amargos! Quantas vezes eles seriam recusados, se a doença e a privação não os esperassem no casebre! Dai com ternura, juntando ao benefício material o mais precioso de todos: uma boa palavra, uma carícia, um sorriso amigo.

Evitai esse ar protetor, que revolve a lâmina no coração que sangra, e pensai que, ao fazer o bem, trabalhais para vós e para os vossos”.

- Que estranha coincidência esta mensagem estar ligada a minhas lembranças... - pensou Marta.

Lúcia, que lia os pensamentos da mãe de Luiza e acompanhava seu raciocínio, resolveu intuir sua mente e, colocando as mãos sobre a cabeça de Marta, falou-lhe com serenidade:

- Seria mesmo uma coincidência? Ou seria a vida tentando fazê-la perceber a realidade dos fatos? E se você buscasse conhecer a doutrina e refletir sobre o espiritismo? Afinal, esse sempre foi o desejo de Luiza; por que não realizá-lo? As obras básicas estão à disposição, basta ler e analisar seu conteúdo e tirar suas próprias conclusões. Luiza solicitou que você visitasse um orfanato; por que não fazer isso e realizar o desejo de sua filha?

As ideias surtiram o efeito desejado e Marta resolveu que iria ao Orfanato Maria Imaculada, que ficava na periferia da cidade. No passado, juntamente com as amigas da sociedade, Marta havia providenciado jantares e festas para arrecadar verba e manter o estabelecimento. Apesar do motivo nobre, o pretexto real não era dar assistência aos pequeninos, mas o orgulho de mostrar-se solidária e causar boa impressão perante a alta-roda. Entretanto, agora seu único intuito era atender ao pedido de Luiza.

Lúcia regozijou com aquela intenção que nascia em sua cara irmã e passou o dia ao lado de Marta, emitindo energias positivas, para que ela não esmorecesse quanto a seus propósitos. Marta ligou para o orfanato e marcou uma visita já para o dia seguinte. Sentia-se disposta e pensou: “Levarei brinquedos e roupas às crianças. Luiza iria adorar que eu presenteasse aquelas crianças com alguns mimos”.

Dirigiu-se à cozinha e solicitou a Ernesto, o motorista, que a acompanhasse em algumas lojas do centro da cidade. Assim, passou a tarde comprando brinquedos e roupas para levar ao orfanato. Ao final do dia estava completamente exausta, mas sentia-se feliz pela primeira vez desde a partida de Luiza; após tanto tempo, encontrava-se em paz consigo mesma.

Capítulo 11. A visita ao orfanato

Lúcia retornou à colônia e todos exultaram diante da mudança de atitude de Marta. Reuniram-se no salão principal do Instituto da Luz, para analisar e planejar os próximos passos, no intuito de auxiliarem o lar de Luiza a recuperar o equilíbrio e a fé. Lucila iniciou a conversa dizendo:

- Amanhã, Marta irá ao Orfanato Maria Imaculada, e gostaria que Antônio e Lúcia a acompanhassem. Nesse orfanato está nossa irmã Rita, atualmente reencarnada como uma adorável menininha, chamada Marina.

- Rita, a primeira paciente de aborto de Rubens e Marta? - perguntou Antônio com certo espanto.

- Sim! - respondeu Lucila. - Os laços rompidos devem ser retomados rumo à total harmonia. A história de Rita e os acontecimentos que se seguiram tiveram a participação de nossos irmãos e cabe a ambos auxiliá-la em um novo caminho.

- Desculpe-me a curiosidade, mas o que ocorreu com ela? - perguntou Antônio.

- Claro, Antônio! Não há problema algum em comentarmos os fatos que se seguiram. Assim reveremos a interferência que nossos atos causam na vida do nosso semelhante.

Após ligeira pausa, Lucila continuou:

- Após o aborto, Rita casou-se, conforme havia planejado; contudo, foi muito infeliz no casamento. O aborto realizado por Rubens acarretou um trauma profundo em sua alma e sérios transtornos ao seu frágil psiquismo, o que a levou a desenvolver uma grave depressão. O marido não suportou permanecer ao lado de uma esposa triste e constantemente abatida. Ele a abandonou, poucos anos após o casamento, e Rita desencarnou ainda jovem, vítima de acidente de carro, quando dirigia alcoolizada. Após o seu despertar para os valores espirituais, ela passou longo período na colônia. Estudou e especializou-se para atuar como orientadora nos centros de reabilitação infantil, unidade que atua no reajuste e no reequilíbrio dos espíritos que retornam à colônia, ainda crianças. Entretanto, a retificação se fazia necessária e chegou o momento do reencarne. Rita solicitou renascer como órfã, a fim de suportar o abandono e a ausência do amor familiar que proporcionara a seu filho ao negar-lhe o retorno ao corpo físico. Contudo, ela possui um dom especial que vocês poderão presenciar em breve: a mediunidade.

- Não possuo conhecimento sobre esse assunto - confessou Antônio. - Por favor, você poderia discorrer um pouco a respeito? Eu acreditava que a mediunidade fosse um dom comum a todos...

Lucila, então, elucidou:

- O espiritismo esclarece que o processo reencarnatório prolonga-se até os sete anos de idade. Portanto, é comum que, na fase infantil, o espírito mantenha vínculos com o mundo espiritual. Por esse motivo, com facilidade, as crianças podem perceber a presença dos espíritos e com eles manter um convívio de forma espontânea. Com relação à mediunidade, é fato que todos a possuem, porém nem sempre as pessoas dotadas de faculdades mediúnicas possuem tarefas a desenvolver nesse campo, ou seja, nem sempre a sua reencarnação prevê o exercício dessa atividade. Contudo, essa foi uma solicitação de Rita. Ela desejava possuir a faculdade plena da mediunidade ostensiva, para que, no futuro, através do exercício profundo e do aprimoramento moral, pudesse tornar-se uma médium e trabalhar tanto na divulgação da doutrina espírita, como no auxílio dos irmãos, tornando-se um veículo de intercâmbio entre os dois mundos, físico e espiritual.

- Isso significa que, se desejarmos nos fazer visíveis, ela poderá nos ver? - perguntou Antônio.

- Provavelmente, não somente vê-los, como também ouvi-los - completou Lucila.

- Mas ela não sentirá medo desse intercâmbio? - preocupou-se Antônio.

- Ela é uma linda menininha de cinco anos, portanto não possui os obstáculos do medo, nem mesmo da morte.

- Seria lícito utilizar a mediunidade de Rita para fortalecer a fé de Marta, sendo ela ainda uma criança? - redarguiu Antônio.

Bento sorriu e falou-lhe com carinho:

- Antônio, lembre-se de Coríntios 10-23: "Sim, 'tudo é permitido', porém nem tudo é proveitoso. Sim, 'todas as coisas são lícitas', contudo nem todas são edificantes". Ou seja, nossa real intenção é a medida de nossas atitudes. Marta necessita de fatos incontestáveis para crer na Espiritualidade e relembrar os valores sagrados que, durante anos nesta colônia, trabalhou arduamente para conquistar. É nosso dever tentar auxiliá-la a relembrá-los e colocá-los em prática na presente reencarnação. Rita está ligada ao passado de erros de Marta, e ambas serão colocadas novamente frente a frente, tendo assim a oportunidade de refazerem seus passos. Contudo, o soerguimento caberá às suas escolhas e, neste momento, caberá principalmente a Marta realizar a escolha do amor ao invés da dor. Oremos ao Pai e confiemos em Sua bondade.

E, após uma prece, encerram a reunião e retornaram às suas atividades. Antônio, no entanto, recolheu-se ao seu quarto e durante longo período meditou sobre todos os fatos narrados. Em silêncio, elevou seus pensamentos ao Senhor e orou: "Pai de infinita bondade! Confio em ti e no Seu imensurável amor para conosco. Rogo para que nossos irmãos possam perceber a Sua suave presença em todos os instantes da eterna jornada! Que possam eles reencontrá-Lo na

dor que hoje os aflige e, enfim, compreender que a morte não é o fim, mas o recomeço e o retorno à verdadeira vida!”.

Na manhã seguinte, Antônio chegou ao raiar do dia na residência de Luiza para encontrar-se com Lúcia, que havia permanecido no lar, a fim de garantir as energias salutares da oração. Marta acordou por volta das 8 horas. Sentia-se desanimada e triste, mas havia se comprometido a cumprir o desejo de Luiza. Desceu para o café e encontrou Rubens sentado na varanda, com olhar e pensamentos distantes, cena com a qual ela já havia se habituado. Entretanto, naquela manhã, Marta sentiu um enorme pesar ao vê-lo envolvido em tamanha tristeza e desilusão.

Rubens havia envelhecido, ela já não o via sorrir ou contar suas histórias engraçadas, como fazia no passado. O bom humor de Rubens sempre fora contagiante. Diariamente, ele trazia acontecimentos peculiares que faziam Luiza e Marta dar boas risadas. O marido sempre fora o esteio do lar, a força e a segurança. No entanto, agora era o reflexo da fragilidade e da apatia. Marta sentia que precisava encontrar uma forma de ajudá-lo, mas como fazê-lo? Ela nem mesmo sabia como combater a própria dor. Sentou-se ao seu lado, segurou sua mão e disse-lhe com carinho:

- Querido, irei visitar o Orfanato Maria Imaculada. Venha comigo, faça-me companhia!

Rubens olhou para ela com certa estranheza, fez um sinal negativo com a cabeça e permaneceu calado.

- Esse foi um pedido de Luiza, mas somente agora resolvi cumprir minha promessa a ela. Não irei me demorar e retornarei para almoçarmos juntos.

- Faça como quiser, Marta. Não sinto nenhuma vontade de sair - respondeu Rubens, retornando à sua inércia. Marta decidiu não insistir, apenas deu-lhe um beijo e saiu para realizar a visita.

Ela chegou ao orfanato por volta das 10 horas. O local era muito bem cuidado e Marta manteve uma longa conversa com Laura, a administradora da casa. Esta lhe mostrou todas as dependências do orfanato e explanou sobre os trabalhos realizados que visavam auxiliar as crianças trazidas ao estabelecimento, no intuito de repassar as condições necessárias para que elas se sentissem acolhidas e amparadas no lar provisório.

Assim como Laura recebia Marta no plano físico, Antônio e Lúcia eram acompanhados por Clara na esfera espiritual. Clara era a mentora do orfanato e trabalhava juntamente com os espíritos encarregados de guarnecer seus pupilos, tendo em vista a imensa proteção espiritual que deve ser mantida no período da infância pelos espíritos protetores. Ela mencionava as tarefas e os programas preestabelecidos a cada irmãozinho reencarnante e que por ora passava pela expiação do abandono. Em especial com relação a

Marina, Clara comentava que a Espiritualidade atuava protegendo-a e mantendo certo controle sobre seu campo vibratório, para que sua mediunidade somente se desenvolvesse no tempo devido e não comprometesse sua infância.

Laura chegou até a área de recreação, onde as crianças menores brincavam e conversavam em grande alvoroço. Ela chamou a atenção dos pequenos, solicitando calma e apresentando Marta ao grupo, dizendo:

- Silêncio, crianças! É assim que recebem nossa visita? Esta é Dona Marta. Ela veio conhecê-los e trouxe alguns presentes para vocês; mas, para ganhá-los, vocês precisam se comportar.

Diante da palavra “presentes”, os olhinhos dos pequenos brilharam e, imediatamente, todos foram ao seu encontro em grande alarido. Marta sorriu diante daquela manifestação infantil, num misto de alegria e curiosidade. Imediatamente, lembrou-se de Luiza e da alegria que refletia o seu rostinho diante de um presente. Seus pensamentos foram interrompidos por uma pequenina mãozinha que a tocava e perguntava:

- A senhora trouxe alguma coisa para mim?

Marta olhou para aquela encantadora garotinha, de longos cabelos pretos que caíam sobre os ombros e contrastavam com os belos olhos negros amendoados, que refletiam sagacidade e certa dose de “sapequice”.

- Como se chama, minha querida?

- Marina! - ela respondeu.

Clara, Antônio e Lúcia, embevecidos, observavam a cena do reencontro daqueles dois espíritos que recomeçavam a trilhar uma nova jornada de redenção:

- É claro que trouxe! - respondeu Marta tirando da sacola um bonito pacote e dizendo:

- Este é especialmente para você! - Marina abriu o embrulho rapidamente e lá estava a boneca mais linda que ela já havia ganhado. Imediatamente, a menina saltou no pescoço de Marta e deu-lhe um beijo. A mãe de Luiza emocionou-se com o gesto, e foi surpreendida com a pergunta que veio a seguir:

- Muito obrigada! Quem são seus amigos?

- Amigos? A quem você está se referindo? Eu estou sozinha...

- Não está, não! - ela respondeu de pronto. - Há um garoto e uma vovozinha ao seu lado.

Marta olhou em volta, um tanto assustada com aquela colocação. Então, Antônio ajoelhou-se à frente de Marina e disse-lhe:

- Olá, Marina! Por favor, você poderia nos ajudar, pois Dona Marta não consegue nos ver como você. Diga a ela que não precisa ter medo, pois somos seus amigos. Eu sou Antônio e esta é Dona Lúcia.

Marina sorriu e disse a Marta:

- Ah, agora entendi, você também não consegue vê-los, não é mesmo? Mas não precisa ter medo, eles são seus amigos e se chamam Antônio e Dona Lúcia.

E, sem que Marta pudesse responder, ou mesmo questionar, Marina saiu correndo pela sala para mostrar a linda boneca a seus amigos.

Laura, que as observava, logo percebeu a situação e veio ao encontro de Marta esclarecendo:

- Essa é a nossa Marina. Ela possui uma imaginação maravilhosa e inúmeros “amigos imaginários”. Infelizmente, essa imaginação repleta de seres invisíveis já lhe impediu de ser adotada inúmeras vezes, pois as pessoas interessadas terminam por se assustar com suas visões e algumas de suas colocações. Acabam por temer pela sua sanidade e optam por escolher outra criança. Contudo, posso garantir que ela é uma menina adorável, doce, meiga e carinhosa. Espero que algum dia Marina encontre pais que possam amá-la sem receio!

Já passava da hora da visitação e Marta se despediu das crianças. Caminhou na direção de Marina e ela foi logo lhe dizendo:

- Adorei a boneca, é muito bonita! A senhora vai voltar, não vai?

- Se é isso que você deseja, eu voltarei, Marina! - respondeu Marta.

Ela a abraçou com força e disse-lhe:

- Eu quero, quero sim!
- Combinado! Na próxima semana virei visitá-la.
- Traga o Antônio e a Dona Lúcia também!

E novamente saiu correndo pelo corredor.

Marta, assombrada e confusa, observou Marina se afastar e pensou: “Será fruto da imaginação de Marina, ou Luiza tinha razão quando afirmava sobre a imortalidade do espírito?”. Sentiu que precisava ler sobre o assunto, queria conhecer mais a respeito da doutrina espírita, para tirar suas próprias conclusões. Porém, sem dúvida alguma, era uma enorme coincidência Marina mencionar o nome de Dona Lúcia e de Antônio. A não ser que ela, realmente, tivesse visto sua velha amiga e o garoto com quem sonhara. Seria isso possível? Inúmeras dúvidas começavam a brotar em sua mente.

Antônio e Lúcia abraçaram-se satisfeitos, pois havia sido dado o primeiro passo rumo à incontestável verdade: a imortalidade da alma.

Capítulo 12. O retorno ao lar

Marta retornou à sua residência, repleta de questionamentos e com uma nova motivação: conhecer a doutrina espírita. Em sua mente, fervilhavam novas possibilidades. Se a vida após a morte era uma realidade, então Luiza estava realmente viva, assim como Lúcia. Estariam juntas na nova vida? Ao mesmo tempo, a dúvida e o racionalismo criavam empecilhos ao reencontro de seu espírito com a fé.

Antônio e Lúcia a acompanharam até o lar. Assim que adentrou na casa, Marta correu até Rubens e narrou os fatos vividos no orfanato. Ela falava entusiasmada sobre Marina e suas colocações e principalmente sobre o fato de a menina haver mencionado estar vendo Lúcia e Antônio. Contudo, Rubens se mantinha cético:

- Isso é apenas imaginação da garota, Marta! Nada demais! Quantas crianças apresentam a imaginação fértil e repleta de personagens invisíveis.

- Mas, Rubens, ela mencionou uma “vovozinha” chamada Lúcia
- retrucou Marta.

- E você perguntou mais detalhes? Como era sua aparência, a cor dos olhos, os cabelos ou algo que identificasse essa senhora como sendo a “nossa” Lúcia?

- Eu teria perguntado se ela tivesse me dado tempo para isso, mas, assim que me falou que estava vendo essas pessoas, Marina já saiu correndo pela sala.

- Viu?! Com certeza isso não tem nada a ver com espíritos. Esqueça essa bobagem, Marta. A vida é somente o aqui e o agora.

Após o almoço, Marta subiu para o quarto. Rubens havia jogado um balde de água fria sobre sua momentânea alegria. Ela deitou-se e adormeceu. Assim que se viu fora do corpo, percebeu a presença de Lúcia e correu abraçá-la, como a criança que busca o refúgio no colo da mãe. Marta chorava copiosamente.

Lúcia olhou emocionada para Antônio, pois, pela primeira vez, Marta encontrava-se na mesma sintonia dos amigos espirituais. Ela a abraçou com afeto e disse-lhe:

- Não chore, minha querida, estamos aqui para ajudá-los a reencontrar seus destinos. Tenha fé em Deus!

- Não sei onde encontrar forças para suportar a falta de Luiza. Nem mesmo sei se creio em Deus!

- Não tenha dúvida da existência de Deus! Ele está ao seu lado e deseja que você recomece a sua vida.

- Como posso recomeçar a minha vida sem a presença da razão do meu viver?

- Amando e servindo, minha querida! Recorde-se das palavras de Luiza, solicitando que você distribuísse seu amor. Hoje, você deu o

primeiro passo, visitando aquele orfanato e levando alegria àquelas crianças.

- Sim, é verdade! Cumpri minha promessa - concordou Marta.

- Mas você prometeu a Marina que iria retornar, não é mesmo? Não deixe Marina e aquelas crianças sem o seu amparo. O dinheiro traz consigo a responsabilidade de ser utilizado em favor dos irmãos necessitados, mas você não possui somente os recursos financeiros para auxiliá-los, possui ainda outro tesouro mais valioso para ser doado.

- Não compreendo o que você diz, Lúcia!

- O sentimento de amor é o maior tesouro que todos nós possuímos, minha querida! É nosso dever distribuí-lo aos nossos irmãos.

Marta confessou chorando:

- Não possuo a sua força, Lúcia! Sinto-me perdida e sozinha. Preciso reencontrar minha filha! Por favor, ajude-me!

- Antônio e eu estaremos ao seu lado!

Antônio sinalizou que Marta estava prestes a despertar e Lúcia falou serenamente:

- Minha filha, nosso tempo é curto, pois você está prestes a retornar ao corpo físico, mas preciso que mantenha, ao acordar, a lembrança deste encontro e destas palavras: “Estude a doutrina espírita e cumpra sua promessa a Marina de retornar ao orfanato”.

Marta despertou com os olhos molhados de chorar e recordou-se de cada detalhe do que sonhara. Levantou-se imediatamente e dirigiu-se ao quarto de Luiza. Observou a prateleira repleta de livros e pegou um volume em especial, visto que se recordava da filha a dizer-lhe: “A doutrina espírita é antes de tudo uma doutrina de reflexões, que exige o estudo diário. Esta é uma das minhas obras preferidas e você deveria dedicar alguns minutos do seu dia para lê-la, mamãe! Certamente iria se surpreender com a lógica que comanda a vida!”.

Ela pegou o livro com carinho e o apertou junto ao peito, como se estivesse abraçando os doces momentos de convivência com Luiza. Tratava-se de *O Livro dos Espíritos*, uma das obras básicas da doutrina espírita, que traz comentários a respeito de cada uma das perguntas formuladas por Allan Kardec e das respectivas respostas dadas pela Espiritualidade sobre os mais diversos assuntos. Retornou ao seu quarto e sentou-se na cadeira defronte à janela. Pensou em Lúcia e mentalmente solicitou o seu amparo: “Ajude-me, minha amiga, a reencontrar a paz e a fé!”.

Sem que ela percebesse, Lúcia a abraçou, com carinho, e a envolveu nas emanções da oração. Marta passou o resto da tarde absorta na leitura edificante e nem mesmo percebeu o tempo passar. Ao fechar o livro, percebeu que atrás do marcador havia uma dedicatória que dizia: “À minha querida amiga Luiza, que me ensinou o

caminho da fé e me permitiu o reencontro com Deus! A você, devo a minha força e a minha vida e prometo que pela eternidade permanecerei ao seu lado. Independentemente do plano em que estivermos, seja físico ou espiritual, nossa amizade continuará além dos mundos! Com carinho, Juliano”.

Marta recordou-se da presença de Juliano, ao lado de Luiza, ao longo dos anos. Embora ele houvesse recebido a bênção da cura, jamais deixara de visitá-la. Todas as quartas e sextas-feiras, Juliano buscava Luiza para irem juntos à Casa Espírita Amor e Caridade, onde participavam das atividades. Quando a doença se tornou um empecilho a Luiza, ele vinha após os trabalhos e revia as lições expostas naquela noite, liam juntos o Evangelho e permaneciam por horas a conversar. A ligação de amor que possuíam era impressionante; certa vez, Marta perguntara a Luiza se ambos estavam namorando. Luiza sorria e respondera tranquilamente:

- Não, mamãe! Juliano e eu somos amigos de muitas reencarnações e realmente possuímos laços de amor profundos, mas esse é um amor fraternal.

Marta, a princípio, acreditara que eles estavam escondendo a relação dos pais, devido aos graves problemas que a doença de Luiza impunha à sua vida, mas, com o passar do tempo, percebera que ela havia dito a verdade.

Eram, genuinamente, apenas grandes amigos e tratavam-se como irmãos que possuem total afinidade.

“Como estará Juliano?”, pensou Marta. Após o desencarne de Luiza, ele tentara conversar com Rubens e Marta sobre a sobrevivência da alma. Chegara mesmo a ir à casa deles diversas vezes, no intuito de falar sobre a fé, mas nenhum deles estava preparado para ouvi-lo, pois a dor e a revolta não lhes permitiam crer naquele Deus que Juliano e Luiza acreditavam ser justo e bom, e que havia levado para junto de Si a única razão de suas vidas: Luiza.

Entretanto, agora Marta se sentia em condições de falar com ele e comentar sobre os últimos acontecimentos. Talvez, até mesmo, visitar a Casa Espírita Amor e Caridade. Procurou na agenda e lá estava o número do telefone de Juliano. Pensou, decidida: “Amanhã mesmo ligarei para ele!”.

Lúcia e Antônio abraçaram-se felizes e agradecidos ao Pai pelas novas possibilidades que estavam surgindo no coração de Marta. A noite caía suave quando retornaram à Espiritualidade, a fim de narrar o ocorrido e planejar os próximos passos em prol daquele lar.

Capítulo 13. Os roteiros sagrados

De volta à Colônia Santa Marta, Lúcia e Antônio colocaram todos a par dos últimos acontecimentos, que se mostravam extremamente positivos. Combinaram que Lúcia permaneceria atenta a Luiza e ao seu lar terreno, e os demais acompanhariam os fatos. Todos se manteriam concentrados em suas tarefas na Espiritualidade, exceto Antônio, que teria por missão primeira auxiliar Lúcia e, durante o tempo na colônia, estagiar com os irmãos auxiliando no cumprimento das tarefas.

Por essa razão, Antônio solicitou a permissão de Lucila para expandir seu conhecimento em relação às atividades no Instituto da Luz, pois este era um assunto vasto e extremamente interessante à ampliação de seu aprendizado. Lucila concordou e ele passava grande parte de seu dia ao lado da amiga, questionando sobre o assunto e as tarefas que compunham as programações relativas aos reencarnes no planeta Terra.

Certo dia, Dionísio, que se preparava para o reencarne, visitou o centro pela última vez para rever seu programa reencarnatório, com Lucila e os demais irmãos que cuidariam de todo o processo, bem como do acompanhamento que teria durante o período em que permaneceria na esfera terrestre. Logo que foram apresentados

formalmente, Antônio pensou: “Como gostaria de conversar com Dionísio sobre esse trabalho... Admiro seu conhecimento e sua dedicação a esta colônia; por certo ele possui vasta ciência sobre todos os métodos relativos à reencarnação e suas ligações com as aflições da alma. Ele poderia esclarecer inúmeras dúvidas que possuo sobre esse assunto”.

Dionísio virou-se e olhou para Antônio com atenção, dizendo-lhe:

- Por favor, meu filho! Sinta-se à vontade para perguntar o que deseja. Será um prazer auxiliá-lo no que for possível. Contudo, não se iluda, pois não possuo um conhecimento assim tão vasto. Ocorre apenas que o trabalho edificante, além de ser um lenitivo ao nosso espírito, age como um captador de fatos que ampliam a nossa estreita visão ao longo dos tempos. O mesmo ocorre com você, pois o Antônio que chegou à Colônia São Luiz não é o mesmo que hoje estagia na Colônia Santa Marta, não é mesmo?

- E verdade! - respondeu Antônio um tanto quanto constrangido, pois se comportara como se ainda estivesse na Terra, esquecendo-se de que os espíritos elevados podem facilmente ler nossos pensamentos. Mas, diante da oportunidade, não se fez de rogado e perguntou:

- Obrigado. Eu realmente desejava lhe perguntar algumas coisas. Por exemplo, tenho uma dúvida a respeito da questão 258 de *O Livro dos Espíritos*, que diz: “No estado errante, e antes de começar nova

existência corporal, o Espírito tem consciência e previsão das coisas que lhe vão acontecer durante a vida?”. Temos como resposta: “Ele próprio escolhe o gênero de provas que deseja sofrer e nisto consiste o seu livre-arbítrio”. Mas nem sempre a liberdade de escolha e o conhecimento das provas serão permitidos, não é mesmo?

- Você tem razão, Antônio! - respondeu Dionísio. - Todos os espíritos têm sua programação e seus roteiros devidamente adequados às suas necessidades de aprendizado, porém, para que possam participar da elaboração dos projetos, se faz necessário que estejam aptos e equilibrados para contribuir de forma positiva. No entanto, você sabe que muitos de nossos irmãos, infelizmente, se encontram em lamentáveis estados de rebeldia e indisciplina. A estes, os projetos serão elaborados por espíritos responsáveis. São reencarnações obrigatórias e necessárias ao reajuste diante das leis divinas infringidas por esses irmãos. Diariamente, inúmeros espíritos retornam ao corpo de carne e padecem de expiações organizadas com interesse específico no aprimoramento do ser reencarnante.

Como Antônio nada perguntasse, demonstrando estar compreendendo perfeitamente sua explanação, Dionísio continuou:

- Todos os projetos executados neste instituto possuem diretrizes específicas e observam inúmeros aspectos. Por exemplo, ao planejarmos o corpo físico no qual o espírito irá reencarnar,

deveremos seguir a biologia e a genética dos futuros pais, que irão gerar os detalhes físicos, tais como: cor da pele, altura, biótipo, olhos, cabelo, ou seja, a aparência física. O biótipo trará detalhes específicos quanto aos sistemas endócrino, cardíaco, esquelético, respiratório, muscular, etc. Para o planejamento desses aspectos, deveremos levar em conta as necessidades cármicas do indivíduo no corpo físico. Assim, poderemos imprimir as falhas ou imperfeições no corpo que poderão acarretar ou não doenças, pois tudo é relativo e de acordo com o comportamento do reencarnado.

Antônio ouvia atentamente as palavras de Dionísio, que seguia explicando:

- Se o reencarnante não comprometer seu corpo com vícios, abusos, violências premeditadas ou desatenções, seu corpo estará apto a ser um instrumento qualificado através do qual, durante a reencarnação, o espírito poderá reequilibrar seu carma, quitando antigos débitos, reparando faltas do ontem e utilizando o tempo a seu favor, na aquisição de qualidades que somente podem ser vivenciadas e reiteradas na esfera carnal, através das lutas diárias e das relações humanas, tais como a expansão do sentimento de amor ao próximo e de virtudes como a caridade e o perdão.

- Mas como definir os transtornos físico-patológicos adquiridos ao longo da reencarnação, mesmo que o espírito possua todos os cuidados com a sua saúde? - perguntou Antônio.

- Nesse caso, são carmas programados e necessários para a evolução do espírito. Cada detalhe é cuidadosamente estudado pela Espiritualidade Maior. Tanto a perfeição física quanto a deficiência, a habilidade em determinados campos de atuação, até mesmo a beleza ou a fealdade são resultados de um elaborado planejamento biofísico que pode servir como prova ou expiação, resgate ou missão, sempre mantendo o mesmo fim, o aprendizado ao reencarnado.

- Nasci numa família classe média e tive inúmeras oportunidades desperdiçadas. Muitas vezes penso: Caso eu tivesse nascido em um lar sem as mesmas condições financeiras, talvez com menos conforto, será que haveria vencido alguns obstáculos, ou oferecido maior resistência a meus vícios e dado mais valor ao que possuía em minha vida? - questionou Antônio.

- Essa pergunta cabe a você responder, meu filho! - falou Dionísio com serenidade. - Analise com atenção seu passado e suas escolhas, mas lembre-se de que, quando ocorrem alterações no planejamento reencarnatório, pelo uso do livre-arbítrio do espírito encarnado, desviando do caminho por ele mesmo traçado, não há perda total nem devemos considerar aquela como uma reencarnação "perdida". Por certo haverá prejuízos e danos, mas existirão também aprendizados que poderão conduzi-lo à evolução. O roteiro estipulado pode não ser o trajeto percorrido, causando ao nosso espírito sofrimentos e percalços. Mas se persistirmos no nosso ideal,

mesmo que por caminhos desviados, cedo ou tarde todos nós chegaremos ao nosso destino. O papel da Espiritualidade é planejar cuidadosamente esse retorno, levando em conta todos os fatores de acordo com o papel que o reencarnante deverá cumprir diante da sociedade, inclusive suas tendências profissionais.

- Eu sonhava em ser médico... - disse Antônio com certa melancolia.

- Não se constranja! Todos nós temos muitos sonhos a realizar e, creia-me, os realizaremos através dos esforços empreendidos ao longo das reencarnações. O projeto social estuda a melhor forma de dar cumprimento ao planejamento pré-estipulado, levando em conta o ambiente socioeconômico-cultural, o acesso à educação e ainda se haverá facilidades econômicas ou não.

- Então, a reencarnação é um conjunto de projetos relativamente estipulados? - questionou Antônio.

- “Relativamente” é a palavra certa, pois, durante a reencarnação, podemos interferir e modificar o projeto estruturado pela Espiritualidade de acordo com nossa determinação, persistência, vontade e disciplina. Contudo, o fator primordial é o projeto espiritual, ou seja, qual é o motivo principal da reencarnação senão a oportunidade de crescimento dos valores morais e espirituais? Todos os fatores visam a essa possibilidade de vitória: o crescimento nas áreas do conhecimento e da capacidade afetiva - a evolução

intelecto-moral. A cada espírito cabe o trabalho árduo de descobrir e desenvolver as virtudes do amor e da caridade. Vencer os obstáculos que constituem as mazelas inferiores, tais como a impaciência, a intolerância, o egoísmo, a inveja e tantas outras. A reencarnação é a oportunidade valiosa de vencer as tendências negativas, reforçar antigas qualidades e adquirir novas virtudes.

- Percebo o que quer dizer, Dionísio! - falou Antônio, com brandura. - Contudo, algumas pessoas na Terra não admitem a possibilidade de que tenham, propositalmente, escolhido uma vida de dificuldades e problemas, não é mesmo?

- É verdade, Antônio! Ocorre que, na erraticidade, período entre as reencarnações, o espírito desenvolve uma ampla visão da posição em que se encontra e de onde almeja chegar. Durante esse período, livre dos liames da carne, entende que, para atingir a felicidade, o caminho é árduo e difícil, portanto inúmeras vezes ele próprio solicita a oportunidade do sofrimento-resgate como uma terapia impreterível à sua evolução. O entendimento profundo das dificuldades como necessidades espirituais, e o conhecimento da participação na elaboração de grande parte do projeto de reencarnação principiam e facilitam o processo de cura do espírito. Trata-se do entendimento da lição primordial do Evangelho compreendendo o princípio básico das leis harmônicas que regem o universo: *a cada um será dado segundo as suas obras* através da lei maior

de causa e efeito. Hoje, realizamos a colheita do passado, portanto é trabalho do Instituto da Luz estimular o indivíduo a promover uma gloriosa sementeira de felicidades para o seu futuro.

Lucila aproximou-se argumentando:

- Perdoe-me, Antônio, mas há alguns detalhes para os quais necessito da aprovação de Dionísio e terei que privá-lo de sua companhia.

- Desculpe-me, Dionísio, a minha curiosidade tomou demasiadamente seu tempo, mas agradeço a sua bondade em dividir comigo seu vasto conhecimento.

Dionísio abraçou Antônio com carinho e disse-lhe:

- Eu agradeço a você, Antônio, pelo imenso privilégio de ser-lhe útil. Obrigado!

Ele afastou-se e Antônio permaneceu a observá-lo e admirá-lo ainda mais pela forma gentil com que tratava a todos, pois Dionísio era um ser repleto de luz e transmitia suaves emanções de serenidade e paz, sendo esta uma característica comum aos espíritos nobres e benevolentes. Antônio, mentalmente, orou por Dionísio, solicitando ao Pai que o fortalecesse no cumprimento de sua missão e no retorno seguro e triunfante à Colônia Santa Marta.

Capítulo 14. A importância do equilíbrio

Antônio procurou Luiza. Resolvera conversar com a amiga e saber como ela estava se adaptando à rotina da colônia. Luiza era inteligente e vivaz. Possuía os valores da fé adquiridos ao longo das reencarnações; contudo, ainda se encontrava perturbada pelas emoções que a ligavam ao lar terreno. Ela se esforçava por adquirir equilíbrio e harmonia e, para tanto, frequentava os diversos cursos proporcionados aos recém-chegados da Terra. Entretanto, algumas vezes a tristeza a visitava, principalmente quando pensava no pai e podia perceber, através dos estreitos laços de amor puro e afinidade que a ligavam a ele, a dor e a tristeza que permaneciam arraigadas no espírito de Rubens. Nesses momentos, Luiza procurava orar e restabelecer o equilíbrio, mas sofria pela impossibilidade de auxiliá-lo. A jovem amava profundamente os pais e ansiava por encontrar uma forma de despertá-los para a verdade maior – a imortalidade da alma. Evidentemente, um sentimento natural e louvável, mas que, devido ao seu recente retorno à Espiritualidade, causava inquietude ao seu espírito e prejudicava sua concentração para o devido restabelecimento energético de seu perispírito.

Antônio solicitara a Lucila autorização para expor a Luiza os últimos acontecimentos, o que lhe fora permitido. Assim, Lúcia e

Antônio visitaram a querida amiga e contaram a ela os fatos que vinham ocorrendo em seu lar terreno, bem como a mudança da atitude de sua mãe. Luiza exultou e comentou:

- Como posso agradecer a vocês, meus amigos? Estou tão feliz! Jamais imaginei que mamãe seria a primeira a modificar seu comportamento diante da vida.

- Calma, Luiza! - ponderou Lúcia. - Isso é apenas um sinal. Há muito trabalho a ser realizado.

- Eu sei, mas é tão maravilhoso saber que minha mãe está começando a compreender, pois sinto uma imensa angústia pela dor que estou causando a meus pais! - E, abraçando-se a Lúcia, deixou-se envolver pelas lágrimas.

- Luiza, você não é causa de dor alguma! Ao contrário, você é causa de alegria, satisfação, amor, e por isso que é tão difícil para eles permanecerem longe de você! Além do mais, você sabe que sua missão era auxiliá-los a despertar. Você conhece o passado e os motivos pelos quais seus caminhos foram traçados dessa forma, não é mesmo? - comentou Antônio buscando reanimá-la.

- Você tem razão, Antônio! Meus pais necessitam refazer e corrigir o passado, sem dúvida. Agradeço a Deus pela oportunidade, mas a verdade é que sinto tantas saudades deles como jamais imaginei sentir, pois, quando estava reencarnada, ansiava pelo

retorno à Espiritualidade e pela libertação da minha alma. Isso é uma contradição, não é mesmo?

Lúcia a abraçou com carinho e disse-lhe:

- Evidentemente que não, minha filha! A saudade do amor que tivemos o privilégio de possuir na esfera terrena é natural, mas precisa estar embasada no equilíbrio que deve comandar seu espírito liberto.

- Compreendo, mas é tão difícil mantê-lo! Sinto-me fraca por chorar constantemente e não gostaria de estar dando tanto trabalho aos mentores espirituais da colônia, pois diversas vezes necessito retornar ao leito e descansar, tamanha tristeza que abate meu espírito. Eu deveria ter coragem e força, pois me preparei para este momento durante toda minha existência na Terra - comentou Luiza.

- Luiza, tenha certeza absoluta de que você é extremamente forte - contrapôs Antônio. - Se compararmos o seu retorno ao meu, acredite no que vou dizer, você seria David e eu seria Golias.

Ela sorriu e, aproveitando sua mudança vibracional, Antônio continuou:

- Na verdade, Luiza, cada um de nós traz em sua bagagem os valores conquistados ao longo da jornada. Você sofreu de forma resignada os contrapontos de sua doença, deixando a todos que a conheceram um legado de coragem, força e um exemplo de fé. Bem diferente de mim, que adentrei na Espiritualidade pelas portas do

vício. Cada um de nós é livre para realizar nossas escolhas e colher o fruto de nossas atitudes. Não fique triste ou constrangida diante da dor da saudade. Você se encontra em período de readaptação e esse sentimento é natural. Em breve você estará apta, pois as variações de sensações após o desenlace estão diretamente vinculadas à graduação espiritual e ao estilo de vida que o espírito liberto desenvolveu ao longo de sua trajetória. Sendo assim, o trabalho e o aprimoramento realizado ao longo de sua curta jornada estão a seu favor neste retorno ao mundo espiritual.

- Obrigada, amigos! Minha ansiedade tem sido minha inimiga, pois gostaria de ver meus pais libertos do materialismo - desabafou Luiza.

Lúcia ponderou:

- As leis de nosso Pai são justas, Luiza! Seus pais trabalharam por longo período nesta colônia e escolheram a natureza das provas terrenas, no intuito de aprenderem os valores sagrados do amor ao próximo e da fé. Unidos, executaremos as tarefas que estejam ao nosso alcance para auxiliá-los, a fim de que cumpram os roteiros traçados; portanto, tenha calma e permaneça confiante! Neste momento, cabe a você conservar-se serena e comprometida com a sua evolução. No instante preciso, você será parte atuante nesse processo e, para tanto, é imperativo reequilibrar as suas energias e adquirir o controle sobre suas emoções.

Após despedirem-se, Antônio e Lúcia puderam perceber que Luiza demonstrava maior serenidade e motivação para seguir com seu aprendizado. Antônio, que seguia ao lado de Lúcia, em um determinado momento, perguntou-lhe:

- Lúcia, perdoe-me questionar, mas fiquei pensando em relação à vida pregressa de Rubens e Marta, aliada à dura prova da perda da filha. Quais são os critérios utilizados no planejamento de uma prova ou expiação?

- Você já conhece o trabalho realizado no Instituto da Luz. Pois bem, vamos analisar a reencarnação, partindo do desencarne de nossos irmãos Rubens e Marta. Tão logo cessou o período de perturbação espiritual e eles começaram a revelar os primeiros sinais de positiva renovação para o bem, ambos receberam o auxílio das esferas superiores, através dos irmãos abnegados que apoiam os serviços da Luz Divina. Após terem sido acolhidos e reequilibrados, reviram os compromissos e pesou sobre suas consciências a culpa pelos males e sofrimentos pelos quais se fizeram responsáveis. Rubens e Marta participaram dos trabalhos e frequentaram as escolas beneméritas, nas quais recolheram altas noções da vida, aprimoraram-se na instrução, aperfeiçoaram impulsos e exerceram preciosas atividades, melhorando, assim, os próprios créditos diante do Mundo Maior. Entretanto, mesmo diante do trabalho dignificante, as lembranças dos erros voluntários os levavam a se

reconhecerem em débito e a solicitarem as novas reencarnações, com as provas que careciam para quitar suas próprias consciências, conforme Lucila relatou em nosso encontro. Quanto ao planejamento reencarnatório, é infinitamente variável de espírito para espírito. Dependerá do grau de entendimento de cada um fazer a escolha de suas provações, ou, ainda, concordar ou não com as escolhas realizadas pelos irmãos responsáveis pelos roteiros traçados. Alguns espíritos solicitam uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem. Outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, os quais nós sabemos serem provas difíceis e perigosas, tanto pelos abusos, quanto pelas paixões inferiores que poderão a vir desenvolver. Muitos decidem experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício. Pelos méritos adquiridos ao longo de suas vidas, Rubens e Marta foram poupados de certos transtornos e receberam o aval da reencarnação relativamente tranquila, sendo que a dor da perda da filha seria um momento cruciante de resgate.

- Méritos? - questionou Antônio, sem compreender a quais méritos Lúcia se referia. Ela, então, explicou:

- Ao compor uma nova jornada, todos os fatores são levados em conta, tanto o mal como o bem praticado. Rubens e Marta cometeram erros ao servirem de instrumentos para a efetivação de abortos. Por outro lado, também foram ferramentas de auxílio na

renovação da vida, pois, em sua clínica obstetrícia, eles ajudaram inúmeros irmãos no retorno à crosta terrestre. Como não possuíam herdeiros e eram proprietários de uma imensa fortuna, Marta e Rubens resolveram deixar lavrado em testamento o desejo de que todos os seus bens fossem igualmente distribuídos entre entidades de pesquisas médicas, bem como entre orfanatos e asilos que sempre ampararam durante suas reencarnações. Infelizmente, não foram motivados pelo sentimento de caridade, mas sim pelo orgulho, pois essas doações sempre foram uma excelente forma de se sobressaírem na sociedade carioca como grandes beneméritos e, assim, laurearem suas vaidades através dos aplausos e reverências recebidos no meio social que frequentavam assiduamente, na cidade do Rio de Janeiro. Ou seja, meu filho, ninguém carrega consigo apenas um único elemento, somos feitos de luz e sombras, não é mesmo? Assim, suas atitudes foram pesadas, minuciosamente, pelos espíritos superiores, a fim de desenvolverem roteiros propícios ao progresso moral e intelectual de ambos. Hoje, estamos frente a frente com o passado, que se refaz para a criação de um novo amanhã.

- Compreendo! - afirmou Antônio. - Agora entendo perfeitamente que os infortúnios da marcha de hoje sejam débitos dos compromissos de ontem. Através das nossas escolhas entre a cautela ou a leviandade, entre a preguiça ou o trabalho, entre o bem

ou o mal, melhoramos ou agravamos a nossa situação perante as leis de harmonia que comandam o Universo.

- Exatamente, Antônio! - disse Lúcia. - Roguemos ao Pai para que possamos compreender que todo dia, no exercício de nossa vontade, formamos novas causas e construímos o nosso destino. Sejam equilibrados em nossas escolhas, visando sempre ao bem comum, para que possamos conquistar o nosso próprio bem.

Capítulo 15. A caminho da evolução

No lar terreno de Luiza, as mudanças ocorriam lentamente. Já havia se passado um mês, desde o dia da visita de Marta ao orfanato, e ela pensava constantemente na pequena Marina e na sua promessa de retornar ao local. Havia ligado para Juliano, mas não conseguira contatá-lo, pois o jovem se encontrava em férias na casa dos avós no interior de São Paulo. Marta deixara um recado; gostaria de conversar com ele e entender com maior profundidade a doutrina espírita. Juliano era a pessoa indicada para isso, pois há anos trabalhava na Casa Espírita Amor e Caridade, em diversas tarefas desenvolvidas pelo centro em favor do próximo. Luiza oferecera ao amigo a possibilidade do trabalho evangélico e ele logo se engajara nesse propósito. Após alguns anos, tornara-se um dos palestrantes da casa. Marta recordava-se de Luiza dizendo a Juliano: “É impressionante a sua desenvoltura na explanação dos conteúdos do Evangelho!”.

Luiza costumava dizer que Juliano trazia em sua bagagem aquele conhecimento, e aquele comentário soava para Marta um tanto esdrúxulo, pelo fato de não crer na reencarnação. Atualmente, sua opinião havia se modificado totalmente, pois se habituara a

permanecer por longas horas em seu quarto lendo as obras de Kardec.

O Livro dos Espíritos atraía a sua atenção com relação à lógica das explicações contidas sobre os mais variados assuntos que instigavam a sua curiosidade acerca da vida espiritual. Entretanto, era n' *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que buscava paz e serenidade à sua alma, sempre que a tristeza a perturbava pela saudade da filha. E assim, os livros acabaram por se tornar seus companheiros nas lindas tardes de primavera.

Juliano retornou, ligou para Marta e imediatamente aceitou o convite de visitá-los com o intuito de explanar acerca da doutrina. Assim, num sábado à tarde, ele dirigiu-se à residência que fora de Luiza e, assim que adentrou, sentiu profunda nostalgia pelos bons momentos ali compartilhados com sua grande amiga. Quantas vezes ele estivera naquele lar, ao lado de Luiza, conversando sobre os mais variados assuntos e passando horas agradáveis em sua excelente companhia. Luiza era repleta de luz. Trazia um constante sorriso nos lábios e doces palavras cheias de positividade e fé. Recordava-se que, mesmo nos últimos momentos, ela jamais demonstrara a menor fraqueza diante da doença. Nunca imaginara que alguém tão jovem pudesse possuir tamanha coragem. A última frase que Luiza dirigira a ele fora de agradecimento e consolo, dizendo-lhe: “Por favor, não chore, meu amigo! Obrigado por tudo que você fez por mim! Cria

que, esteja eu onde estiver, levarei você junto a mim, pois estará entre as minhas melhores recordações. Quero que saiba que todos os dias continuarei a agradecer a Deus por ter me permitido possuir um amigo sincero e fiel, com o qual pude dividir os melhores dias da minha vida”.

Aquela lembrança mexeu com suas emoções e encheu seus olhos de lágrimas. Então, Juliano refletiu: “Não devo me emocionar, pois estou aqui para auxiliá-los e encorajá-los a prosseguir diante da perda da filha”. E, pensando na amiga, mentalmente afirmou: “Prometo fazer o que estiver ao meu alcance, Luiza!”.

Ao reencontrar a mãe de sua amiga, percebeu que algo de diferente havia ocorrido. Logo notou a mudança em seu comportamento, pois Marta estava mais serena.

- Como vai, Juliano? É um prazer revê-lo!

- Estou bem, Dona Marta! E muito curioso para saber os detalhes dos últimos acontecimentos, conforme conversamos por telefone.

- Sim, Juliano! Temos muitas coisas para conversar. Ultimamente, tenho lido muito a respeito da doutrina espírita e gostaria de falar com você sobre este assunto. Você aceitaria tomar um chá comigo? Vitória preparou um delicioso lanche para você, assim como nos bons tempos que frequentava nossa casa.

- Será um prazer, Dona Marta! - respondeu Juliano, solícito.

Marta, então, narrou o sonho que tivera, sua decisão de visitar o orfanato e disse-lhe:

- Somadas a esses sonhos, ainda ocorreram algumas estranhas colocações de Marina.

- Marina?

- Ah, sim. Marina é uma linda menininha. Gostaria muito que a conhecesse, pois, pelo que li até o momento, creio que ela possua mediunidade, mas não tenho o devido esclarecimento sobre este assunto. Vou lhe contar o que ela me disse e você tirará suas próprias conclusões.

Ao ficar a par dos acontecimentos, Juliano se sentiu feliz por perceber que Luiza estava tentando auxiliar sua família. Para ele, não havia a menor dúvida de que tanto Dona Lúcia como Antônio estavam trabalhando para cumprir esse propósito, ou seja, despertar Marta e Rubens para as verdades espirituais, e para tanto contavam com o apoio da pequena Marina para comprovar aquilo em que ambos se negavam a crer – a existência da vida espiritual.

Após longa conversação e elucidações a respeito das premissas da doutrina, Juliano se foi, não sem antes solicitar a Marta permissão para acompanhá-la até o orfanato na próxima vez em que ela fosse visitar o local, pois ele desejava conhecer Marina.

Assim que ele saiu, Marta ligou para Laura perguntando se podia visitar as crianças na tarde do dia seguinte, que era um domingo,

com o que a dirigente prontamente concordou. Assim, já no primeiro dia após o encontro de Marta e Juliano, ambos partiram para a visita ao Lar, com o carro repleto de guloseimas, a fim de proporcionar às crianças uma tarde agradável, regada por inúmeras brincadeiras e acompanhada de um delicioso lanche. Lá chegando, os pequenos correram em direção a Marta.

Marina abraçou sua cintura e, olhando para os demais, falou em tom de constatação:

- Eu não disse que ela viria nos visitar novamente? Eu sabia!

Marta abaixou-se e deu-lhe um beijo:

- Eu havia prometido a você que voltaria, não? Jamais quebro uma promessa! Trouxe um amigo para que você conheça. Este é Juliano!

- Olá, Juliano. Muito prazer!

- O prazer é meu, Marina! Dona Marta me falou muito sobre você e vejo que ela tinha razão: além de ser uma menininha linda, você é muito educada.

- Ah, Dona Laura nos ensina boas maneiras!

- É mesmo? E quais seriam essas “boas maneiras”? - perguntou Marta achando graça no comentário de Marina.

- Cumprimentar as pessoas com educação, não falar de boca cheia, pedir licença e...

- E...? Por favor, continue! - pediu Juliano.

- Melhor não falar... - disse Marina baixando os olhos.

Marta abraçou a menina e falou com carinho:

- Pode falar, somos seus amigos!

- Ela disse que não devo repetir o que “os meus amigos que só eu vejo” dizem, pois algumas vezes assusto as pessoas... Mas eu não tenho culpa se ninguém consegue ver o que eu vejo...

- Claro que não, querida! - falou Juliano com carinho. - Você sempre poderá contar o que “seus amigos” lhe dizem, pois acreditamos em você e não iremos nos assustar.

- É mesmo? Fico feliz com isso. Todos acham que sou diferente, mas isso não é verdade, não é mesmo?

- Marina, você é uma menina muito especial, já que vê o que os outros não conseguem ver - falou Marta com doçura.

Marina abraçou Marta e lhe deu um beijo. Ela ficou comovida com o gesto da menina e também com um pouco de pena dela, ao imaginar como deveriam constrangê-la diante da sua capacidade de ver a Espiritualidade.

- Venha, Marina! Ajude-me a preparar um lanche delicioso para todos!

E elas seguiram juntas de mãos dadas.

Foi uma tarde maravilhosa. Após o lanche, Juliano e Marta prepararam brincadeiras de toda a ordem: cabo de guerra, corrida de sacos, pula corda, amarelinha. Eles dividiam atenção e carinho para

com todos, mas Marina não abandonava Marta um segundo, escolhendo-a como sua parceira em todas as brincadeiras. Juliano percebeu que uma imensa afinidade se estabelecia entre ambas.

Em determinado momento, Juliano ficou conversando com Dona Laura, pois desejava saber mais sobre Marina. Dona Laura era uma senhora encantadora e percebia-se que amava as crianças profundamente. Ela comentou com Juliano que, para melhor entender Marina, havia inclusive lido alguns artigos a respeito do espiritismo. Ele lhe disse que, como espírita, acreditava que Marina possuía os dons da clarividência e da audiência, próprios da mediunidade ostensiva. Laura relatou-lhe que a menina costumava conversar com “amigos” com muita frequência, e que por duas vezes isso havia assustado casais interessados em adotá-la, pois Marina lhes falara a respeito dessas pessoas que somente ela via, criando situações embaraçosas. E completou comentando:

- Ela afirma que há, nesta casa, uma jovem chamada Clara, que me auxilia a tomar conta das crianças. Outro dia ocorreu um fato curioso. Eu estava enlouquecida, procurando por uma pasta de documentos do orfanato, pois precisava preencher e encaminhar alguns formulários para a prefeitura, com urgência. Então, Marina chegou perto de mim e disse: “A Clara pediu para eu lhe dizer que a pasta está na gaveta da cômoda ao lado da sua cama!”. Imediatamente, eu me lembrei de que realmente havia levado a

pasta pra casa e tinha me esquecido disso completamente. Portanto, a cada dia que passa, eu estou mais convencida de que ela realmente pode falar com espíritos. Mas infelizmente a verdade é que esse fato está impedindo que ela seja adotada, já que esse assunto choca a maioria das pessoas, que acaba preferindo adotar um filho “normal”.

- Sim, eu compreendo - asseverou Juliano. - As pessoas temem o que não conseguem compreender.

Depois dessa conversa, Juliano retornou às brincadeiras com as crianças e com Marta, e nenhum deles percebeu o passar das horas; logo chegou o momento de partir. Estar com aquelas crianças trazia a Marta uma imensa sensação de paz e tranquilidade que não experimentava havia muito tempo. Ao se despedir, sentiu uma estranha consternação em ter que deixá-los, especialmente com relação à Marina. Ela a abraçou com carinho e disse-lhe, com certa dose de amargura:

- Agora preciso ir embora, Marina, mas voltarei... - A menina percebeu a emoção na voz de Marta e, abraçando-a com carinho, respondeu:

- Não fique triste, Dona Marta, estaremos juntas por muito tempo.

- Como assim, Marina?

Ela falou baixo, quase num sussurro:

- Dona Lúcia está me dizendo isso!

Os olhos de Marta se encheram de lágrimas.

- Você poderia me descrever a Dona Lúcia, Marina?

- Ela é uma vovozinha, tem os cabelos brancos e está sempre sorrindo. Disse que vocês são amigas e que a senhora não precisa se preocupar, pois ela está cuidando de Luiza...

Imediatamente, a curiosidade de Marina sobressaiu:

- Quem é Luiza?!

E, antes mesmo que Marta pudesse responder a essa pergunta, Marina afirmou:

- Ah! Luiza é a sua filha que está no céu!

Ato contínuo, Marta começou a chorar, embora tentasse conter os soluços para não assustar a menina. Então, Marina suavemente passou a pequenina mão pelo seu rosto e disse com ternura:

- Não chore, ela está bem, está com Deus e com Dona Lúcia!

- Não estou chorando de tristeza, Marina, mas de felicidade! Muito obrigada, meu amor! Saber que minha filha vive no céu, que ela está bem, amparada por Deus e por Dona Lúcia é uma notícia maravilhosa!

- Deus sempre cuida de nós! A senhora não sabia disso?! - perguntou a pequena franzindo a testa.

Marta esboçou um sorriso diante da seriedade com que Marina lhe chamava a atenção. Secou, então, as lágrimas, abraçou

fortemente a doce menina contra o peito, deu-lhe um beijo e disse-lhe:

- Agora eu sei! Voltarei em breve, minha querida!

Clara, Lúcia e Antônio acompanhavam a cena e permaneciam emocionados e felizes diante do reencontro de Marta com os roteiros da fé. Lúcia falou com candura:

- “Tudo posso Naquele que me fortalece!” Que possamos compreender a força dessas palavras e agradecer ao Senhor pela bênção da fé, que traz serenidade e resignação para suportarmos o que não pode ser mudado. Que Deus seja a nossa força para enfrentarmos nossos destinos. Que Ele nos capacite para vencermos os desafios que constituem os roteiros da vida, seja no plano físico ou espiritual. Que possamos derrotar os velhos hábitos que nos corrompem e fortalecer nossa mente e nossas atitudes em comunhão com a Sua vontade, compreendendo que a vida é eterna e será constantemente plena de aprendizados, ora de amor, ora de dor, num ciclo constante de aprimoramento. Obrigado, Pai!

Capítulo 16. O véu da descrença

Marta chegou à tardinha em sua casa e seu único pensamento era contar a Rubens o que ocorrera no orfanato. Ele encontrava-se no jardim, sentado próximo às violetas que plantara com Luiza. Recordava-se daquele momento e revivia cada instante em sua memória.

Certa tarde, Luiza fora com ele comprar as pequenas mudas. Depois, enquanto ele volvia a terra, ela delicadamente plantava as pequenas flores e falava:

- Pai, você já percebeu como Deus é maravilhoso e o quanto é sábia a sua criação? Olhe estas flores tão belas! Você já parou para pensar que as flores não possuem apenas o papel de contribuir com a beleza da natureza e enfeitar a nossa vida? Sua essência guarda um objetivo ainda maior. Através de suas pétalas coloridas, os insetos são atraídos, tornando possível a polinização. As flores são responsáveis pela reprodução; através de sua existência, novas plantas são capazes de surgir e crescer. Você percebe que toda criação do Nosso Pai possui uma razão para existir? Assim como as flores, nós também temos a missão de nascer, florescer e renovar o ciclo da vida.

Rubens, sorrindo, respondera:

- Para mim, a mais formosa criação de Deus está aqui, bem na minha frente, minha linda filha!

Luiza abraçara o pai com carinho e dissera:

- Pai, você sabia que eu o amo muito?

Rubens, então, sorria satisfeito abraçando-a contra o peito, tentando eternizar aquele momento, pois sabia da fragilidade da saúde de Luiza. Por essa razão, ele procurava estar a seu lado incentivando-a a ser forte e lutar contra a doença que minava seu corpo físico. Entretanto, ainda que Rubens buscasse tranquilizá-la, em sua alma, ele retinha o pavor do simples pensamento de perdê-la.

Naquele dia, ela conversara com Rubens por horas a fio, discorrendo sobre as flores e seus ciclos da vida, o tempo de duração de cada etapa, bem como do início, meio e fim em que consiste a lei natural de Deus. Na época, ele não percebera que, na verdade, ela se referia à sua própria vida e ao seu ciclo que se encerrava, pois Luiza desencarnara um mês após aquela longa conversa. Agora Rubens percebia que ela havia tentado prepará-lo para sua partida. Luiza jamais perdera a esperança de converter os pais à doutrina espírita. Mas Rubens se mantinha cético e, sem o cajado da fé, não conseguia reagir à imensa dor que o consumia. Ele sentia sua vida se esvair pouco a pouco em dias intermináveis e sem sentido; mergulhado nas profundezas da tristeza, sua alma se debatia entre o lamento e a

revolta. Em sua mente havia um único pensamento: “Por que não consegui salvar minha filha? Porque esse Deus, que tantos acreditam ser sinônimo de amor e bondade, levou a minha razão de viver?”.

Marta aproximou-se, vagarosamente, e percebeu a angústia na qual Rubens estava envolvido. Sentou-se a seu lado, segurou a sua mão e falou com carinho:

- Meu querido, não podemos mais continuar dessa forma, precisamos reagir diante da vida. Por muito tempo acreditei que a vida era apenas o que podíamos ver; assumo que me perdi em meio a tantas futilidades existentes neste mundo passageiro. Quantas preciosas oportunidades desperdicei com a minha leviandade... Eu poderia ter vivido incontáveis bons momentos ao lado de nossa filha, ter acompanhando sua infância, tê-la colocado para dormir, contado a ela lindas histórias infantis e passado horas maravilhosas em sua doce companhia. Poderia ainda ter aprendido a respeito da Espiritualidade com nossa amiga Lúcia e mesmo com nossa filha, que possuía uma fé inabalável e invejável. Entretanto, preferi fechar os olhos para valores nobres e imprescindíveis à nossa vida.

Rubens olhou para ela com espanto. Jamais ouvira a esposa falar daquela forma e perguntou:

- O que aconteceu, Marta? Nunca ouvi você falar assim. Jamais imaginei que se sentisse desse jeito e muito menos que acreditasse na Espiritualidade.

- Rubens, eu sinto muita vergonha de haver sido tão relapsa com relação à nossa filha!

- Não diga isso, querida! Você cuidou dela com desvelo até o último momento. Não se martirize dessa forma! Ao menos não por isso...

- Mas é verdade, Rubens! Deixei passar preciosos momentos e, quando despertei para minhas responsabilidades, já era muito tarde. Luiza já estava partindo. Mas hoje tive a comprovação de que a morte não existe!

- Não entendo sua colocação, Marta! Por favor, conte-me o que aconteceu!

- Hoje fui ao orfanato e Marina falou, novamente, sobre o fato de ver e falar com Lúcia.

- Você vai vir com essa história de novo? Ela é apenas uma criança, Marta! - retrucou Rubens, um tanto aborrecido com o assunto.

- Não, Rubens, você não compreende! É verdade! Marina, realmente, pode ver e ouvir os espíritos. Ela descreveu Lúcia, falou que ela estava cuidando de Luiza, no céu! Nossa filha está viva! Ela vive, Rubens!

Marta se deixou levar pela emoção e chorou convulsivamente. Foram lágrimas guardadas havia muito tempo, num misto de dor, arrependimento e saudade. Rubens a abraçou com carinho. Ele não

acreditava que Marina pudesse ter visto Lúcia, nem mesmo que ela tivesse dito o que Marta acreditava ter ouvido. Apenas pensava que inúmeras vezes, por defesa ou desespero, vemos e ouvimos aquilo que desejamos, para podermos seguir adiante. Contudo, naquele momento, Rubens não desejava magoar a esposa ou contradizê-la, apenas abraçá-la e protegê-la.

Antônio e Lúcia observavam a cena com pesar, uma vez que Rubens permanecia relutante mesmo diante dos fatos, pois o véu do materialismo que embaçava sua visão ainda não havia sido retirado. Contudo, confiavam em Deus e na Sua imensa bondade e compreendiam que a fé de Marta era o princípio da renovação que não tardaria a chegar à vida daquele casal.

Capítulo 17. A força do amor

Três meses haviam se passado e Marta tinha alterado completamente sua rotina. Diante da descrença de Rubens, ela decidira que iria encontrar uma maneira de auxiliar o marido buscando uma forma de fazê-lo perceber a existência da Espiritualidade da qual ela já não mais duvidava. Ao contrário, a cada dia essa certeza era ainda mais forte em sua alma. Marta permanecia longas horas do dia em companhia de Rubens, fosse conversando sobre os mais variados assuntos, fosse lendo sentada perto dele. Mesmo que ele estivesse amuado, ela não o deixava sozinho e inventava os mais variados pretextos para envolvê-lo em atividades e retirá-lo do marasmo.

No início, Rubens permanecia calado, mas aos poucos se acostumara a compartilhar a companhia da esposa e notava o quanto ela havia se modificado, em nada se parecendo com a mulher com a qual ele havia se casado. Marta estava diferente na sua forma de agir, falar, pensar, ou seja, ela mudara em todos os sentidos e Rubens estava apreciando aquela transformação de comportamento. “A dor a fez amadurecer”, pensava ele.

Entretanto, havia inúmeras outras razões para sua alteração de atitude. Entre estas, o fato de que Marta começara a frequentar a

Casa Espírita Amor e Caridade, juntamente com Juliano, e a fazer parte de diversos trabalhos e oficinas voluntárias desenvolvidas para a realização de campanhas de agasalho e arrecadação de alimentos, que eram distribuídos às famílias carentes catalogadas e visitadas pelos trabalhadores com relativa frequência. Certamente, quando constatamos a dor dos irmãos, vivendo sem o básico e muitas vezes em lamentáveis situações de abandono, nossa consciência se amplia; assim, Marta decidira que iria cumprir com seu papel de auxílio ao próximo.

Dois dias na semana Marta visitava o orfanato, onde passava momentos deliciosos junto daquelas crianças que aprendera a amar profundamente. Não apenas a encantadora Marina, mas também Sofia, Eunice, Marcelo, Sônia, André e tantos outros. Descobriria que seu coração era capaz de amar os filhos do mundo, independentemente dos laços de consanguinidade, e tentava a todo custo sanar, com carinho, desvelo e afeto, a dor dos que não possuem um lar. Os pequenos retribuíam o seu amor com pequenos mimos, como lindas flores colhidas no jardim, desenhos coloridos e lindos cartões que expressavam a importância que ela tinha na vida de cada um deles.

A vida sempre está em ressonância com aquilo que proporcionamos ao outro. Assim Marta preenchia a saudade que sentia de sua filha, amando e sendo amada pelos filhos alheios.

O orfanato sobrevivia do auxílio da prefeitura e de doações. Havia muito a ser feito, pois o prédio antigo necessitava de pintura, assim como a ampliação dos banheiros e do refeitório. Tendo inúmeros amigos em excelente posição social e financeira, Marta teve a ideia de utilizar seus bons relacionamentos, no intuito de angariar fundos para manutenção do orfanato e benfeitorias que iriam trazer maior conforto para as crianças. Com o auxílio de algumas amigas, ela providenciou um chá beneficente no clube do qual fazia parte. O evento foi preparado com esmero e requinte e foram vendidos inúmeros ingressos. Marta obteve autorização para levar as crianças a fim de que todos pudessem conhecê-las, e para tanto lhes comprou roupas novas e ensinou-as a cantar algumas músicas, a fim de que pudessem se apresentar e dar as boas-vindas aos convidados.

No dia marcado, lá estavam elas com os olhinhos brilhando de emoção e felicidade. Juliano, Laura e Marta cuidavam das crianças, para que elas se comportassem direito; no momento certo, foram todas devidamente apresentadas ao público e cantaram lindas canções de ninar. Em seguida, Sônia, a mais velha do orfanato, iria encerrar as apresentações lendo uma poesia de sua autoria; como estava muito nervosa, solicitou que Marta a acompanhasse.

Marta foi até o centro da sala e falou a todos com a desenvoltura que lhe era peculiar:

- Agradeço profundamente a todos os amigos que, atendendo ao nosso convite, compareceram a este evento. Somos extremamente gratos a todos vocês pelo carinho e pela confiança, pois todo dinheiro arrecadado nesta tarde trará inúmeros benefícios a estas lindas crianças. Aproveitamos para convidá-los a visitar o orfanato, conhecer as suas dependências e ter a oportunidade de ver de perto as melhorias que serão realizadas a partir do auxílio de cada um de vocês! E, para finalizar as apresentações desta tarde, apresento a vocês nossa querida Sônia. Ela tem apenas 13 anos de idade e irá ler a poesia de sua autoria chamada "Por que nasci". Peço que prestem muita atenção aos seus versos e percebam a beleza que existe nesta criança e a pureza dos seus sentimentos.

Marta a abraçou com carinho e disse-lhe baixinho:

- Fique tranquila, querida, não sairei do seu lado! Leia sua linda poesia e encante a todos com a sua fé.

E Sônia leu os seguintes versos:

*Sempre orei para Deus,
e nas orações perguntava,
por que Ele permitia
crianças abandonadas.
Pois eu me sentia só,
sem possuir meu lugar,
Sem o afago de uma mãe*

*ou o carinho de um pai.
Então, um dia sonhei,
Que o Senhor me falava:
Os órfãos são anjos de amor,
que cumprem árdua jornada.
Eles nascem sem um lar,
Para ajudar a Deus,
a ensinar o amor,
a todos os filhos seus!
Perguntei meio sem jeito,
como eu faria isto.
E Deus me abraçou e disse:
– Filha é simples, Eu explico!
Quem é capaz de cuidar,
do filho que não é seu,
entendeu perfeitamente,
por que meu filho morreu.
Sabe que o amor verdadeiro,
É caridade e doação
É cuidar, é ter carinho,
e ser ao outro um irmão!
Quando acordei, agradeci,
por Deus haver me escolhido,*

*hoje eu sei por que nasci
e sei que Deus está comigo!*

Todos aplaudiram Sônia de pé e muitos traziam lágrimas nos olhos. Foi uma tarde maravilhosa. Além de Marta angariar donativos, inúmeras pessoas ficaram interessadas em conhecer o orfanato e manter um auxílio mensal à instituição. Rubens, que havia sido convencido por Marta a comparecer ao chá, ficou admirado e orgulhoso ao perceber o amor da esposa por aquelas crianças e conhecer o trabalho voluntário que ela estava empenhada em desenvolver em benefício daqueles meninos e meninas.

Com o dinheiro arrecadado, dois meses depois do evento, todas as benfeitorias já haviam sido executadas com êxito, e eles ainda puderam manter um caixa para as possíveis emergências.

Mas o melhor veio a seguir: um casal amigo de Marta e Rubens ficara extremamente tocado pelas palavras de Sônia. Tratava-se de Rose e Marcos. Eles haviam tido apenas uma filha, que havia se casado e morava em Londres. Ambos confessaram a Marta que jamais tinham pensado em adotar um filho, ainda mais uma menina de 13 anos, mas, após o evento, não tinham mais conseguido deixar de pensar nas palavras de Soninha e no quanto poderiam melhorar sua infância com os recursos financeiros que possuíam. Assim, haviam decidido visitar o orfanato e conhecê-la melhor, o que os levava a se encantar ainda mais pela menina e a solicitar sua adoção

aos órgãos competentes. Um fato que raramente ocorre, pois, infelizmente, as crianças mais velhas dificilmente são adotadas e geralmente permanecem na instituição até completar a maioridade. Contudo, quando o homem deixa se envolver pelo sentimento do amor e da caridade, milagres acontecem, e esse foi um deles. Finalmente, Sônia encontrou o seu lar e o seu lugar neste mundo.

O dia de sua partida foi emocionante, pois, apesar da felicidade de possuir uma família, Sônia chorava abraçada aos pequenos, especialmente a Marina e a Sofia, pelas quais tinha total desvelo, agindo com irmã mais velha. Enquanto Sofia chorava sem parar, Marina se esforçava para controlar a emoção; sorridente, acompanhou Sônia e a viu se afastar abraçada a Rose. Abanando a mão e jogando beijos ao ar, Marina mantinha-se agarrada ao portão vendo sua amiga entrar no carro rumo à sua nova casa. Marta ficou surpresa diante da coragem da menina e perguntou:

- Vejo que você não chorou, Marina! Você não queria deixá-la triste, não é mesmo?

- Não é isso, Dona Marta! Vou sentir muitas saudades da Sônia, mas Clara me disse que eu não deveria chorar, porque ela vai ser muito amada pelos seus pais e será muito feliz!

- Quem é Clara? - perguntou, Marta. - Ah, sim! Clara é a amiga espiritual que cuida do orfanato, correto?

Marina sacudiu a cabeça afirmativamente. Clara, então, sorriu para a menina e sugeriu:

- Convide Dona Marta para acompanhar você até onde está Sofia, pois ela está precisando de muito carinho.

Marina pediu a Marta que fossem juntas ver a garota. Marta a acompanhou; lá chegando, encontraram Sofia ainda chorando muito pela falta de Sônia. Marta pegou a menina no colo e a acalmou, depois brincou com ambas, contou histórias e somente à tardinha retornou ao lar, após ter certeza de que Sofia ficaria bem.

Marina abraçou Marta com carinho e disse a ela:

- Luiza teve muita sorte de ter a senhora como sua mãe.

Marta olhou para Marina sem saber o que dizer. Sentia uma vontade imensa de levá-la para sua casa e protegê-la pela vida inteira. “E por que não?”, pensou. Contudo, Rubens aceitaria adotar Marina?

Assim, com esse pensamento, Marta despediu-se da menina e partiu com o coração apertado por deixá-la ali.

Antônio e Lúcia observavam a cena, felizes e tocados pelo amor que é capaz de ligar as criaturas. Quando estas permitem que esse lindo sentimento conduza seus atos, grandiosos momentos são proporcionados e maravilhosas atitudes são tomadas.

Capítulo 18. Ciclos da vida

Na Espiritualidade todos conservavam suas ocupações, mas Antônio sempre encontrava tempo para estar com Luiza e permanecer atento à sua nova amiga que dia a dia se restabelecia e reequilibrava suas energias. À medida que o tempo passava e a vida seguia seu curso natural, as sensações eram harmonizadas, a dor da saudade, embora ainda profunda, já não causava o desconcerto inicial e as crises de tristeza intensas iam ficando no passado. O próprio conhecimento do espiritismo e sua autoeducação durante o período que estivera no corpo físico auxiliavam Luiza na harmonização de sua consciência, na plena lucidez e no discernimento, tanto cognitivo como afetivo, de que sua vida de relação deveria se expandir, a fim de que permanecesse em afinidade, sintonia e ressonância com os princípios universais. Por outro lado, o fato de saber a respeito da mudança de atitude dos pais, principalmente de sua mãe, lhe permitia manter a serenidade, estado de espírito essencial para o reestabelecimento do processo de regresso à Pátria Espiritual.

Antônio acompanhava Luiza e conversavam animadamente. A jovem estava interessada em trabalhar e acreditava já estar em

condições de cooperar com as atividades da colônia. Assim, afirmava a Antônio:

- Antônio, gostaria de ter alguma atividade, pois recebo tanto e não retribuo em nada. Sinto-me inútil!

Antônio sorriu e respondeu:

- Tantos na Terra querendo morrer para descansar e você querendo trabalhar!

Ela riu de sua colocação:

- É verdade! Ouvimos diversas vezes a frase “Morreu e descansou!”, quando a realidade é bem outra; retornamos ao ciclo da vida para novos trabalhos e aprendizados, não é mesmo?

- Infelizmente, essa visão cética causa alguns transtornos ao nosso regresso. Falo por experiência própria, já que regressei sem ter ideia da vida espiritual e, por longo período, mantive-me distante das verdades espirituais – confessou Antônio.

- Mas despertou e é isso que importa, não é mesmo? – replicou Luiza com doçura.

- Quem é que está consolando quem? – brincou Antônio. – Você tem toda a razão, Luiza! Sua compreensão sobre a Espiritualidade demonstra sua maturidade como espírito.

- Sabe, Antônio, a única coisa que me prende à vida terrena é a dor que ainda percebo em meus pais, mais precisamente em meu

pai. Sempre que penso nele, uma onda de tristeza me abate. Porém, atualmente, isso não ocorre quando penso em minha mãe.

Nesse momento, sentaram-se no banco do jardim, sob a sombra frondosa de uma figueira. Bento os avistou ao longe e veio juntar-se a eles, a fim de saber sobre Luiza.

- Como está, Luiza? - perguntou, em tom afável.

- Estou bem melhor, obrigada. Já consigo me manter serena e equilibrada, mesmo quando penso em meus pais.

- Vovô, Luiza comentava sobre o fato de que, ao pensar em seu pai, sente imensa tristeza, o que não ocorre quando pensa em sua mãe.

- O amor e os vínculos não se extinguem. Você sabe perfeitamente que os laços dos sentimentos puros jamais se rompem. Desta forma, você recebe os pensamentos e as vibrações dos seus pais. Felizmente, sua mãe se reencontrou com os roteiros divinos e com a fé. Embora ela continue sentido muitas saudades de você, hoje Marta sabe que deve antes de tudo tranquilizá-la e enviar-lhe constantes orações. Seu pai, momentaneamente, não crê na vida espiritual e sua tristeza é captada pelo seu frágil espírito em readaptação. Por essa razão, é preciso que a fé sustente a humanidade, e é de fundamental importância que a crença na imortalidade da alma e no reencontro seja uma certeza, a fim de que os espíritos desencarnados recebam pensamentos e vibrações de

amor e equilíbrio. O desespero e o inconformismo dos que ficam prejudicam demais aqueles que retornam à Espiritualidade e que, nos primeiros momentos, vivem instantes delicados, necessitando de paz e tranquilidade para adaptar-se à nova situação. Chegará o dia em que o homem amará a Deus e crerá em sua sabedoria infinita de forma inequívoca e saberá que seus amores apenas o precederam na viagem de retorno ao verdadeiro lar.

- Gostaria que meu pai tivesse a bênção da fé, mas não consegui plantar essa semente em sua vida durante o curto período que estive ao seu lado - disse Luiza, com certa tristeza.

- Isso não é verdade, minha filha! Sua fé, sua resignação, sua força espiritual são exemplos muito vivos na memória de seus pais; brevemente conseguiremos modificar a empanada visão de Rubens acerca da vida. Confie em Deus e fortaleça seu espírito! - falou Bento, com ternura.

- Gostaria muito de trabalhar. O senhor acredita que seria possível? Sei que não possuo grandes conhecimentos ou habilidades, mas ficaria feliz em ser útil em qualquer tipo de trabalho - afirmou Luiza.

Bento sorriu e respondeu:

- Claro que sim! Sua disposição e vontade são sentimentos preciosos, Luiza. Iremos verificar com Lucila uma atividade que possa ser executada por você, sem interferir nas suas aulas, que são

imperativas ao seu restabelecimento. O trabalho é um bem valioso ao espírito e há muito que ser feito na colônia em diversas áreas. Encontraremos tarefas adequadas às suas habilidades e predisposições.

- Obrigada! - respondeu Luiza docemente.

Enquanto isso, com o auxílio da Espiritualidade e a mudança operada na postura de Rubens e, principalmente, de Marta, a situação no lar terreno de Luiza vagarosamente se transformava, dando espaço a um clima mais propício a novos roteiros. Marta iniciara o processo, dando margem a que sua tristeza se transformasse em fé e caridade. Rubens, apesar de apresentar melhora na qualidade de seus pensamentos, graças à atuante dedicação de Marta e às constantes influências salutares de Lúcia e Antônio, ainda se negava a retornar ao trabalho, mesmo diante dos conselhos da esposa.

Marta mantinha cautela ao falar sobre esse assunto, sem insistir demasiadamente, a fim de não deixá-lo nervoso ou desconfortável. Na realidade, ambos tinham um excelente padrão de vida e somente a herança de Marta seria o suficiente para viverem tranquilamente o resto dos seus dias. Mas ela se preocupava com o marasmo no qual o marido havia confinado sua alma e que o mantinha deprimido e prostrado diante da vida. Finalmente, Marta compreendera a

fundamental importância do trabalho edificante no processo evolutivo e desejava despertar o marido para suas conquistas.

Certa noite, Marta recebeu uma ligação do orfanato. Marina estava doente. Apresentava febre altíssima e chamava insistentemente por ela. Laura resolvera ligar e avisá-la sobre a doença da menina, que, embora já houvesse sido medicada, não apresentava sinais de melhora. Marta olhou para o relógio e já passava das 23 horas. Precisava agir rapidamente. Chamou Rubens e solicitou sua ajuda, mas ele se negou a acompanhá-la ao orfanato. Ela fixou o olhar no marido e disse-lhe em tom severo:

- Onde está o homem que conheci? Onde está o homem que jamais abandonava um doente, o médico capaz de sair no meio da madrugada para atender seus pacientes e que era incapaz de negar um socorro?

- Ele está morto! - murmurou Rubens.

Marta estava nervosa e aflita, o que fez com que perdesse completamente o controle e explodisse com o marido:

- Pois eu não aceito isso, Rubens! Não aceito essa sua atitude de autopiedade. Perdemos nossa filha! Encare isso! Quantos pais passam por essa situação, ou ainda por situações piores, perdendo seus filhos das mais diferentes formas? Quantos os perdem para as drogas, para os vícios, para a prostituição, para o tráfico? Isso não ocorreu conosco! Você e eu tivemos o privilégio de conviver com a

mais doce criatura, que nasceu com o intuito de ensinar aos pais o sentido da vida, que demonstrou força e coragem até o último momento, que foi um exemplo de fé e resignação! Ela amava a Deus e confiava nos Seus desígnios. Por que você não consegue entender e seguir em frente, Rubens? Por que teima em se autopunir, diariamente, e permanecer estacionado na dor?

Rubens replicou aos berros:

- Porque não há um dia sequer que eu não me culpe pela minha incapacidade de curá-la, pela minha impotência diante dessa doença maldita! Porque passei anos da minha vida estudando para auxiliar as pessoas e no entanto não pude salvar minha filha! Nada pude fazer por ela, por Vivian e por tantos outros que morreram confiando na minha capacidade de ajudá-los!

Rubens esbravejou, seguido por um turbilhão de lágrimas há muito tempo armazenadas no seu peito. Marta o abraçou com carinho e deixou que ele lavasse sua alma naquele pranto ininterrupto. Após alguns minutos, ele continuou:

- Todos os dias eu me pergunto: "Por que Deus levou nossa filha?". Sempre fomos pessoas boas, jamais fizemos mal a alguém. Quantas vezes eu orei a Deus e implorei pela sua vida, pedi para que Ele levasse a mim e não a nossa menina! Ele se negou a ouvir o meu apelo. Como posso crer na bondade desse Deus?

Lúcia colocou a mão sobre a cabeça de Marta e a inspirou a falar, enquanto Antônio permanecia em oração. Marta deixou-se levar pela emoção e discorreu com serenidade e sabedoria sobre seu entendimento em relação àquele doloroso momento pelo qual passavam e que, por Luiza e por eles próprios, deveria ser enfrentado com coragem e fé. Então, calmamente, disse a ele:

- Antes eu pensava exatamente como você! Eu culpava Deus pela morte de Luiza e me perguntava o motivo pelo qual passávamos por este triste momento! Acreditava que Deus estava nos punindo por algo, que eu não sabia precisar exatamente o quê. Talvez Ele estivesse a punir-me por minha futilidade, ou, ainda, pela sua falta de fé! Entretanto, ao deparar-me com a doutrina espírita, comecei a refletir sobre o assunto e descobri a resposta às minhas inquietações.

Ela parou um segundo e depois continuou:

- Luiza foi um presente de Deus e Ele permitiu que convivêssemos com aquele anjo de luz durante um breve período. Na realidade, meu querido, seu espírito sempre pertenceu ao nosso Pai, e por essa razão é justo que retorne à Sua presença, assim como você e eu, algum dia, iremos retornar à Pátria Espiritual. Não há nenhum castigo de Deus; é apenas a vida seguindo seu curso natural.

Rubens, que ouvia atentamente, redarguiu, revoltado:

- Curso natural? Não há nada de natural em um filho morrer antes dos pais, Marta! Daria minha vida por nossa filha, sem pensar, para que ela tivesse a oportunidade de viver momentos mágicos, como apaixonar-se, viajar pelo mundo, casar-se, ter filhos... Jamais teremos a oportunidade de vê-la enfrentar os diferentes desafios da vida. Onde está a justiça de Deus? Por que devo permanecer aqui, se já não consigo encontrar a razão para minha própria existência?

Marta, que o tempo todo se mantivera acarinhando a mão do marido, num gesto de compreensão da imensa dor na qual a alma de Rubens se debatia, disse, procurando as palavras mais adequadas:

- Acredito que Deus consentiu que ficássemos na Terra, sem a presença de nossa filha, não por um castigo ou punição, mas para que possamos ter tempo de nos tornarmos pessoas melhores! Para que possamos descobrir valores e qualidades, os quais Luiza já havia conquistado. Hoje, compreendo que não fazer o mal a ninguém não é o suficiente, Rubens! Precisamos aprender a fazer o bem a todos os que estão à nossa volta, através de ações solidárias e atitudes comprometidas no bem comum. É urgente que possamos perceber a vida por uma nova ótica, com o olhar aguçado do amor ao próximo. Você está certo sobre um aspecto: ao contrário de mim, que permanecia adormecida entre as futilidades da vida, você sempre foi um bom homem, um excelente médico, pai presente, marido devotado e dono de um coração maravilhoso. Então, eu me

perguntava qual seria o propósito de Deus para com você ao lhe tirar o seu maior bem que era Luiza. Mas hoje percebi a razão. Entendi que Deus deseja que você O reencontre! Que, finalmente, compreenda que a morte faz parte da jornada evolutiva e que não devemos entendê-la como uma punição, mas apenas um portal pelo qual retornamos à Espiritualidade e alcançamos a liberdade do espírito, para seguir novos caminhos e aprendizados. Deus levou para junto de Si nossa linda filha, a fim de que ela não mais sofresse, para que ela fosse finalmente curada. Recorde que Luiza possuía uma saúde frágil por conta do tempo em que esteve enfrentando o tratamento da doença. Sabemos perfeitamente que seu corpo físico já não suportava viver neste plano, não é mesmo? Não ignorávamos o fato de que Luiza sentia dores e as suportava, corajosamente, sem lamentar, para que não a víssemos sofrer! Apesar da doença, ela fazia todo o possível para que você e eu não ficássemos tristes e inúmeras vezes nos tentou falar sobre sua visão doutrinária. Somente agora compreendo que ela percebia nossa dificuldade de encarar esse assunto e preocupava-se com nossa dor e nosso sofrimento. Mesmo antes de partir, ela tentava amenizar a situação e procurava nos preparar para aquele momento. Percebe a nobreza e a sublimidade de seu espírito? Portanto, não culpe Deus, mas raciocine e agradeça por Sua bondade! Sendo Ele um Pai amoroso e bom, não seria justo e sábio libertá-la daquele sofrimento? Se o corpo

é perene e o espírito é eterno, seria justo deixá-la presa a este plano, apenas para que pudéssemos tê-la junto de nós? Não, meu amor, Deus não nos puniu! Ele apenas libertou nossa menina através da morte, retirando do seu caminho o sofrimento físico, a dor, o abatimento, a fim de que ela pudesse ser completamente curada pela Espiritualidade! Rubens, a vida é muito mais do que os nossos olhos físicos percebem! A morte não existe! Somos espíritos em ascensão, passando por curta temporada neste planeta. Enfim, meu querido, não tenha dúvida de que Luiza está viva no Plano Espiritual e encontra-se completamente restabelecida.

Rubens, que até então apenas ouvia atentamente, perguntou-lhe:

- Como você possui essa certeza? Como encontrou tamanha fé?

Marta sorriu e respondeu:

- Reencontrei a fé em Deus através da minha dor e das lágrimas derramadas pela saudade de nossa filha. E, embora você não creia nisso, foi por meio do sonho com Lúcia e Antônio que dei o primeiro passo rumo à minha mudança de visão diante da vida. Em seguida, o estudo da doutrina fez com que eu pudesse compreender que os momentos de aflição, pelos quais todos nós passamos, são instrumentos preciosos para burilar nosso espírito. A total certeza veio através de Marina! Infelizmente, precisei de provas concretas para crer na imortalidade da alma. Então, decidi que, ao invés de lamentar minha perda, iria reagir diante daquela tristeza profunda e

viver da melhor forma possível o tempo que me resta neste planeta, trabalhando e auxiliando meus irmãos. Atualmente, compreendo que essa é nossa missão, Rubens! Pense em tudo o que possuímos e no quanto podemos fazer em benefício daqueles que sofrem! Por este motivo ainda estamos aqui: para aprimorar nossos espíritos e evoluir para o verdadeiro amor! O amor que vê, em cada irmão, parte de sua família universal. Por essa razão, há tempos parei de brigar com Deus. Ao contrário, curvo-me diante de Sua vontade e de Sua sabedoria, percebo Seus propósitos para com as nossas vidas e sinto o Seu amor para com todos. É Deus que me concede a força necessária para enfrentar os dias sem Luiza e é em Suas mãos que coloco a minha vida! Tenho trabalhado com afinco, a fim de aprimorar os valores espirituais imprescindíveis à minha alma e tornar-me a mãe com a qual Luiza merecia ter convivido desde a mais tenra idade. E, até que estejamos juntas novamente, farei exatamente o que ela pediu. Cuidarei com total desvelo dos filhos alheios, crianças abandonadas e carentes de carinho.

Sem fazer nenhuma pausa em sua argumentação, Marta prosseguiu:

- Irei auxiliar essas crianças para que cresçam e se tornem pessoas de bem! Irei ensiná-las que o amor verdadeiro realmente existe! Que solidariedade não é uma mera palavra, mas uma realidade possível de ser vivida. Você deveria fazer o mesmo,

Rubens! Essas crianças precisam de amparo. Se você não deseja voltar a trabalhar no hospital, trabalhe apenas como médico voluntário no orfanato; você sentirá a imensa alegria de ser útil! Por favor, reaja, meu querido! Permita-se amar e ser amado por aqueles pequenos tão carentes de afeto quanto você e eu! Não mais se debata no sofrimento, na culpa e na revolta. Ao contrário, permita que Deus faça parte da Sua vida; que Ele seja o Seu amparo e a Sua força! Divida com Ele a sua dor. Repouse sobre Ele a sua vida e, principalmente, querido, creia na sublime e inquestionável justiça de nosso Pai!

Ele enxugou as lágrimas, abraçou a esposa com carinho e disse:

- Vou me trocar. Iremos juntos ver Marina.

Marta sorriu e, mentalmente, agradeceu a Deus. Finalmente, ela havia conseguido atingir o coração de seu esposo, mas sabia que era apenas o primeiro passo e que somente Deus poderia dar continuidade àquela mudança de atitude.

Lúcia, com o coração repleto de alegria e com lágrimas nos olhos, envolveu Rubens em um fraternal abraço e disse-lhe:

- Meu filho amado, nada tema! Siga o seu caminho rumo à sua evolução e à presença de Deus!

Apesar de não ouvir suas palavras, Rubens sentiu uma imensa sensação de paz.

Antônio, comovido, observava a cena e orou agradecendo ao Pai pelo novo ciclo da vida que se iniciava, sedimentado no amor e na caridade.

Capítulo 19. A prova inquestionável

Rubens e Marta chegaram ao orfanato, rapidamente. A menina ardia em febre. Tinha muita dor de cabeça, mal-estar, dificuldade respiratória e pequenas erupções avermelhadas, que começavam a aparecer em sua pele alva. O diagnóstico era claro e preciso: ela estava com sarampo. Sendo a doença altamente contagiosa, Marina precisava ser imediatamente isolada das demais crianças do orfanato. Isso foi prontamente providenciado, apesar das lágrimas de Sofia, que se negava a permanecer longe da amiga. Sofia somente aceitou dormir com outra amiguinha, de nome Isabel, após longa conversa com Marta, que a acompanhou a outro aposento, colocando-a na cama e permanecendo com ela até que adormecesse.

Marta retornou ao quarto de Marina e pediu a Rubens para ficar com a menina durante a noite. Ele respondeu:

- Marta, eu mesmo cuidarei dela. Ficaremos aqui, não se preocupe. Durma na outra cama; não tenha medo, nada irá acontecer com Marina.

Ela o beijou com carinho e adormeceu. Acordou no meio da madrugada e observou que Rubens permanecia atento à menininha, colocando compressas na testa e ministrando antitérmicos, a fim de não permitir o aumento da febre.

- Durma um pouco, Rubens! Deixe-me cuidar dela! - Ele aceitou e adormeceu.

Marta continuou atenta a Marina, que despertou, olhou para ela e perguntou:

- A senhora está aqui ou estou sonhando?

- Estou aqui, meu amor! Ou melhor, Rubens e eu viemos cuidar de você! Recorda que contei a você que Rubens é médico?

- Sim, eu lembro! - respondeu Marina, com a voz baixinha, pois ainda estava extremamente abatida pela febre. Marta deu-lhe água para beber e falou:

- Durma, meu anjo, e fique tranquila, logo estará boa!

- Quando eu acordar a senhora estará aqui? - perguntou Marina.

Marta deu-lhe um beijo e disse-lhe com carinho:

- Sim, querida, quando você acordar eu estarei aqui! - Ela sorriu e adormeceu novamente.

Marta ficou olhando com candura para a menina adormecida. A ideia de adotá-la a cada dia tomava mais forma em sua mente, mas como conseguiria convencer Rubens? Pensou em Deus e mentalmente solicitou seu auxílio, pois realmente não acreditava que o marido aceitasse a hipótese de imediato.

Rubens acordou e Marta foi até a cozinha preparar-lhe um café. Marina despertou, olhou para ele com certa surpresa e perguntou:

- Dona Marta foi embora?

- Não, querida, ela foi até a cozinha, mas já volta. Como você se sente?

- Melhor... - ela respondeu, com a voz ainda fraca.

- Precisa se alimentar para sarar mais depressa; você quer comer alguma coisa em especial?

- Gosto de suco de laranja... - respondeu Marina.

- Minha filha adorava tomar suco... - disse Rubens, em tom melancólico.

- Ela adorava suco de abacaxi, não é mesmo?

- Como você sabe? - perguntou Rubens.

- Dona Lúcia está dizendo que ela amava suco de abacaxi com hortelã. Isso é bom? Nunca tomei.

Ainda aturdido, Rubens perguntou:

- Lúcia está aqui?

Marina olhou para Lúcia como se pedisse permissão para falar e esta consentiu, carinhosamente:

- Pode responder, querida! Por favor, diga-lhe que estamos aqui.

Ela olhou para Rubens e respondeu:

- Sim! Dona Lúcia está ao seu lado, mas o senhor não pode ver, não é mesmo? Antônio também está aqui, mas não precisa ter medo. Eles são nossos amigos!

- Você sabe quem ela é?

- Não sei, mas posso perguntar a ela... - E, como se estivesse prestando muita atenção em alguém que lhe falava, afirmou a Rubens:

- Ah, ela disse que trabalhou na sua casa e cuidou do senhor desde que o senhor era um bebê, e que depois cuidou da sua filha Luiza!

Nesse momento Marta entrou no quarto e percebeu que o marido estava pálido.

- O que foi Rubens? - perguntou, aflita.

Ele a pegou pelo braço e a levou no canto do quarto; extremamente assustado, disse-lhe:

- Marina afirma que Lúcia está aqui, que ela cuidou de mim e depois de nossa filha. Com certeza você comentou isso com ela, não?

Marta sorriu e respondeu:

- Rubens, Marina é médium, ela vê e ouve espíritos. Já comentei com você sobre isso inúmeras vezes. Se não acredita, faça um teste. Pergunte a Marina algo que somente você saberia responder.

Rubens aproximou-se da menina e falou:

- Marina, quando criança eu tinha um gato... Por favor, pergunte a Lúcia como era o nome dele.

Marina deu uma gargalhada e disse-lhe:

- Era uma gatinha e não um gato, o senhor esqueceu? Ela disse que nome da gata era Naná e disse também que quando o senhor era

criança ela deixou o senhor de castigo porque o senhor colocou uma lata no rabo da pobrezinha. Que feio! Isso não se faz!

Os olhos de Rubens se encheram de lágrimas. Lúcia realmente estava ali, junto dele. Então era verdade! Queria fazer perguntas, saber da filha e de como ela estava, mas ao mesmo tempo sabia que não devia perturbar a menina, pois ela estava doente. Como agir? Um turbilhão de ideias inquietava sua mente.

De repente Marina quebrou o silêncio:

- Dona Lúcia está dizendo que está cuidando de sua filha e que Luiza está bem. Disse que o senhor deve ir à casa espírita com Dona Marta e que, assim que possível, vocês poderão conversar, mas que agora eles precisam ir embora.

E, com as pequenas mãozinhas, Marina jogava beijos e abanava, despedindo-se dos amigos espirituais. Em seguida, sempre muito curiosa, perguntou:

- Dona Marta, o que é uma casa espírita?

Marta sorriu e respondeu:

- É uma casa de oração. Nela as pessoas vão para orar a Deus.

Marina permaneceu pensativa. Marta percebeu e perguntou:

- O que houve, Marina?

- Não sabia que havia uma casa de oração. A senhora pode me levar até lá?

- Claro que levo, mas por que deseja ir até lá?

- Porque rezo para Deus todos os dias, junto com a Sofia, pois não devemos dormir sem orar. Dona Laura ensinou que Deus pode nos ouvir!

- Isto é verdade, Marina! Deus sempre está cuidando de nós, você mesma me lembrou disso outro dia, lembra?

- É verdade. Todas as noites, peço a Ele que nos envie os nossos pais. Dona Laura é muito boa, mas seria bom que cada criança tivesse um pai e uma mãe. A senhora não acha? Eu acho que Deus não está ouvindo, porque está demorando muito. Talvez se eu fosse a essa casa de oração, Ele poderia ouvir melhor!

Marta e Rubens se entreolharam, com os olhos marejados. Rubens afastou-se, ficando junto à janela do quarto. Marta percebeu que ele estava muito emocionado com tudo que havia presenciado e tocado pelas palavras de Marina. Ela disfarçou para não chorar diante da menininha e, após alguns segundos, respondeu:

- Minha querida, tudo tem seu tempo certo para acontecer. Veja o que ocorreu com Sônia, não é mesmo? Ela também estava à espera dos pais, e, embora eles tenham demorado um pouquinho para chegar, finalmente vieram buscá-la, e agora Sônia possui um lar repleto de amor e carinho... Com certeza, Deus está procurando os pais certos para você, Sofia e todos os outros. Posso garantir que Deus a visita no seu quarto todos os dias. Ele ouve a sua oração e

está procurando por seus pais. Tenha fé que Ele irá realizar o seu desejo, meu amor!

Marina sorriu feliz diante da afirmação de que Deus a ouvia. Então, Marta aproximou-se dela e deu-lhe um beijo, dizendo:

- Agora, vamos parar com esta conversa, pois você precisa se alimentar e descansar, mocinha! Trouxe-lhe um suco de laranja, o seu preferido! Beba um pouquinho para ficar boa logo, pois todos estão com muitas saudades de você e querem vê-la curada, correndo pelo pátio e brincando com seus amigos!

- Eu não tenho vontade de comer... Posso ver Sofia? Ela deve estar muito triste sem mim... - pediu Marina.

- Logo vai poder vê-la, mas antes precisa melhorar, pois o sarampo pode passar para Sofia e você não iria querer vê-la adoentada e com febre, não é mesmo?

- Ah, não mesmo! Ficar doente é muito ruim e ela é muito pequenininha. Iria chorar muito e dar muito trabalho!

Marta achou graça dessa colocação, pois Sofia tinha quatro anos, quase a mesma idade dela, e, no entanto, Marina imaginava-se como sendo já crescida e tendo a obrigação de cuidar da pequena garotinha.

- Então ficamos combinadas! Você somente verá seus amigos quando ficar boa, mas para isso precisa se alimentar muito bem! - disse Marta, abraçando-a com ternura.

- Está bem, Dona Marta, eu prometo!

Enquanto Marina se alimentava e tomava o suco preparado com amor, Marta a acariciava com delicadeza e observava a reação de Rubens à janela, com o olhar e o pensamento distantes. Marta percebeu o quanto ele havia ficado chocado e, com certeza, deveria estar tentando racionalizar aquele instante. Sempre fora extremamente cético com relação à Espiritualidade. Entretanto, ela rezava para que Rubens finalmente despertasse e acreditasse no que havia ocorrido; diante de tamanha prova, como não aceitar que a imortalidade da alma era uma realidade inquestionável?

Capítulo 20. A perda do medo

Ao final daquele dia, Marina dava sinais de melhora. A febre estava controlada, não apenas por conta dos medicamentos, mas especialmente pelo carinho e pela dedicação de Marta, que não a deixara um único minuto, e de Rubens, que permanecera atento aos incômodos da doença, ministrando cuidadosamente o tratamento, a fim de impedir as indisposições provocadas pelo sarampo. Já à tardinha, resolveram regressar à sua casa, pois ambos haviam passado a noite no orfanato e precisavam descansar para repor as energias. Marina logo reclamou, aflita:

- Dona Marta, a senhora volta amanhã?

- Claro, minha querida, eu prometo! - respondeu Marta.

- Pelo visto não sentirá a minha falta, não é mesmo? - brincou Rubens.

- Gostaria que o senhor viesse, mas não quero atrapalhar, pois Dona Laura disse que a vida de médico é muito complicada, porque tem que cuidar de muita gente, não é mesmo? - replicou Marina.

Rubens recordou-se do tempo em que permanecia muitas horas no hospital atendendo os pacientes. Naquela época, apesar do cansaço, sentia um imenso prazer no seu trabalho e uma enorme satisfação em ser útil; porém, após a morte de Luiza, nada parecia ter

sentido em sua vida. Marina interrompeu seus pensamentos dizendo:

- Quando crescer, eu quero ser médica como o senhor! Clara disse que nasci para ajudar as pessoas a ficarem curadas do medo.

- Não entendi, Marina! Você poderia me explicar o que significa “curar as pessoas do medo”? E quem é Clara? Eu não a conheço; é sua amiga? - perguntou Rubens, curioso, pois Marina era uma caixinha de surpresas e sua sagacidade era encantadora.

- O senhor sabe que vejo coisas que os outros não podem ver, não sabe? Vejo pessoas como a gente, mas que já não moram mais na Terra.

- E onde moram essas pessoas, Marina?

- Ora, moram no céu, é claro! O senhor não sabia que o céu existe? É lá que a Dona Lúcia, o Antônio, a Clara e a sua filha Luiza moram.

- Então a Clara também mora no céu?

- Mora, quero dizer, ela mora aqui e no céu, porque ela precisa ajudar Dona Laura a cuidar de todas as crianças do orfanato e a encontrar pais para elas.

- E você está vendo ela agora? - perguntou Rubens.

- Ela está ao lado do senhor... - respondeu Marina. E emitiu uma sonora gargalhada, diante da expressão de espanto de Rubens.

- E você não sente medo de vê-los? - perguntou o médico, quase adivinhando que a resposta seria “não”, tamanha a naturalidade com que a garota falava de seus “amigos do céu”.

- Uma vez eu senti muito medo, mas a Clara veio me ajudar e ficou tudo bem.

- Você se importa em contar o motivo pelo qual sentiu medo? - indagou Rubens.

- Se a Clara deixar, eu conto...

Então Clara se fez ouvir pela menina:

- Pode contar, querida!

- Veio aqui uma senhora. Ela se chamava Sueli e queria ser minha mãe. Ela chegou perto de mim e então eu vi ao lado dela uma moça muito suja e zangada. Quando essa moça percebeu que eu a via, começou a gritar: “Diga a ela que sou a Suzana, que a odeio e vou matá-la! Diga, diga!”. Então, fechei os olhos e pedi a Deus que me ajudasse. Quando abri, lá estava a Clara acompanhada de dois rapazes. Um deles chegou perto de mim, disse que se chamava Daniel e que era médico. Falou ainda que eu não precisava ter medo, porque a Suzana estava muito doente e seria levada a um hospital.

Marina continuou sua explanação, com bastante tranquilidade e segurança:

- No céu, a pior doença é a raiva, o senhor sabia disso? É verdade! A Clara me contou, e é por isso que não se deve ter esse

sentimento por ninguém. Quando fico zangada, eu trato logo de me acalmar, porque não quero ficar doente como a Suzana. Ela tinha muita raiva, coitada! Fiquei com pena! Então, o Daniel colocou a mão sobre a testa...

E ela repetiu o gesto, colocando a pequena mãozinha sobre a testa de Rubens e completou:

- A Suzana adormeceu na mesma hora e eles a colocaram numa cama dessas em que se carregam as pessoas, sabe?

- Numa maca? - perguntou Rubens.

- Isso mesmo! Numa maca! E eles desapareceram, ou melhor, voltaram para o céu. Perguntei à Clara o que o Daniel tinha feito e ela disse que os médicos do céu curam as pessoas com o melhor de todos os remédios. O senhor sabe qual é esse remédio?

Rubens fez um sinal negativo com a cabeça e Marina respondeu:

- É o amor!

- Por favor, Marina - pediu Rubens -, pergunte para a Clara por que os médicos da Terra também não podem curar seus enfermos dessa forma.

Marina ficou olhando atentamente para o canto do quarto, fez um sinal afirmativo com a cabeça e respondeu:

- Clara disse que a resposta está no Evangelho, no capítulo V, e que o senhor deve ler com muita atenção.

- Está bem, irei ler! - afirmou Rubens.

- O senhor sabia que tem hospital e médicos no céu?

- Não, eu não sabia, Marina... - disse Rubens sorrindo. - Agora me conte: O que aconteceu depois que a Suzana foi levada para o céu?

- Dona Sueli viu que eu estava assustada e perguntou o que tinha acontecido. Eu contei e dei o recado da Suzana para ela. Ela ficou apavorada e nunca mais voltou.

- E você ficou muito triste? - questionou Rubens.

- Não, porque a Clara me falou que eu não seria feliz com a Dona Sueli e que eu precisava ter paciência, pois minha mãe e meu pai viriam me buscar num outro dia. Sempre que eu rezo à noite, peço para que Deus cuide deles e mostre o caminho para que eles possam me encontrar, mas eles estão demorando... O senhor acha que estão perdidos?

- Não, meu bem, certamente eles não estão perdidos. É que tudo acontece no tempo certo. Com certeza, eles chegarão em breve, meu amor - garantiu Marta, que até então apenas ouvia a conversa do marido com a pequena. Rubens disfarçou sua emoção e continuou a conversa, pois percebera a tristeza da menina.

- Mas quero saber dos seus planos, Marina - disse o médico. - Como você pretende curar as pessoas do medo?

- Ah, eu já pensei em tudo - respondeu a criança com alegria, sentando-se na cama e mudando por completo o seu estado de

espírito. – Eu vou ser médica como o senhor! Vou curar as pessoas das doenças, mas às vezes eu não vou conseguir curar e elas vão morrer; então, eu vou dizer para elas que não precisam ter medo, porque elas irão para o céu e Deus vai cuidar delas e fazer com que fiquem boas para sempre – completou Marina sorrindo.

– E se não conseguir fazer com que as pessoas acreditem no céu?

Marina colocou o dedo sobre o queixo, torceu o nariz e respondeu:

– Bem, aí eu não sei! Mas, de qualquer forma, elas vão chegar no céu e vão saber que o que eu tinha falado era verdade, não é mesmo?

Rubens sorriu e lembrou-se de Luiza e na forma como Marina se parecia com ela, sempre tendo uma resposta rápida e lógica para os mais variados assuntos. Ele a abraçou com carinho dizendo:

– Obrigado por ter me curado do medo, Marina!

Ela deu um beijo em Rubens e disse-lhe:

– Viu como é fácil? O senhor não precisa ter medo de nada, porque Deus está sempre cuidando de nós e temos muitos amigos no céu. Fale isso para as pessoas que o senhor cuida no hospital.

Rubens e Marta deixaram Marina na companhia de Dona Laura e retornaram à sua residência. Rubens se sentia atônito com todos os acontecimentos. Sua cabeça fervilhava de questionamentos, mas, em contraponto, sentia uma estranha sensação de paz da qual não

usufruía havia muito tempo e um imenso carinho começava a nascer por aquela doce menininha.

Capítulo 21. O reencontro com Deus

No retorno, Rubens permanecia calado. Marta decidiu que deveria respeitar o seu silêncio, embora estivesse curiosa para descobrir se Marina havia conseguido convencê-lo totalmente da realidade espiritual. O marido sempre combatera todas as suas tentativas de argumentar sobre o assunto.

Após o jantar, Rubens dirigiu-se à varanda, como era de costume, e permaneceu a observar a noite sob a luz das estrelas. Aquele sempre fora seu local preferido da casa. Era naquela varanda que Luiza e o pai costumavam degustar a sobremesa e permanecer por longas horas a brincar e conversar.

Marta recordava da filha, ainda muito pequena, pegando o pai pela mão e dizendo: “Venha logo, papai! Estamos atrasados para a sobremesa!”. E puxava-o para a varanda, onde já os aguardavam os quitutes deliciosos preparados com carinho por Lúcia, sendo que o preferido de Luiza era sorvete de creme com calda de chocolate e morangos picados. Marta compreendia o quanto aquele local representava na vida de Rubens, pois se encontrava repleto de momentos inesquecíveis.

Mentalmente, ela pensou: “Minha querida amiga Lúcia, por favor, ajude-me a auxiliar Rubens!”. Então, trazendo o Evangelho

nas mãos, Marta sentou-se ao lado do marido e falou-lhe carinhosamente:

- Você está tão pensativo, meu amor...

- Estou pensando em tudo o que vivi e ouvi hoje... Desde criança, Lúcia tentou me ensinar sobre a sobrevivência da alma, mas jamais acreditei. Pensava tratar-se de tolices e crendices sem nexos. Quando Luiza demonstrou a mesma fé, com a mesma idade de Marina, fiquei surpreso com suas colocações. Imaginava que fosse apenas a manifestação da sua inocência pela natural influência de Lúcia. Quando seu problema de saúde se manifestou, cheguei a conceber que suas ideias a auxiliariam a superar a doença, mas nunca acreditei que a alma pudesse sobreviver ao corpo. Entretanto, é inegável o fato de que Marina estava falando com nossa querida Lúcia, não é mesmo, Marta? Por favor, diga-me que estou certo...

As lágrimas escorriam por sua face; Rubens se permitia chorar diante da esposa, sem receio. Marta o abraçou com carinho e disse-lhe:

- Chore, meu querido, mas que sejam lágrimas de agradecimento pelo reencontro com nosso Pai Maior. Creia firmemente que Ele não castiga, não causa dor, não fere... Deus apenas cura, consola e ama. Seu amor é tão profundo, que Ele nos concede a imortalidade e as vidas sucessivas, para que possamos refazer nossos caminhos, reaprender valores e virtudes sagradas. Lúcia não está apenas

cuidando de nossa filha, mas está cuidando de você e de mim. Ela retornou da Espiritualidade para ensinar-nos sobre a fé e mostrar-nos o caminho que leva a Deus.

Rubens, entre lágrimas, disse:

- Marta, eu sinto tanta saudade de nossa filha... Lembro-me de cada momento, de cada segundo que passamos juntos... Desde sua partida, meu coração permanece esmagado, dilacerado pela dor! Sua presença permanece em cada espaço de nossa casa... Quando olho para o jardim, ainda posso vê-la correndo em minha direção e, com os bracinhos abertos, me abraçando e dizendo: "Papai, eu te amo! Você é o melhor pai do mundo!". Quando eu olho para aquela árvore, ainda vejo a Luiza com nove anos, subindo nela rapidamente, sentando-se em meio aos galhos e gritando em tom desafiador: "Vamos, papai, quero ver se consegue subir!".

Rubens emocionava-se diante das lembranças, e continuava a descrevê-las:

- Quantas vezes ela e eu nos sentamos nesta varanda e ficamos longas horas conversando sobre os mais diversos assuntos... Lembro-me da última conversa que tivemos neste jardim... Foi no mesmo dia em que plantamos aquelas violetas... Suas palavras ainda soam em meus ouvidos e ainda vejo o doce sorriso de nossa menina. Como viver sem a sua companhia? Diga-me, Marta: como posso sobreviver a este sofrimento?

Com lágrimas nos olhos, Marta respirou profundamente, buscando encontrar forças, e respondeu ao marido:

- Jamais viveremos sem a presença de Luiza, meu amor! Nossa filha permanece não apenas em cada canto desta casa, mas em cada pensamento que emitimos. Ela faz parte das nossas melhores lembranças, faz parte da nossa alma e do nosso coração. Luiza é um presente de Deus, que durante um curto período preencheu nossa vida de luz, amor e ternura. Temos a necessidade de continuar nossa jornada evolutiva neste plano sem a sua presença física. Porém, pense na enorme bênção que representa o fato de acalentarmos plena certeza de que seu espírito vive em outra dimensão, entre os cuidados de nossa querida amiga e sem o desconforto da doença que a castigava. Lembre-se apenas de que num futuro próximo estaremos novamente unidos! Por ela, pela nossa filha, façamos o que nos cabe neste momento, esforçando-nos para sermos melhores a cada dia, superando a dor da sua ausência e reencontrando a força e a alegria de viver, através da aplicação de nossos dons em benefício dos nossos irmãos.

- Não sei se conseguirei vencer esta tristeza que me abate, Marta... Não sei se terei forças para mudar... Como poderei auxiliar, se não consigo sequer ajudar a mim mesmo? Sinto-me tão cansado de viver, que poderia morrer agora! Nada mais me interessa neste mundo repleto de dor e sofrimento!

Lúcia e Antônio observavam a cena. Lúcia, então, aproximou-se de Marta, colocou as mãos sobre sua cabeça e a intuiu a falar:

- Exato, Rubens! Este é um mundo de dor e sofrimento e este é o papel dos homens de bem... Devemos trabalhar no orbe terreno, a fim de que este mundo possa ser modificado. Portanto, faça a sua parte e utilize o tempo que lhe resta a favor dos seus irmãos menos afortunados. Encontre a alegria de servir e auxiliar o próximo. Permita que a fé revigore suas forças e seja o seu amparo diante da vida. Retorne ao seu lindo trabalho, mas desta vez faça exatamente o que Marina recomendou: auxilie as pessoas curando-as quando possível, mas deixando-as partir e entregando-as a Deus quando a cura física não for possível. Compreenda os ciclos que compõem as leis do equilíbrio que regem o universo e as quais não podemos transgredir nem nelas interferir. Cada ser cumpre sua jornada e retorna no momento preciso. Portanto, jamais se julgue traído pela vida ou fracassado diante do desencarne. Seja apenas um fiel trabalhador do Pai, que cumpre com seus afazeres e confia na Sua misericórdia! A vida é infinita e somos espíritos eternos estagiando entre os mundos. Ao final da seara, com a missão cumprida, iremos retornar aos braços do nosso Pai Celestial, a fim de analisarmos nossa trajetória, refazermos nossas energias, reavaliarmos nossos acertos e erros, revermos as lições aprendidas ou perdidas, e, assim que estivermos aptos e preparados, iremos novamente regressar aos

campos de batalha que compõem a vida carnal. Está escrito no Evangelho que a vida é feita de mil alfinetadas que acabam por ferir-nos, referindo-se às dores, perdas e lágrimas que fazem parte da jornada terrena. Não podemos temê-las. Precisamos enfrentá-las com coragem e fé. A morte é apenas o merecido descanso, o retorno do trabalhador à Pátria Espiritual, pois o mundo dos espíritos é o nosso verdadeiro lar. O céu de Marina é uma realidade, Rubens! Através daquela doce menininha, você obteve a prova de que necessitava. O mundo espiritual é um fato inquestionável, portanto alegre-se e agradeça, pois Luiza está viva, amparada e saudável! Abençoado seja o nosso Pai que nos concede a vida eterna!

Rubens abraçou a esposa com carinho e disse-lhe:

- Eu vou reagir, Marta! Por Luiza e por você, serei um homem melhor. Por favor, ajude-me a encontrar Deus e essa fé inabalável que você possui e que a sustenta diante dessa dor.

- Você já a encontrou, meu amor! Deixe que Deus seja o seu amparo e sua força. Busque o crescimento espiritual através da ação no bem. Encontre, na oração, a luz e, no evangelho, a sustentação de sua alma! Leia o Evangelho e veja a sabedoria contida em suas páginas repletas de amor e claridade espiritual.

Marta entregou a Rubens *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e disse-lhe:

- Abra o Evangelho ao acaso e leia o que Deus deseja falar para você, meu querido!

Rubens obedeceu e, ao abrir o Evangelho, lá estava a lição contida no capítulo 5 – Bem-aventurados os Aflitos, IV – Perda de Pessoas Amadas e Mortes Prematuras. Imediatamente, lembrou-se das palavras de Clara, transmitidas por Marina, e leu atentamente o texto que continha a seguinte mensagem:

Sansão – Antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.

Quando a morte vem ceifar em vossas famílias, levando sem consideração os jovens em lugar dos velhos, dizeis frequentemente: “Deus não é justo, pois sacrifica o que está forte e com o futuro pela frente, para conservar os que já viveram longos anos, carregados de decepções: leva os que são úteis e deixa os que não servem para nada mais; fere um coração de mãe, privando-o da inocente criatura que era toda a sua alegria”.

Criaturas humanas, é nisto que tendes necessidade de vos elevar, para compreender que o bem está muitas vezes onde pensais ver a cega fatalidade. Por que medir a justiça divina pela medida da vossa? Podeis pensar que o Senhor dos Mundos queira, por um simples capricho, infligir-vos penas cruéis? Nada se faz sem uma finalidade inteligente, e tudo o que acontece tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos atingem, sempre encontraria nelas a razão divina, razão regeneradora, e vossos miseráveis interesses representariam umas considerações secundárias, que relegaríeis ao último plano.

Acreditai no que vos digo: a morte é preferível, mesmo numa encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias respeitáveis, ferem um coração de mãe, e fazem branquear antes do tempo os cabelos dos pais. A morte prematura é quase sempre um grande benefício que Deus concede ao que se vai, sendo assim preservado das misérias da vida, ou das seduções que poderiam arrastá-lo à perdição. Aquele que morre na flor da idade não é uma vítima da fatalidade, pois Deus julga que não lhe será útil permanecer maior tempo na Terra.

“É uma terrível desgraça”, dizeis, “que uma vida tão cheia de esperanças seja cortada tão cedo!”. Mas de que esperanças quereis falar? Das esperanças da Terra onde aquele que se foi poderia brilhar, fazer sua carreira e sua fortuna? Sempre essa visão estreita, que não consegue elevar-se acima da matéria! Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida tão cheia de esperanças, segundo entendeis? Quem vos diz que ela não poderia estar carregada de amarguras? Considerais como nada as esperanças da vida futura, preferindo as da vida efêmera que arrastais pela Terra? Pensais, então, que mais vale um lugar entre os homens que entre os Espíritos bem-aventurados?

Regozijai-vos em vez de chorar, quando apraz a Deus retirar um de seus filhos deste vale de misérias. Não é egoísmo desejar que ele fique para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe entre aquele que não tem fé e que vê na morte a separação eterna. Mas vós, espíritas, sabeis que a alma vive melhor quando livre de seu invólucro corporal. Mães, vós sabeis que vossos filhos

bem-aventurados estão perto de vós; sim, eles estão bem perto: seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os inebria de contentamento; mas também as vossas dores sem razão os afligem, porque revelam uma falta de fé e constituem uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações de vosso coração, chamando esses entes queridos. E se pedirdes a Deus para os abençoar, sentireis em vós mesmas a consolação poderosa que faz secarem as lágrimas, e essas aspirações sedutoras, que vos mostram o futuro prometido pelo soberano Senhor.

Rubens chorava abraçado à sua esposa. Antônio e Lúcia fizeram uma oração em agradecimento ao Pai e retornaram à Colônia Espiritual Santa Marta, repletos de júbilo e contentamento. Finalmente, iniciava-se o despertar espiritual de Rubens.

Capítulo 22. Renovando os ciclos

À medida que os meses se passavam, inúmeras mudanças ocorriam na vida de Rubens e Marta. Ambos estavam frequentando a Casa Espírita Amor e Caridade e Rubens permanecia estudando com dedicação as obras da doutrina. Essa atitude positiva trazia visíveis resultados no seu comportamento, fazendo inclusive com que houvesse decidido retornar ao trabalho na clínica e no hospital. Seguiu ainda com o trabalho voluntário e, sempre que possível, visitava as crianças do orfanato, onde passava longas horas a divertir-se com elas.

No final de semana, Marina estaria comemorando seis anos e Marta arrumara tudo com esmero para a comemoração.

- Pensei em comprar uma bicicleta para Marina, o que você acha?

- comentou Rubens.

- Acho que ela iria adorar o presente! Porém, devemos pensar nos demais, pois poderíamos causar-lhes tristeza. Pensei em comprarmos bonecas novas para as meninas e bolas para os meninos.

Rubens sorriu e gracejou:

- Então o aniversário de Marina será um Natal adiantado?

Ambos deram risada e Marta falou:

- Rubens, há muito tempo quero conversar com você sobre Marina. Você sabe o quanto eu adoro aquela menina e, pelo que percebo, você também a adora, não é mesmo?

- Sim, eu também adoro a Marina! Onde você quer chegar, Marta?

Marta tentava buscar as palavras certas para o que realmente desejava dizer:

- Marina tem uma mediunidade ostensiva e, portanto, será muito difícil encontrar pais que compreendam os seus dons... E eu não posso sequer imaginar vê-la sofrer...

E tomando coragem, sugeriu:

- O que você acha de adotarmos a Marina?

Rubens teve um sobressalto. Embora amasse Marina, não podia conceber a ideia de colocar alguém no lugar que sempre fora ocupado por sua amada Luiza.

- Não, Marta! Não me peça isso!

Levantou-se bruscamente, pegou as chaves do carro e disse com a voz embargada:

- Tenho que ir ao hospital!

Marta ficou parada, perplexa diante daquela reação abrupta. Ela compreendia a dor do marido, mas jamais imaginara que ele nem ao menos cogitaria a possibilidade da adoção. Ao contrário do esperado, Rubens fora categórico na sua negativa. E agora, o que ela

poderia fazer? Como conseguiria convencê-lo? Não pretendia desistir, mas, diante daquela atitude de Rubens, ficara abalada e, imediatamente, começou a chorar imaginando que seria impossível trazer Marina para junto de si e protegê-la como desejava. Marta amava profundamente todas as crianças do orfanato, mas Marina era diferente e sentia que tinha o dever de protegê-la. Entre lágrimas, orou ao Pai Maior: “Senhor, por favor, ajude-me!”.

Lúcia aproximou-se da querida amiga e disse-lhe com carinho:

- Não fique triste, minha filha! Compreenda que Rubens está melhorando aos poucos. Ele ainda permanece ligado à dor da perda. Confie em Deus!

Mesmo sem perceber sua presença, Marta assimilou suas palavras e disse baixinho:

- Pai, que tudo ocorra de acordo com Sua vontade!

Lúcia decidiu retornar à Espiritualidade e conversar com seus amigos Lucila, Bento, Olívia e Antônio. Ela desejava obter maiores esclarecimentos de como todos poderiam auxiliar Marta em relação à adoção. Bento foi o primeiro a falar:

- Nossa missão é restrita à inspiração, pois não devemos interferir no livre-arbítrio de Rubens. Essa é uma importante decisão, para a qual ele deverá superar suas resistências e seus medos. Acredito que este seja o momento certo para proporcionar o reencontro entre Luiza e seus pais.

- Você tem razão, Bento! - afirmou Lucila. - Luiza já está em condições de retornar à Terra, evidentemente com o nosso acompanhamento, e conversar especialmente com Rubens em estado de vigília.

- Ela vem se preparando para isso e posso garantir que já possui o equilíbrio necessário para enfrentar este momento - asseverou Olívia.

Antônio ficou extremamente satisfeito, imaginando o quando Luiza ficaria alegre com aquela notícia. Bento, percebendo a felicidade do neto, disse-lhe com ternura:

- Você gostaria de contar à Luiza, meu filho? Se Lúcia não se opuser, é claro... - ponderou Bento.

Lúcia sorriu e afirmou:

- De forma alguma! Luiza gosta muito de Antônio e confia nele. Sei que ela irá adorar receber essa notícia e compartilhar esse momento especial com seu amigo.

- Obrigado, Lúcia! Realmente, tenho profundo carinho por Luiza e prometi que iria auxiliar seus pais, já que esse foi o seu primeiro pedido quando nos conhecemos. Agradeço o fato de poder estar ao seu lado nesta ocasião e dar-lhe essa boa-nova.

- Faça isso, Antônio! Caso Luiza concorde, partiremos à noite - disse Lucila.

Luiza estava em seu quarto lendo, quando Antônio bateu à porta:

- Posso entrar? - indagou sorrindo.

- Antônio! É sempre muito bom reencontrá-lo. Por favor, entre! Estava pensando em você e se teria notícias de meus pais. Perdoe-me a ansiedade, mas tenho sentido muitas saudades.

- Trago ótimas notícias! Por favor, sente-se! Vou lhe contar os últimos acontecimentos.

Antônio colocou Luiza a par dos episódios ocorridos e da possibilidade de uma visita ao seu lar terreno. Luiza exultou diante dessa perspectiva e ambos foram encontrar-se com os demais, a fim de ajustar os preparativos, pois seria a primeira vez que Luiza retornaria à esfera terrena e reencontraria seus pais.

Enquanto isso, o lar de Luiza passava por um momento de intranquilidade. Marta havia ficado triste com a atitude de Rubens e resolvera recolher-se ao seu quarto, ainda muito cedo. Rubens, por sua vez, demorara-se a retornar à sua residência, tentando contemporizar a situação que havia se instalado, pois não desejava tocar no assunto de adoção novamente. Na realidade, ele experimentava a sensação de culpa pelo fato de não conseguir auxiliar a pequena Marina. Ao mesmo tempo, não se sentia capaz de voltar a ser responsável por alguém. Por um longo período, ele sofrera com a ideia de ter falhado em sua missão de proteger sua filha e atualmente, através do estudo da doutrina espírita, já compreendia que Luiza partira no momento exato e estipulado pela

Espiritualidade. Mesmo assim, temia não conseguir amar aquela linda menina com a mesma intensidade que amava a filha. Marina merecia ser amada por completo, sem restrições e com total desvelo. Pensando dessa forma, recolheu-se aos aposentos. Marta ainda estava acordada a esperá-lo. Ao vê-lo entrar, disse-lhe:

- Meu querido, estive refletindo em relação à sua atitude...

Rubens quis falar, mas Marta não permitiu e concluiu:

- Eu apenas gostaria de dizer a você que compreendo sua recusa; se não deseja adotar Marina, respeitarei a sua decisão, muito embora não creia ser a mais acertada. Contudo, amo você e o respeito. Por essa razão, não falaremos mais neste assunto.

Após essas colocações, Marta o abraçou com carinho e virou-se para dormir.

Rubens ficou pensativo; a cada dia percebia mais e mais as mudanças em sua esposa. No passado, Marta estava sempre disposta a fazer prevalecer os seus desejos, mas, atualmente, demonstrava ser uma companheira doce e sensata. Jamais imaginou que ela não fosse exigir a adoção. Ao contrário, ela respeitara e compreendera o seu ponto de vista, mesmo discordando dele: "Melhor assim...", pensou Rubens. Logo a seguir deitou-se, adormecendo imediatamente.

Já na Espiritualidade, com exceção de Olívia, os demais decidiram acompanhar Luiza. Aquele espírito sereno e cordato

merecia todo o auxílio naquele momento especial. Luiza estava ansiosa e aflita diante daquele reencontro, pois temia que pudesse não conseguir se manter equilibrada o suficiente, a fim de auxiliar os pais a contento. Bento, percebendo sua angústia, abraçou-a com desvelo e disse-lhe:

- Nada tema, minha querida! Você está cercada de amor! Estamos habituados a essa atividade e iremos manter o equilíbrio das energias do ambiente através da prece.

Luiza sorriu e apoiou-se no braço de Bento. Então, com o olhar repleto de gratidão, disse a todos:

- Gostaria de agradecer a vocês. O que seria de mim sem o carinho e a amizade de todos?

- Auxiliar nossos irmãos é uma imensa bênção! Somos gratos a você pelo privilégio de sermos úteis e, desta forma, retribuir o amparo que um dia recebemos de nossos amigos espirituais. Este é o ciclo que compõe a vida. Auxiliamos e somos auxiliados, num constante evoluir através dos séculos - concluiu Lucila.

E, por volta das duas horas, a pequena comitiva partiu de Santa Marta rumo à Terra. Luiza olhou o céu repleto de estrelas, no qual também brilhava uma imensa e redonda lua. Lembrou-se dos bons momentos vividos com seus pais e mentalmente agradeceu a Deus: "Senhor, finalmente é chegado o momento pelo qual tenho preparado meu espírito. Contudo, rogo pela Sua misericórdia.

Conceda-me o equilíbrio necessário para revê-los e as palavras corretas para auxiliá-los a continuar suas jornadas evolutivas com coragem e determinação. E, ainda que esse reencontro dure apenas breves instantes, rendo-lhe graças por Sua compaixão para conosco! Muito obrigada, Pai!".

Capítulo 23. Os laços do amor

Luiza adentrou nos portões de sua casa e sentiu como se fosse a primeira vez que visse a vida com total nitidez e deslumbramento. A grama verde, cuidadosamente aparada, canteiros de flores das mais variadas cores e o pequeno chafariz, no qual ela se punha na ponta dos pés quando criança, para brincar na água e tentar pegar os pássaros que buscavam matar a sede. A casa permanecia igual, pintada em tom pastel, com janelas amplas e avarandados ao seu redor.

Luiza experimentava, naquele momento, um misto de alegria, saudade e gratidão, pelas doces lembranças de amor que vivera naquele lar. Lúcia abraçou-a com carinho e disse-lhe:

- Sejamos gratas ao Pai, que permite a saudade do amor que tivemos o privilégio de desfrutar!

- É verdade, Lúcia! - respondeu Luiza com a voz embargada pela emoção. - Como fui feliz nesta casa, junto com você e meus pais...

- Não lamente, minha querida! O tempo é célere e está sempre alinhado ao nosso progresso evolutivo. Dentro em breve, seus pais estarão retornando à Colônia Santa Marta. Contudo, por ora, alegre-se com a bênção de reencontrá-los no momento da vigília. Todos juntos iremos fortalecê-los e serenar seus espíritos, com o intuito de

orientá-los no despertar cada vez mais profundo para as realidades espirituais – afirmou Lucila.

- Saberei ajudá-los, Lucila? – perguntou Luiza, um tanto quanto aflita.

- O amor sempre encontra as palavras certas para serenar a alma, Luiza! –redarguiu Lucila.

Entraram no quarto e, após alguns minutos de oração, os espíritos de Marta e Rubens visualizaram a filha e correram emocionados para abraçá-la.

Ambos choravam copiosamente abraçados a Luiza, que se deixou levar pela emoção. Bento, Lucila e Antônio ficaram de mãos dadas orando e mantendo o equilíbrio que o momento exigia. Lúcia aproximou-se, abraçando a todos e dizendo em tom tranquilo:

- Cada minuto é precioso, Luiza!

Luiza reequilibrou-se e começou a falar aos pais, serenamente:

- Meu amor e gratidão trouxeram-me aqui esta noite. Gostaria de agradecer a vocês pela ternura, pelo afeto e pela dedicação que desfrutei neste precioso recanto de paz, e também pelo amor que recebi ao longo de minha curta jornada terrena. Através de nossos amigos espirituais, tenho conseguido acompanhar o crescimento de ambos e estou imensamente feliz com as escolhas que vocês têm feito. Elas apontam o despertar da verdadeira vida: a vida espiritual!

Marta, controlando a emoção, foi a primeira a falar:

- Minha filha amada, como ansiava por este momento de reencontrá-la! Hoje entendo o que você tantas vezes tentou me ensinar e que eu, tolamente, não conseguia compreender. Percebo que a verdadeira vida nasce na fé e na dedicação ao próximo. Fui ao orfanato com a alma repleta de angústia e dor, apenas buscando cumprir uma promessa feita a você. No entanto, com o passar do tempo, descobri naquele local a força que carecia para continuar em frente; através do amor e da caridade, encontrei a alegria de viver. Reconheço a sua ternura em cada palavra de carinho, em cada gesto de acalanto que recebo daquelas doces crianças, tão sedentas de afeto. Acabei por apaixonar-me completamente por cada uma delas e entendi o real motivo pelo qual estou aqui: levar amor aos filhos desamparados pela vida.

Luiza abraçou Marta com carinho e disse-lhe:

- Que orgulho eu sinto de você, minha mãe querida!

Rubens chorava compulsivamente. Luiza o abraçou forte, tentando conter o pranto e falou-lhe:

- Pai querido, não chore! Veja, estou viva e curada! A morte não existe, a vida é plena.

- Meu amor, eu não posso viver longe de você! Sempre foi a razão do meu viver, filha! Meu único objetivo na vida era vê-la feliz! E agora? O que eu faço sem sua companhia, sem suas palavras, sem seu sorriso, filha? - perguntou Rubens em meio às lágrimas.

- Pai, você está ouvindo as suas palavras? Ouça com atenção o que está dizendo e pense por um minuto: que amor é esse? O amor verdadeiro não aprisiona a alma, pai; ao contrário, o amor verdadeiro liberta.

- Não compreendo o que você está dizendo, minha filha! Acaso não crê que eu a ame profundamente?

- Sei que me ama, pai! Mas, apesar de amá-los enormemente, eu não poderia permanecer ao lado de vocês. Nasci sem o privilégio da saúde física, pois, no passado, cometi atos insanos e transgredi as leis que regem o universo. Este princípio é claro: "A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória". Desta forma, cumpri o tempo previsto e fui libertada para retornar à verdadeira vida. Sim, meu pai! O plano terrestre é apenas um curto estágio, no qual os espíritos devem ser experimentados, a fim de analisar o grau de aprendizado. Este é um mundo repleto de ilusões, no qual somos lançados a fim de crescer como espíritos. Somos alunos que precisam revisar as lições aprendidas na Espiritualidade sobre amor, caridade e perdão. O contato com as batalhas terrenas é imprescindível à nossa escalada evolutiva. Permaneci na Terra pelo tempo necessário ao cumprimento de meu carma; como espírito imortal, fui mantida cativa a um corpo doente. Permaneci impedida de viver a jornada terrena em sua totalidade. Porém, hoje, como um pássaro liberto, após anos de cativeiro, encontro-me livre. Olhe para mim, veja como

estou feliz e alegre-se! Finalmente estou curada. Já não sinto as dores impostas pelos tratamentos cruciantes. Já não necessito mais das inúmeras idas ao hospital em busca de medicamentos ineficazes à minha dor e já não experimento a angústia dilacerante de não obter a cura. Quitei meus débitos que prendiam minha alma a um passado delituoso e ao carma que me atrelava a este plano. Portanto, meu pai querido, fique feliz por mim, estou livre! Não lamente a minha partida, mas sim agradeça a Deus pela minha libertação! Hoje, finalmente, estou em paz!

Rubens permanecia ouvindo, mas as lágrimas eram abundantes. Bento, Lucila e Antônio concentravam suas energias em Luiza, que se mantinha serena e dizia com doçura.

- Meu pai, como eu o amo! E, por amá-lo, quero vê-lo feliz, livre desse sentimento de tristeza que o prende a mim e o faz acreditar que não poderá ser feliz sem minha presença física. Isso não é verdade! Deus não o criou para o sofrimento, mas para o amor, e amar é compartilhar, papai. Faça como a minha mãe e leve o seu afeto, sem receio, àqueles que necessitam desse sublime sentimento. Não tenha medo de viver! Ouça-me com atenção, pai: Marina necessita de amor e cuidado e você pode dar isso a ela.

- Jamais conseguirei amá-la como a amo, minha filha... - confessou Rubens.

- Pai, um amor jamais substitui outro amor! Entretanto, saiba que seu espírito possui a habilidade infinita de armazenar afetos. Amar Marina não significa esquecer-se de mim. Denota apenas aprender a expandir a sua disposição de amar. Não economize esse precioso sentimento, pois a única razão pela qual reencarnamos através dos séculos é esta: aprendermos a difícil máxima ensinada e exemplificada pelo nosso amado Mestre Jesus: “Amai ao teu próximo como a ti mesmo!”.

Lúcia fez um sinal para Luiza, que compreendeu que deveria finalizar. Ela abraçou os pais com ternura e disse-lhes:

- Alegrem-se, pois estou viva e curada. Muito em breve iremos nos reencontrar na Espiritualidade. Sigam suas jornadas com fé e sabedoria. Amem a vida, espalhem ternura, amparem os necessitados à sua volta. E, meu pai amado, recorde do que vou lhe dizer: Marina merece um pai maravilhoso como você; não tenha medo de amá-la!

Rubens acordou sobressaltado e com os olhos molhados pelas lágrimas. Havia sonhado com Luiza e ainda podia ouvi-la dizendo-lhe: “Marina merece um pai maravilhoso como você; não tenha medo de amá-la!”.

Com certeza aquele sonho era fruto do dia tenso que passara, mas o fato de sonhar com a filha pela primeira vez desde que ela

partira deixara-o com uma agradável sensação de paz. E, assim pensando, adormeceu novamente.

Luiza ficou desapontada. Pensara que o pai iria absorver totalmente suas palavras. Bento, sempre atento à jovem, afirmou com sabedoria:

- Minha querida, não esmoreça diante da reação de seu pai! A assimilação do que conversaram permanecerá na sensação de paz que ele sentirá. Além do mais, você conhece a regra: jamais podemos interferir no livre-arbítrio dos encarnados. Entretanto, confie em nosso Pai Maior, que tão bem conhece as nossas necessidades e certamente encontrará a melhor forma de auxiliar Rubens a recordar-se do necessário no momento oportuno. Por ora, sejamos gratos e retornemos à Colônia Santa Marta.

Antônio abraçou Luiza com carinho e disse-lhe:

- Confie, minha amiga! Deus é Pai!

Ela apenas sorriu. Depois, olhando ao redor, com imenso carinho, mentalmente agradeceu: “Obrigada, Pai, pelo privilégio de visitar meu lar terreno. Proteja meus pais e os guie por veredas planas!”.

E, assim, todos retornaram à Espiritualidade repletos de alegria e gratidão pelos eternos laços de amor que unem as almas em ascensão.

Capítulo 24. A lembrança

Na manhã seguinte, Marta e Rubens acordaram serenos e tranquilos. Marta foi a primeira a comentar com o esposo que havia sonhado com Luiza, dizendo que, embora não conseguisse lembrar-se dos detalhes do que haviam conversado, tinha guardado na memória o fato de a filha haver afirmado estar viva e curada. Rubens surpreendeu-se e falou:

- Que interessante, querida, eu também sonhei com nossa filha, mas não recordo o que conversamos.

Rubens resolvera não contar seu sonho a Marta, pois não queria tocar no assunto da adoção de Marina. Embora, semanalmente, Rubens e Marta estivessem participando do estudo da doutrina espírita - que afirmava que os contatos entre o plano físico e o espiritual podiam ocorrer durante a emancipação da alma através do sono físico -, Rubens acreditava que aquele sonho tinha sido apenas fruto de sua imaginação e nada mais do que isso. De qualquer forma, sentia-se imensamente feliz pela imagem que permanecera em sua memória ao acordar, ou seja, a de sua linda filha Luiza, doce e serena como sempre fora, e ainda por cima saudável e com uma aparência excelente.

Assim, ambos não falaram mais sobre o assunto e passaram a semana presos às suas atividades. Marta providenciava cada detalhe para o aniversário de Marina. Chegando o final da semana, o casal se dirigiu muito cedo ao orfanato e preparou tudo com esmero no refeitório da instituição, antes que as crianças despertassem.

Assim, quando os pequenos acordaram e dirigiram-se ao refeitório para o café, tiveram uma grata surpresa. Uma mesa farta, repleta de saborosos sucos, bolos, frutas e docinhos. Inúmeros balões coloridos enfeitavam o ambiente e no canto da sala havia diversos pacotes de presentes. Marta e Rubens pediram a Dona Laura que não contasse para as crianças que tudo havia sido arrumado por eles, por esse motivo ela fez um sinal para que os pequenos se acalmassem e disse-lhes com carinho:

- Meus queridos, hoje é o dia do aniversário de Marina! Então, vamos cantar parabéns para ela e depois iremos festejar com um café da manhã maravilhoso!

Sofia correu para os pacotes e disse:

- Olhe, Marina! Quantos presentes você ganhou!

Então, instalou-se um total alvoroço e todos correram em direção aos embrulhos.

- Abra, Marina! - dizia Sofia, pulando ao seu redor.

Então Dona Laura veio ao encontro deles, esclarecendo:

- Estes presentes foram trazidos por Dona Marta e Dr. Rubens, mas não são todos para Marina.

- Não? - perguntou Francisco.

- Não! - afirmou Dona Laura. - Os presentes azuis são para os meninos e os presentes cor-de-rosa são para as meninas. Há um pacote para cada um. Marina, você gostaria de distribuí-los?!

- Que maravilha!!! - gritou Marina. - E, correndo até o canto da sala, com imensa alegria, ela começou a entregar os presentes aos amiguinhos. Quando finalizou as entregas, correu na direção de Marta, beijando-a e abraçando-a com ternura e dizendo-lhe:

- Obrigada, Dona Marta! Este foi o meu melhor aniversário!

Depois, correu na direção de Rubens e repetiu o gesto de gratidão:

- Obrigada, Dr. Rubens!

- Você ficou feliz em distribuir presentes, mas não quer saber onde está o *seu* presente?

- Eu ainda vou receber mais presentes?

- Como assim? Você ainda não recebeu.

- Claro que recebi! Nunca tive um aniversário tão bonito e feliz! Além disso, Clara sempre me diz que dar é mais importante que receber e, graças ao senhor, pude dar presentes aos meus amigos.

Marina sempre emocionava Rubens; diante da benevolência da menina, ele ficou sem palavras. Marta aproximou-se de ambos e

disse a Marina:

- Mas compramos um presente para você! - E entregou-lhe uma linda boneca.

- Ela é linda! Obrigada! - E, com sua espontaneidade infantil, jogou-se sobre ambos beijando-os inúmeras vezes.

De repente, olhando para o lado, Marina se pôs a conversar com o invisível dizendo:

- Obrigada! É realmente um lindo nome!

- Com quem você está conversando, Marina? - perguntou Marta.

- Com o Antônio e a Dona Lúcia, e hoje eles trouxeram uma amiga. Ela veio me desejar feliz aniversário e disse que, quando criança, também ganhou uma boneca da sua mãe e que colocou o nome de Rosalinda!

- E como ela se chama? - perguntou Rubens com o coração descompassado.

- Verdade?! - falou Marina, colocando a mão na boca, em sinal de espanto. - Nossa, como você é linda!

- Por favor, Marina, diga o seu nome... - questionou Marta, já prevendo a resposta.

- Ela se chama Luiza e me contou que é a filha de vocês!

Rubens respirou fundo, já imensamente emocionado, e disse:

- Nossa filha? Você tem certeza, Marina?

- É verdade, Dr. Rubens! Ela é morena, tem cabelos compridos e olhos pretos. Luiza é muito bonita! Ela está dizendo que visitou vocês e que vocês conversaram, mas que o senhor achou que era um sonho...

Marina fez uma carinha de quem não havia entendido e perguntou:

- Como isso pode acontecer, Luiza? Ah, entendi! - afirmou Marina. E, voltando-se para o casal, explicou-lhes com espontaneidade: - É que a Luiza visitou vocês enquanto vocês dormiam. Eu não sabia que eles podiam conversar com as pessoas enquanto elas estão dormindo. O senhor sabia?

Rubens tentava se controlar, mas as lágrimas corriam pela sua face. Percebendo, Marina limpou-as com sua pequena mãozinha e disse-lhe:

- Não chore, Dr. Rubens! Luiza está dizendo que veio até aqui para dizer que está feliz, está curada e mora com Dona Lúcia no céu! Diz, também, que ela quer que o senhor e Dona Marta sejam muito felizes, pois somente assim ela poderá ser feliz também!

Rubens recordou-se então do sonho e das palavras da filha e começou a chorar convulsivamente. Dona Laura, sempre atenta a tudo que se passava, disfarçou a situação e pediu que as crianças fossem brincar no pátio do orfanato, mas Marina se negou a deixá-lo e disse:

- Não posso sair agora, Dona Laura! Tenho que ajudar o Dr. Rubens a perder o medo.

E o abraçou dizendo:

- Não fique triste, porque a sua filhinha está aqui ao seu lado e ela quer que o senhor seja feliz! Um dia vocês vão ficar juntos novamente. acredite, e não precisa ter medo!

- Ah, Marina! Obrigado, minha querida! - Rubens beijou a menina, que sorriu satisfeita e disse:

- Não precisa me agradecer, eu amo muito o senhor e a dona Marta! - E, olhando fixamente para um determinado ponto vazio, como se estivesse a ouvir, sorriu e falou:

- A Luiza pediu para que o senhor pensasse naquilo que conversaram no sonho...

Em seguida, abanando as mãozinhas e jogando beijos no ar, disse:

- Cuido sim, pode deixar! Luiza precisa ir embora e pediu para que eu cuide de vocês por ela. Eu disse que cuida, mas não sei muito bem como fazer isso...

Marta e Rubens abraçaram a pequena Marina. Rubens, em meio às lágrimas, respondeu:

- Você já está fazendo isso, minha querida...

- Como? - perguntou a menina.

- Você está nos dando uma razão para viver!

E, enxugando as lágrimas, pegou na mão da esposa e disse:

- Marta e eu queremos adotar você! Nós desejamos muito que, de hoje em diante, você seja nossa filha! Assim você poderá estar sempre conosco e cuidar de nós! Então, o que você me diz? Aceita?

O rosto de Marina iluminou-se num imenso sorriso:

- Ir morar com vocês?! Ter uma casa e até um cachorro?

Chorando, Marta a abraçou e disse:

- Sim, minha querida, você poderá ter um cachorro, se desejar!

- Eu quero! - afirmou ela imediatamente.

Sofia, que observava de longe, ouvindo que Marina iria embora, começou a chorar. Marina correu até a menina e a abraçou com carinho. Depois de alguns minutos conversando com a pequenina, retornou de mãos dadas com Sofia e, com os olhos cheios de lágrimas, disse:

- Dona Marta, seu Rubens, eu não vou poder ir com vocês! Não fiquem tristes, mas eu não posso deixar a Sofia, porque eu prometi que sempre iria cuidar dela! Dona Marta me ensinou que nunca se pode quebrar uma promessa. Eu... eu não posso ir!

Ela mordida os lábios e tentava não chorar, mas lágrimas serenas corriam por sua carinha. Rubens comoveu-se diante daquela atitude da menina, capaz de desistir do seu sonho de possuir um lar por amor e fidelidade à pequena amiga. Uma ideia passou por sua cabeça e, olhando para Marta, disse:

- E quem disse a você que deixaremos Sofia? Ela irá conosco, vamos adotar vocês duas, se vocês aceitarem ser nossas filhas!

As duas se abraçaram e começaram a pular de alegria, enquanto Marta e Rubens olhavam a cena, imensamente emocionados.

Antônio e Clara sorriam diante daquele quadro de ternura e Antônio meditava: “Quem dera os homens pudessem manter a lembrança da alegria que experimentamos diante do bem praticado”.

Capítulo 25. O entendimento do poder

Retornando à Espiritualidade, Antônio comentava com Bento os últimos acontecimentos e o fato de Marina ter sido peça fundamental para que Rubens pudesse, finalmente, despertar. Bento ouvia atentamente os relatos do neto e comentou:

- Algum dia, meu filho, os homens aceitarão a teoria das ligações espirituais. Então, compreenderão que as experiências conjuntas de amor e desamor, alegrias e tristezas, verdades e mentiras acabam por formar teias de ligações afetivas, gerando vínculos profundos entre as almas e processos de sintonia, as chamadas uniões simpáticas, e igualmente os de antipatias, que também se transformam em laços extremamente fortes, tantas quantas forem as experiências vividas.

- É verdade, vovô! Por falar em laços, você ficou de me contar o motivo pelo qual Dionísio está retornando à esfera terrena, não é mesmo? - afirmou Antônio sorrindo, pois sua curiosidade sempre fora muito aguçada.

Bento também sorriu e disse:

- Você estava demorando a voltar a esse assunto e relembrar os tempos de infância, quando corria até mim e perguntava: “Vovô, qual a história de hoje?”. Lembra disso, meu filho?

Antônio revia a cena em sua tela mental. O avô sempre fora seu grande amigo. Juntos, eles haviam compartilhado lindos momentos e doces aventuras, na grande maioria das vezes mesclados de brincadeiras e gargalhadas.

- Não fuja do assunto! - disse Antônio brincando com o avô. Bento era sempre muito discreto, principalmente quando se tratava de tecer algum comentário a respeito das vidas passadas dos moradores da Colônia Santa Marta. Contudo, ele sabia que Antônio não tinha a intenção de julgar, mas apenas de aprender. Então respondeu seriamente:

- Você sabe que possuímos regras específicas e que não devemos comentar sobre as vidas passadas de nossos irmãos. Apenas em casos propícios à educação espiritual, ou ao estudo dos roteiros reencarnatórios. Entretanto, solicitei ao próprio Dionísio a sua autorização para contar-lhe sua história, ou melhor, parte dos motivos pelos quais ele irá reencarnar. Dionísio não apenas aprovou minha solicitação, como comentou o quanto havia apreciado a conversa que você e ele tiveram semanas atrás. Com certeza, ele mesmo lhe contaria seu passado, mas já iniciamos seu processo de reencarne e não há como vocês voltarem a conversar.

- Dionísio é um espírito admirável! Fiquei surpreso por sua simplicidade, seu carinho e sua solicitude para com todos os irmãos da colônia. Apesar do tempo escasso, ele ficou por horas a responder

a questionamentos e queixas no Instituto da Luz. Ouvia a todos atenciosamente e, após dizer palavras de carinho e ânimo, a reação salutar das pessoas era inacreditável. Não pude deixar de analisá-lo pela ótica terrena e pensar nas altas cúpulas de comando em nosso planeta. Nelas, é extremamente comum presenciarmos a soberba e o egoísmo atuando acima dos deveres para com o próximo – afirmou Antônio.

Bento esclareceu:

- Não esqueça que Dionísio é uma alma com inúmeras virtudes conquistadas ao longo das vidas sucessivas. Sua liderança é baseada na “lei do amor”, em que o poder é utilizado com o único ensejo de organizar, dirigir e manter os processos em amplo funcionamento para a realização do bem maior, ou seja, guiar os irmãos para o crescimento espiritual, mediante o comando da luz do Evangelho de nosso Pai. O poder já não exerce fascínio sobre ele, não distorce sua capacidade de pensar e agir, pois seu espírito aprendeu a utilizá-lo com igualdade e justiça, sem qualquer resquício de deslumbramento ou egoísmo.

Antônio objetou:

- O contrário, infelizmente, é muito observado na esfera terrena, onde a sede de poder prevalece na grande maioria dos líderes, e a virtude é soterrada pela postura arrogante e intransigente dos poderosos. Seu próprio bem-estar, assim, sobrepõe-se ao dos outros

- que muitas vezes dependem das atitudes que eles venham a tomar
-, em total desrespeito às leis da justiça social.

- Isso é verdade, Antônio! E essa é a grande diferença entre a autoridade de Dionísio, que advém de uma liderança natural baseada no amor e na justiça, e com o único intuito de conduzir e organizar harmonicamente os trabalhos desenvolvidos na colônia, em contraponto com a visão de autoritarismo que se caracteriza pela opressão e pela prática do comando para fins egoísticos. Contudo, cada um receberá de acordo com suas obras. O poder constitui uma ferramenta importante, concedida por Deus, para ser utilizada em benefício da evolução dos mundos. Ora, havendo o abuso e sendo a autoridade mal praticada, sem dúvida alguma esses atos representam infrações graves e serão devidamente cobradas pelos seus transgressores perante a lei de harmonia que rege o universo, conforme explica a questão 684 na obra de Kardec *O Livro dos Espíritos*. Kardec questiona: “Que devemos pensar dos que abusam de sua autoridade impondo a seus inferiores excessivo trabalho (afazeres, tarefas e exigências)?”. Nossos irmãos espirituais são taxativos: “Isso é uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgride a Lei de Deus”. O homem poderá utilizar-se de inúmeros tipos de poder – financeiro, físico, intelectual, pessoal, espiritual. Contudo,

nosso líder e mestre Jesus reforçou, através de suas atitudes, que o verdadeiro poder não é imposto, mas sim conquistado. Apesar do enorme fascínio que Jesus exercia sobre seus irmãos, é inquestionável que o embasamento moral de seus atos, ou seja, o exemplo, sempre foi o alicerce seguro de Seu poder e de Sua autoridade, razão pela qual Seus ensinamentos perduram através dos séculos. Nosso Mestre ensinou-nos que o verdadeiro líder ama seu discípulo, jamais o diminui ou intimida, mas acredita e confia em sua capacidade de superação.

Após uma breve pausa, Bento prosseguiu:

- Dionísio, assim como inúmeros irmãos encarregados de comandar as colônias espirituais e as esferas superiores, segue os mesmos preceitos: *incentivar, auxiliar, encorajar, ensinar*. É o uso da autoridade de forma eficiente, respeitosa e produtiva. Esses nossos irmãos comandam com firmeza, disciplina e ordem, com ações alicerçadas na mansuetude e na candura. Suas palavras possuem força, pois são a extensão dos seus exemplos. Dessa forma, eles constroem uma liderança por meio de seu modo de ser e agir. São líderes que se tornam uma referência positiva aos seus irmãos e os intuem a persistir no firme propósito de rumar à elevação moral. Seus nobres propósitos carregam consigo alta carga de sacrifícios, experiências adquiridas ao longo de árdua jornada evolutiva e séculos atuantes no desenvolvimento do trabalho no bem. Por essa

razão, diante de suas presenças, todos se sentem agraciados e tocados pelas emanções de paz e amor que transmitem.

O avô de Antônio continuou explicando:

- Diante dos séculos, a autoridade moral do espírito é a liderança adquirida pela expansão da consciência, pelo equilíbrio embasando os atos, pelo amor comandando atitudes, e esta, meu filho, é a única, real e verdadeira autoridade! Oremos para que os homens compreendam que as leis harmônicas que regem o universo jamais falham, pois são regidas por Deus, o ser supremo de luz, amor e bondade. Nosso Pai ama seus filhos e cuida de cada um deles, independentemente do plano em que estejam estagiando seus espíritos. Finalmente, Rubens e Marta compreenderam que Luiza partiu da Terra mas não deixou a vida, apenas se encontra em temporário refúgio para angariar a força e o conhecimento necessários, a fim de retornar às batalhas terrenas.

- Vovô, muito em breve retornarei às minhas atividades na Colônia São Luiz, mas gostaria de continuar tendo notícias dessa família. Confesso que me afeiçoei profundamente a todos, especialmente à doce Marina.

- Fique tranquilo quanto a isso, pois o mantereii informado. Mas, retornando ao seu questionamento, tentarei resumir e contar a você o motivo pelo qual Dionísio solicitou o seu retorno às lutas terrenas.

Capítulo 26. Perdoai os vossos inimigos

Bento e Antônio sentaram-se à beira do lago. A noite, suave e serena, convidava à meditação. Conforme prometera, Bento iniciou a narrativa em tom tranquilo:

- Conforme havia comentado com você, Dionísio reencarnou no século XIX, com a nobre missão de auxiliar a cumprir os desígnios de nosso Pai, pois urgia a vitória da liberdade, e o sombrio período da escravidão deveria começar a ser banido das terras brasileiras. Para tanto, Dionísio solicitou reencarnar como negro e, assim, auxiliar os irmãos a trilhar o caminho da luz, buscando minimizar suas dores e guiá-los à fortaleza da fé. A mãe de Dionísio era uma mulher lindíssima. Ela se chamava Benedita. Como se fosse uma rara mercadoria, foi comprada no mercado ainda muito jovem. O Sr. Fernando Almeida de Albuquerque encantou-se por ela ao primeiro olhar e pagou vultosa soma em dinheiro por Benedita, com o pretexto de que a esposa necessitava de uma nova cozinheira. Contudo, essa não era a verdadeira razão para sua aquisição. Comandado pela selvageria dos instintos inferiores que conduziam suas ações, ainda a caminho da fazenda parou em um estabelecimento e abusou da pobre garota, sob os comentários torpes

e as risadas dos capatazes, que compartilhavam de suas inferiores inclinações morais.

Bento engoliu seco, consternado pelos acontecimentos que estava narrando ao neto, e em seguida prosseguiu:

- Como se não bastassem suas rudes atitudes para com a jovem, Fernando passou a assediá-la dentro da própria casa. Por mais que Benedita tentasse esquivar-se, ele a perseguia e a obrigava a manter com ele a situação do concubinato. Isso despertou a raiva de outra escrava chamada Amália, que até então mantinha a posição de favorita do patrão e que, com a chegada de Benedita, havia sido posta de lado, como um brinquedo que perde a graça e é esquecido em um canto qualquer. Assim, movida pelo ciúme e pela inveja, Amália fez com que, pouco a pouco, Dona Adelaide percebesse o interesse do marido por Benedita. A partir daquele dia, a vida da pobre escrava tornou-se um verdadeiro suplício, pois as surras e os castigos não davam tréguas ao seu dia a dia. Benedita implorou ao patrão para ser enviada à senzala, pois não suportava mais os maus-tratos intermináveis. Entretanto, Fernando não desejava abrir mão de sua companhia, nem tampouco a defendia dos constantes insultos e castigos que lhe eram impostos por Adelaide, pois, se o fizesse, estaria tirando a autoridade da esposa, e esta jamais o perdoaria. Fernando não se preocupava com a esposa nem com Benedita.

Apenas não desejava aborrecer-se com o sogro, que era detentor de grande fortuna e completamente dedicado à sua única filha.

Antônio olhava para o avô com atenção e interesse. Desejava muito saber qual o papel de Dionísio naquela triste trama. Bento deu continuidade à história:

- Certo dia, Benedita confessou a Fernando que estava grávida. Indignado, o homem pensou inicialmente em mandar matá-la; no entanto, apesar de rude e sem escrúpulos, ele de fato desenvolvera uma paixão profunda pela linda escrava e decidiu que o melhor seria enviá-la à senzala, até que a criança nascesse. Em sua mente doentia, armou nefasto plano. Mandaria assassinar o filho bastardo e, após a quarentena, traria Benedita ao seu convívio novamente. E assim procedeu, conseguindo dessa forma amenizar a fúria de sua esposa, que, conhecendo o temperamento do marido, não ousava desafiá-lo. Assim, Benedita foi enviada à senzala. Como a dor sempre encontra a compaixão, ela deparou-se com o carinho materno de Bernadete, a negra mais velha do grupo de escravos. Desenvolveu, ainda, sincera amizade por Serena, uma jovem negra que estava esperando seu primeiro filho. Serena era esposa de Juvenal, um negro forte e vigoroso que mantinha a liderança da senzala. Os meses passaram rapidamente e ambas entraram em trabalho de parto. Serena teve uma filha, que morreu ao nascer devido às péssimas condições que a escrava enfrentou durante a

gravidez. Serena chorou muito pela morte da filha, mas Juvenal não derramou uma única lágrima. Ele sabia que, mesmo nascendo sob a proteção da Lei do Ventre Livre, a filha sofreria muito, e agradeceu aos orixás pela liberdade concedida à criança. Afinal, qual seria o seu futuro? Trabalhar dezesseis horas por dia, usar trapos como roupas, alimentar-se mal, dormir sobre ferros e ser castigada física e psicologicamente todos os dias; e o pior: ser molestada pelos capatazes. Não, ele não lamentava sua morte; ao contrário, sentia-se aliviado, pois essa era a única forma de conquistar a liberdade do cativo.

- A criança de Benedita teve o mesmo destino da filha de Serena, vovô? - perguntou Antônio, penalizado.

- Não, Antônio. O filho de Benedita nasceu perfeito. No entanto, dadas as complicações no momento do parto, ela desencarnou poucas horas depois, vítima de uma incontrolável hemorragia. Antes de partir, porém, Benedita teve tempo de implorar a Juvenal e Serena que tomassem conta de seu filho, como se ele fosse o primogênito do casal. Suplicou-lhes que dissessem ao Sr. Fernando que tanto ela quanto sua filha haviam morrido. Apesar de acreditarem que seria difícil manter aquela mentira por muito tempo, ambos aquiesceram; eles sabiam que, quando o Sr. Fernando descobrisse a verdade, não permitiria que o menino vivesse; eles já haviam presenciado sua crueldade em outras oportunidades.

Benedita não era a primeira negra a ser violentada por ele e largada para dar à luz na senzala. E eles sabiam bem como o patrão fazia para se livrar dos bastardos que gerava. Ao saber do ocorrido, Fernando sentiu-se aliviado em relação à menina, pois isso o pouparia de mandar matá-la. Porém, entristeceu-se diante da perda de sua paixão. Dona Adelaide comemorou a morte de ambas com um sarau no casarão. E assim Benedito cresceu sob o carinho e a proteção de Serena, Juvenal e Bernadete.

- Benedito e Dionísio são a mesma pessoa? - perguntou Antônio, ansioso, desejando antecipar os fatos. Bento, contudo, não lhe satisfez a curiosidade e continuou:

- À medida que o menino crescia, os traços da paternidade se faziam visíveis, pois Benedito era um lindo mulato que tinha os inconfundíveis olhos verdes do pai. Os capatazes Jerônimo e Querêncio também observavam que a boca pequena do menino era muito semelhante à de Fernando, mas não ousavam mencionar esse fato, não por pena do que ocorreria ao menino, mas pela fúria e pelo castigo que seriam infringidos àquele que contasse ao patrão que ele havia sido enganado. Nesse caso, não somente os escravos seriam castigados, mas também os capatazes que haviam se tornado cúmplices do fato. Então, decidiram exterminar o menino quando este tinha apenas seis anos. Planejaram afogá-lo no rio que passava próximo à propriedade. Assim, a pretexto de um passeio, Jerônimo

conduziu o garotinho até o rio, mas, no meio do caminho, Benedito corajosamente saltou à frente do capataz e impediu que ele fosse picado por uma cobra coral. A valentia do menino e o sentimento de gratidão por ter sido salvo por ele de uma morte certa e dolorosa acabaram por amolecer o coração daquele homem rude. Desistiu da ideia e convenceu Querêncio de que o melhor seria manter o garoto escondido dos olhos do patrão. Afinal, Fernando nunca se dirigia à senzala; se no futuro o patrão viesse a cruzar com o bastardo, eles poderiam dizer que se tratava de um dos novos escravos comprados no mercado. Assim, Benedito teve pela segunda vez a sua vida poupada.

Antônio sentiu um certo alívio. Bento continuou falando:

- Benedito cresceu e era um negro de rara beleza, forte e muito inteligente. Apesar da crença nos orixás, mantida secretamente pelos escravos, ainda na infância ele se encantou pelas histórias de Jesus contadas por Bernadete. A velha escrava trabalhara durante longo período na casa-grande e Dona Adelaide exigira que ela fosse batizada. Para tanto, Bernadete recebera aulas sobre a bíblia e ficara admirada com o Novo Testamento e com as histórias daquele homem que havia morrido na cruz pela injustiça dos homens e mesmo assim os perdoara. Identificava-se com a pobre Maria, mãe de Jesus, que havia presenciado todos os martírios infringidos a Seu filho. Na sua mente, a história de Jesus assemelhava-se ao dia a dia

dos negros, que eram mortos pela maldade dos homens, através dos impiedosos castigos impostos. E, assim como Maria, as escravas também passavam pelo doloroso suplício de ver seus filhos mortos ou separados delas ainda no berço. Seu coração se encheu de fé e ela aprendeu a amar Jesus e a Virgem profundamente. O padre, um homem muito bondoso, percebendo a fé sincera que nascia no coração de Bernadete, esmerava-se em ensinar-lhe o cristianismo, contando-lhe as histórias de Jesus e seus milagres de forma minuciosa. Bernadete ouvia tudo com atenção, assimilando cada detalhe.

- E ela ensinou tudo isso ao filho, vovô? - perguntou Antônio.

- Sim, Antônio. Bernadete repassou a Benedito o conhecimento da fé e as histórias de Jesus de Nazaré. Quando a noite caía, após o longo dia de árduo trabalho, Benedito encantava a todos com suas narrativas sobre a vida de Jesus e sua sabedoria. Suas palavras, repletas de força, traziam paz e serenidade àquelas almas atribuladas e sofridas. Ele reproduzia detalhadamente as parábolas que Jesus contava e o descrevia como um homem alto, de cabelos longos. Dizia que, assim como os orixás impunham suas armas, Jesus trazia consigo o escudo da bondade e a espada o amor, para ensinar aos homens que a verdadeira liberdade estava na coragem de amar os inimigos e perdoá-los. Os escravos permaneciam em silêncio ouvindo as histórias do “guerreiro de luz”, codinome criado

por Benedito ao amado Mestre Jesus. Ele afirmava a seus irmãos que chegaria o dia em que, através da morte, todos seriam libertados da dor da escravidão e se reuniriam junto ao “grande guerreiro” que os aguardaria nos portões do céu e os manteria distantes da maldade dos homens. Benedito tinha o dom especial não apenas de divulgar a palavra de Jesus, mas também de curar seus irmãos através de medicamentos à base de ervas que ele mesmo preparava. Ninguém sabia onde ele havia adquirido aquele conhecimento, mas muitos escravos puderam presenciar as dores mais pungentes dos açoites dos chicotes serem amenizadas e cicatrizadas através de emplastos preparados por Benedito, seguidos das orações e imposições das suas mãos sobre os castigados. Desta forma, todos os negros da senzala o respeitavam e acreditavam que sua proteção divina e seus poderes haviam sido concedidos por Jesus para aplacar a dor dos escravos. Benedito sorria diante dessas colocações e apenas dizia: “Não tenho poder nenhum, só o ‘grande guerreiro’ cura!”.

- Que lindo, vovô! Que espírito evoluído! - comentou Antônio. O avô sorriu e deu continuidade:

- Chegou, então, o inevitável momento do reencontro. Certo dia de primavera, quando Fernando passeava a cavalo pelas plantações, viu-se diante de Benedito. Sendo um homem de má índole, mas muito inteligente, tão logo o viu percebeu a nítida semelhança que havia entre ele e aquele escravo, inclusive na cor dos olhos. Chocado

e extremamente furioso, pois compreendera que fora enganado, chamou Jerônimo e Querêncio para tirar satisfações. Eles, contudo, mantiveram o combinado, dizendo ao patrão que se tratava de um negro recém-comprado no mercado. Fernando não acreditou nessa versão e foi pessoalmente até a senzala, levando Benedito agarrado pelo braço. Tomado de raiva, gritou: “Quem é o pai deste negro?”. Juvenal saltou, já imaginando o que ocorreria ao seu filho do coração, e respondeu: “Sou eu, sinhô!”. “Mentira, negro imundo!”, esbravejou o homem, ensandecido de cólera, e continuou gritando: “Atreve-se a negar que este é o filho de Benedita?”. Juvenal já não possuía a força da juventude. Estava velho e cansado do trabalho forçado, mas mantinha a coragem e sentia profundo amor pelo filho do seu coração. Dessa forma, buscando defendê-lo, manteve-se firme na resposta: “É meu filho, sinhô!”. Fernando, então, desembainhou a adaga e se jogou sobre Juvenal, gritando com furor: “Morra, negro mentiroso e maldito!”.

- Benedito sabia que não era filho de Juvenal, vovô? - inquiriu Antônio.

- Sim, Antônio. Benedito tinha conhecimento de suas origens e de sua verdadeira história. Ele entendia perfeitamente o motivo daquele ataque de raiva, então se colocou entre Fernando e Juvenal e, segurando o braço do patrão, gritou: “Sinhô, me mata, mas deixa meu pai!”. Transtornado, Fernando respondeu, destilando ódio:

“Como ousa desafiar-me e dizer o que fazer, negrinho?”. E, no exato momento em que levantava o braço para desferir o golpe mortal sobre Benedito, teve um mal súbito e caiu desfalecido.

- Meu Deus... - balbuciou Antônio. O avô retomou:

- Todos permaneceram parados, inclusive Jerônimo e Querêncio, mas Benedito correu até Fernando tentando ajudá-lo. Ritmicamente, ele esfregava as mãos no ar, como se estivesse captando algo que os demais não podiam ver. Depois, impunha as mãos sobre o coração do patrão e repetia o ritual, orando silenciosamente as orações que haviam sido ensinadas por Bernadete. Após alguns minutos, Fernando recobrou os sentidos e foi levado ao casarão pelos capatazes. Jerônimo e Querêncio ficaram impressionados com o ocorrido, achando que Benedito tinha poderes ocultos, pois aquilo parecia ter sido uma feitiçaria. Como alguém poderia voltar da morte? Mesmo tendo sido informado do ocorrido e da atitude de Benedito para com ele, Fernando não acreditava que aquele negro pudesse ter qualquer tipo de poder, muito menos alguma proteção divina. Assim, tão logo restabeleceu a fala e parte dos movimentos do corpo, com dificuldade caminhou até a senzala e sentenciou 50 chibatadas no velho Juvenal. Benedito se interpôs novamente e implorou: “Sinhô Fernando, tem piedade! Meu pai está velho!”. Furioso, Fernando gritou: “É a última vez que você retruca minhas ordens!”. Sem piedade, desferiu uma faca direto no coração de

Benedito, que em poucos segundos estava morto. Após desferir esse golpe mortal, Fernando caiu e começou a contorcer-se, mas dessa vez ninguém o acudiu, nem mesmo os capatazes. Em poucos minutos ele veio a desencarnar, ao lado do filho bastardo. Após o desencarne, enquanto Benedito era recebido pelos amigos de luz, Fernando despertava no negro e fétido umbral, sendo recepcionado pelos inúmeros inimigos adquiridos graças a seus atos vândalos e tresloucados. Foi Benedito, ou melhor, Dionísio que o retirou dali, acompanhou sua readaptação e intercedeu por ele junto à Espiritualidade Maior para que pudesse retornar à carne. Durante essa reencarnação, devido às inúmeras crueldades praticadas, Fernando retornou em um corpo completamente deformado, sofrendo na carne os martírios do preconceito e da rejeição e a dor do desprezo. Desencarnou aos vinte anos, assassinado por uma multidão enfurecida que o julgou assassino de uma linda jovem do povoado. Fernando era inocente daquele crime, assim como eram inocentes os inúmeros irmãos negros assassinados por suas ordens ou pelas suas próprias mãos. Apesar dos suplícios pelos quais passou nessa reencarnação, Fernando ainda possuía um longo caminho na sua escalada evolutiva e na aquisição das virtudes do amor, da caridade e da fé. Por essa razão, Dionísio retorna às lutas terrenas, agora sob as vestes de seu pai, na tentativa de guiá-lo pelo caminho do bem.

- Ele nascerá perfeito, vovô?

- Não! Fernando nascerá em um corpo imperfeito e cego, e sofrerá o abandono ao nascer. Dionísio irá adotá-lo e buscará educá-lo dentro da senda sagrada do amor e da fraternidade.

- Vô, existe alguma possibilidade de que Dionísio não cumpra o estipulado em seu roteiro e não venha a adotar Fernando? Sei que, em se tratando de Dionísio, talvez seja uma bobagem o que pergunto, mas como podemos ter certeza de que os roteiros traçados serão cumpridos?

Bento sorriu e respondeu:

- Filho, você se apega à lei do livre-arbítrio e está correto na sua colocação, pois todos nós temos o direito à escolha e inúmeras vezes optamos por escolhas equivocadas. Contudo, não se esqueça de que os espíritos de luz já conquistaram a consciência de si mesmos e de suas responsabilidades diante de seu próximo. Por essa razão, atuam sob o comando das leis do amor e da caridade de forma natural. Dionísio será um trabalhador do Cristo na Terra. Diante dos sofrimentos alheios, ele irá trabalhar para trazer amparo não somente à vida de Fernando, mas à de inúmeros irmãos abandonados à própria sorte.

- Oremos para que tudo acabe bem e para que Fernando assimile o aprendizado - redarguiu Antônio.

- Sim, oremos, meu filho! Mas não guardemos grandes expectativas em relação ao nosso irmão; muitas vezes é necessário um árduo aprendizado em muitas reencarnações devido a um passado delituoso. Todos nós sabemos como é difícil a escalada para a conquista dos tesouros espirituais. Entretanto, tenhamos confiança plena de que no final o bem sempre vence, pois o nosso encontro com a Luz é o único caminho possível. Por esta razão somos detentores da eternidade: para que possamos combater e vencer as nossas fraquezas internas. Confiemos na bondade e no amor de nosso Pai, que une o passado ao presente, para que possamos nos reerguer e reinventar o nosso futuro!

Capítulo 27. O reencontro

Certo dia, Bento foi à Colônia São Luiz, juntamente com Luiza, para falar com Antônio. Após conversarem por alguns minutos, Antônio procurou Joel e solicitou permissão para afastar-se temporariamente da colônia a fim de acompanhar os amigos ao lar terreno de Luiza, no que foi prontamente atendido. À noite, na companhia de Lúcia, Luiza e também de dois médicos, Daniel e Rafael, todos partiram rumo à residência de Rubens e Marta.

Rubens estava sentado na varanda, aguardando as filhas, que haviam subido até o quarto para conversar com a mãe e logo desceriam para o jantar. Ele estava um pouco indisposto naquela noite, sentia-se cansado. Começou a pensar em tudo que havia se passado nos últimos 20 anos, desde aquela manhã no orfanato, quando tomara a feliz decisão de adotar Marina e Sofia. Muitos anos felizes haviam, então, se seguido. Apesar da constante saudade de Luiza, aquelas meninas enchiam seu lar de amor e ternura. Ter o privilégio de vê-las crescer e estar ao lado delas nos mais diferentes momentos preencheria de lembranças a sua vida; elas tinham levado um novo colorido aos seus dias, assim como Luiza fizera um dia. Lembrava-se, agora, de cada instante que passara com as filhas, momentos divertidos, piqueniques, visitas ao zoológico... Levá-las à

escola todas as manhãs, buscar Sofia nas aulas de balé, levantar-se no meio da madrugada para confortá-las pelos mais diferentes motivos – gripes, febres, perda de namorados etc. –, tudo isso criara uma rotina aconchegante, plena de afeto e de amor. Ele sorriu diante daquelas recordações que agora lhe pareciam tão distantes.

A família jamais abandonara as visitas e o auxílio ao Orfanato Maria Imaculada. As meninas, juntamente com Marta, estavam sempre dispostas a preparar eventos, passeios e a levar todo tipo de diversão às crianças. Ernesto, o motorista da família, era o companheiro preferido de Marina e Sofia, quando as meninas resolviam aprontar as mais diferentes brincadeiras, ficando ele atento e cuidadoso em relação às travessuras das crianças.

Certo dia, Ernesto contou a Rubens que sua esposa não podia ter filhos e desejava adotar uma criança; o motorista confessou que sempre fora reticente em relação a isso, mas que a proximidade com as crianças do orfanato o havia feito perceber que estava errado em sentir medo e já havia entrado com a documentação para adotar o pequeno Francisco. Quando Rubens contou às meninas sobre a decisão de Ernesto, ambas foram correndo encontrar o amigo. Marina foi a primeira a falar:

- Ernesto! Fiquei tão contente com a notícia! O Francisco vai ser muito feliz ao seu lado!

- Espero ser um bom pai, menina Marina!

Marina o abraçou com carinho e vaticinou:

- Sem dúvida, você será!

E realmente Ernesto foi um excelente pai, pois o menininho cresceu cercado de amor pela família e pelos amigos. Estava sempre junto de Marina e Sofia compartilhando da vida familiar e sendo tratado como mais um filho querido por Marta e Rubens.

O médico continuava com suas meditações acerca de tudo o que vivera. É claro que a vida não se compusera apenas de bons momentos, porque a existência é mesmo repleta de desafios, de dias bons e de outros nem tanto, mas Marta e ele haviam, sim, tido uma vida feliz. Rubens pensava: “Como a fé em Deus é imprescindível na vida! Como Deus foi bom para conosco! Luiza estava certa, temos a habilidade infinita de armazenar afetos!”.

Marina transformara-se numa linda mulher. Fora preparada, no tempo certo, para as atividades mediúnicas, as quais jamais foram para ela um fardo difícil de carregar, pois amava auxiliar. Atualmente, já se encontrava formada e atuando como médica; colocava agora em prática tudo o que havia planejado na infância. Sanava não somente as dores do corpo, mas procurava as cicatrizes da alma para que a cura de seus pacientes fosse completa. Trabalhava na Casa Espírita Amor e Caridade, e fora lá que conhecera Alberto, seu noivo. Eles estavam se preparando para casar no ano seguinte.

Sofia era uma doçura. Ela ministrava aulas de balé em sua própria academia e ainda montara uma sala, para dar aulas gratuitas no orfanato. Já estava casada, mas visitava todos os dias a casa dos pais e fizera questão de morar a uma quadra dali. O marido de Sofia estava viajando a trabalho e ela viera ficar com os pais e a irmã por alguns dias. Ela cuidava de Rubens como se ele fosse uma criança. O pai achava graça dos seus exagerados cuidados, mas apreciava aquele desvelo, pois sabia que essa era a forma como Sofia demonstrava seu imenso amor e carinho para com ele.

Como médico, Rubens sabia que não estava bem, mas não demonstrava nada a Marta e Sofia. Contudo, com Marina era diferente; nada passava despercebido pela sua sensata menina.

Marina, Sofia e Marta desceram as escadas conversando animadamente, mas logo Marina percebeu o que estava acontecendo, pois viu, ao lado de Rubens, Luiza, Lúcia, Antônio e mais dois rapazes. Ela sentiu um aperto no peito, pois sabia da gravidade da doença do pai e do real motivo pelo qual a equipe se encontrava no local. Luiza olhou para ela com carinho e disse-lhe:

- Obrigada por cuidar dele, minha irmã querida! Mas, dentro em breve, caberá a mim essa tarefa. Seja firme e auxilie nossa família.

Marina, com os olhos cheios de lágrimas, sorriu para eles e dissimulou sua tristeza. Sentou-se junto do pai na varanda. Rubens

tentava disfarçar o desconforto de uma dor que queimava em seu peito.

- Como você está, papai?

Ele sorriu, segurou a sua mão e disse-lhe:

- Minha filha querida, muito obrigado por tudo que você trouxe à minha vida e por me ensinar que o amor cura as dores da vida. Mas creio que não terei mais a sua doce presença e não poderei levá-la ao altar, não é mesmo?

Com os olhos repletos de lágrimas, Marina respondeu:

- Saiba que estará em excelente companhia, meu pai amado!

- Ela está aqui, não está? - inquiriu Rubens.

- Sim, pai! Luiza e Dona Lúcia estão aqui.

Rubens sorriu, deu um beijo na testa de Marina e disse-lhe:

- Obrigado, minha filha! Obrigado por curar minha alma. Eu já não tenho mais medo!

Rubens levantou-se, deu alguns passos e caiu. Marta e Sofia correram para socorrê-lo, mas era tarde... Seu espírito já se encontrava liberto e amparado pela equipe de socorristas que o colocou na maca para prestar-lhe os primeiros atendimentos. Luiza olhou para Marina com carinho e, imitando seus gestos de menina, jogou-lhe um beijo no ar. E todos desapareceram de seu campo de visão...

Marina mentalmente agradeceu: “Obrigada, Senhor! Finalmente eles estão juntos novamente! Obrigada pela bênção do reencontro do amor que une as criaturas pela eternidade!”.

Passados dois anos, chegou o dia do casamento de Marina e Alberto. Marta fez questão de realizar a cerimônia em sua própria residência. No jardim, entre inúmeras flores, o altar foi armado. Ali, Juliano faria a bênção dos noivos, proferindo algumas palavras embasadas no Evangelho. Marina estava linda, mas um tanto melancólica, pois sentia profunda saudade do pai, seu grande amigo com quem sonhara viver aquele momento. Ao descer as escadas, porém, a jovem noiva avistou Rubens e Luiza. Ele, sorrindo, a aguardava em frente à porta. As lágrimas brotaram nos olhos de Marina. Ao aproximarem-se, Rubens, emocionado, disse-lhe:

- Não chore, querida! Não devo me demorar, pois ainda não possuo o equilíbrio necessário para tantas recordações. Contudo, recebi a bênção de cumprir com meu papel de pai e irei acompanhá-la até o altar.

Sob o olhar atento dos convidados, Marina seguia sozinha, pelo delicado caminho feito de pétalas de rosas, mas, na realidade, abraçado à filha, seguia Rubens, que a conduziu até Alberto, deu-lhe um beijo suave no rosto e sussurrou ao seu ouvido:

- Seja feliz, minha doce Marina!

Antes que ela pudesse dizer algo, ele desapareceu. Mentalmente, Marina agradeceu: “Obrigada, meu pai! Eu o amo!”.

Enquanto isso, Rubens, abraçado a Luiza, retornava feliz à colônia, imensamente agradecido pela bênção recebida. Iniciava-se uma nova etapa na vida de Rubens e Marina, mas o reencontro, algum dia, era a certeza que ambos traziam consigo!